

PERFIL DA AGRICULTURA SERGIPANA

2020



**Observatório
de Sergipe**

www.observatorio.se.gov.br

SECRETARIA DE ESTADO
GERAL DE GOVERNO



SERGIPE
GOVERNO DO ESTADO

APRESENTAÇÃO	4
1. PANORAMA GERAL DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA EM SERGIPE.	5
1.1 VALOR DE PRODUÇÃO ESTADUAL.	5
1.2 PRINCIPAIS MUNICÍPIOS PRODUTORES	6
1.3 PRINCIPAIS CULTURAS.	6
1.4 COMPARATIVOS REGIONAIS E NACIONAIS: SERGIPE VS NORDESTE E BRASIL	7
2 LAVOURAS DE CULTURA TEMPORÁRIA	9
2.1) ABACAXI	9
2.2) AMENDOIM	12
2.3) BATATA-DOCE	16
2.4) CANA-DE-AÇÚCAR	22
2.5) FEIJÃO	27
2.6) MANDIOCA	31
2.7) MILHO	36
2.8) TOMATE	42
3. LAVOURAS DE CULTURAS PERMANENTES.	47
3.1) BANANA	47
3.2) COCO-DA-BAÍÁ	50
3.3) GOIABA	54
3.4) LARANJA	57

3.5) LIMÃO	61
3.6) MAMÃO	65
3.7) MANGA	69
3.8) MARACUJÁ	73
3.9) TANGERINA	77
4. ANÁLISE TERRITORIAL DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA EM SERGIPE- 2020	81
4.1) VALOR DA PRODUÇÃO POR MUNICÍPIO.	81
4.2) TERRITÓRIOS DE PLANEJAMENTO E PRODUÇÃO AGRÍCOLA.	83
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.	87

Apresentação

A Secretaria de Estado Geral do Governo (SEGG), por meio do Observatório de Sergipe, apresenta o Perfil da Agricultura Sergipana 2020, elaborada a partir de dados da Produção Agrícola Municipal (PAM 2020) e do Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) 2021, organizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Os dados do LSPA são referências para a análise da tendência da produção das principais culturas produzidas no estado.

O texto aborda o resultado, por cultura, encontrado nas principais categorias de análise: valor de produção, quantidade produzida, rendimento médio e área plantada; o desempenho dos principais municípios produtores em Sergipe; os principais produtos do solo sergipano, entre outras temáticas pertinentes ao tema da agricultura local.

1. Panorama geral da produção agrícola em Sergipe.

Destaques da seção:

- Sergipe produziu, através de seu setor agrícola, em 2020, R\$ 1.786.495.000.
- O crescimento do valor, em relação a 2019, foi de 35,6%; é o melhor resultado da série histórica.
- Simão Dias (10,1%) e Carira (9,9%) se mantêm como os municípios com maiores participações no valor de produção agrícola estadual.
- Foram colhidos 275.690 hectares de terra no estado para um total de 18 produtos. .
- O milho é o principal produto agrícola do estado, correspondendo a 52,6% do valor total.
- O peso da região Nordeste no produto agrícola nacional foi de 12%; dentro do Nordeste, Sergipe contribui com 3%; no cenário nacional, participou com 0,4%.

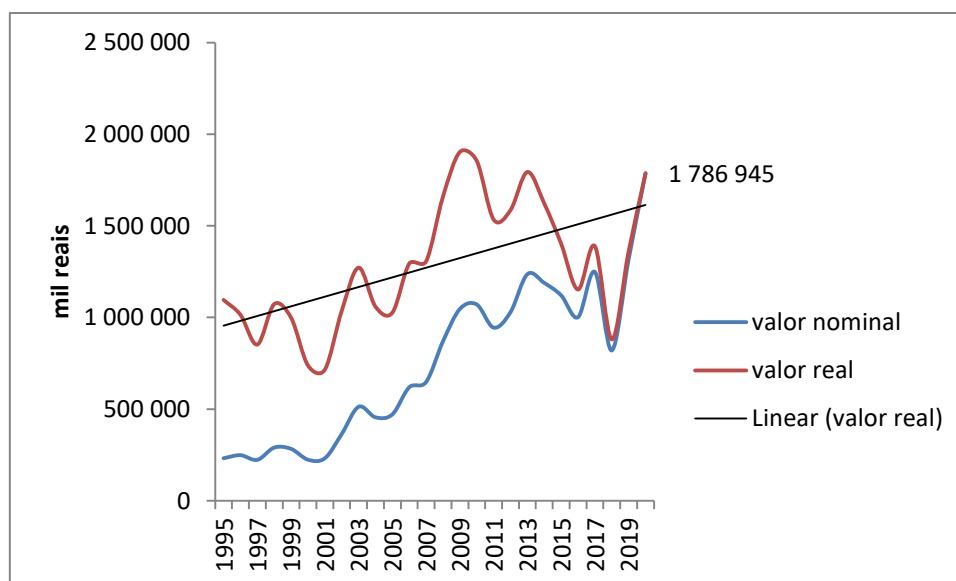
1.1 Valor de produção estadual.

Segundo a Pesquisa Agrícola Mensal, Sergipe produziu, em termos de valor monetário, R\$ 1.786.495.000, no ano de 2020.

Em comparação com o apurado no ano anterior houve crescimento de 35,6% em termos de valores nominais.

Trata-se do maior valor nominal apurado na série histórica da pesquisa, iniciada em 1974. O parâmetro temporal aqui selecionado, para início da análise, é 1995, em função do advento do Plano Real (1994).

Gráfico 1- Evolução dos valores nominal e real da produção agrícola sergipana (1995-2020)



Fonte: PAM 2020, IBGE.

1.2 Principais municípios produtores.

Os cinco municípios que mais participaram no valor total da produção estão listados na tabela abaixo. Em relação ao mesmo ranking, para o ano passado, não houve alteração na lista. Em capítulo subsequente serão debatidas as causas desta liderança por parte desses municípios. Por ora, note-se que, somados, representam 33,6% do total do valor da produção agrícola sergipana, mesma proporção observada no ano anterior, denotando continuidade no cenário produtivo do estado.

Tabela 1: Municípios com maior participação na produção agrícola sergipana

Município	Valor (mil reais)	Participação na produção total (%)
Simão Dias (SE)	180.638	10,1%
Carira (SE)	176.366	9,9%
Frei Paulo (SE)	108.075	6,0%
Neópolis (SE)	72.608	4,1%
Lagarto (SE)	64.513	3,6%
Sergipe	1.786.495	100%

Fonte: PAM (2020), IBGE.

1.3 Principais culturas.

Já em relação ao apurado por tipo de cultura, nota-se que o milho, sozinho, representa mais da metade (52,6%) do valor obtido pela pesquisa. Este resultado representa aumento aproximado de 10 pontos percentuais (p.p) no peso dessa cultura em relação ao ano de 2019 (43,1%). As demais culturas, em função disso, diminuirão seu próprio peso de contribuição, conforme será demonstrado mais à frente, caso a caso, quando da análise do desempenho de cada cultura.

Por ora, ressalte-se a estrutura agrícola consolidada do estado, com as cinco principais culturas apresentando pouca variação em seu comportamento, e tendo o milho como seu carro-chefe.

Tabela 2: Culturas com maior participação na produção agrícola sergipana

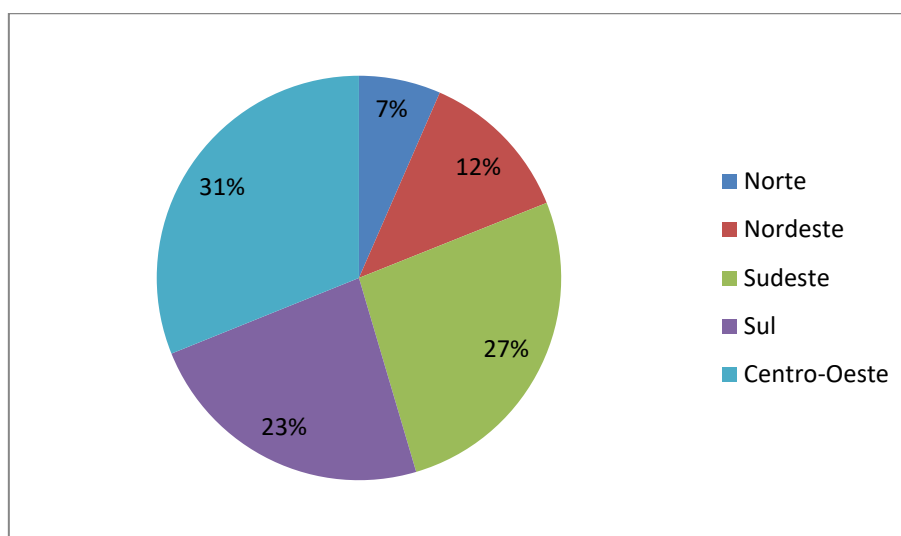
Tipo de cultura	Valor (mil reais)	Participação na produção total (%)
Milho	940.512	52,6%
Laranja	214.496	12,0%
Cana-de-açúcar	187.954	10,5%
Coco-da-baía	136.843	7,7%
Batata-doce	60.169	3,4%
Mandioca	59.377	3,3%
Sergipe	1.786.495	100%

Fonte: PAM (2020), IBGE.

1.4 Comparativos regionais e nacionais: Sergipe vs Nordeste e Brasil

Em termos comparativos, a primeira análise a ser feita é a regional. Nessa perspectiva, a região Nordeste contribuiu com 12% (R\$ 58.323.828.000) do valor produzido pela agricultura brasileira (R\$ 470.481.746.000).

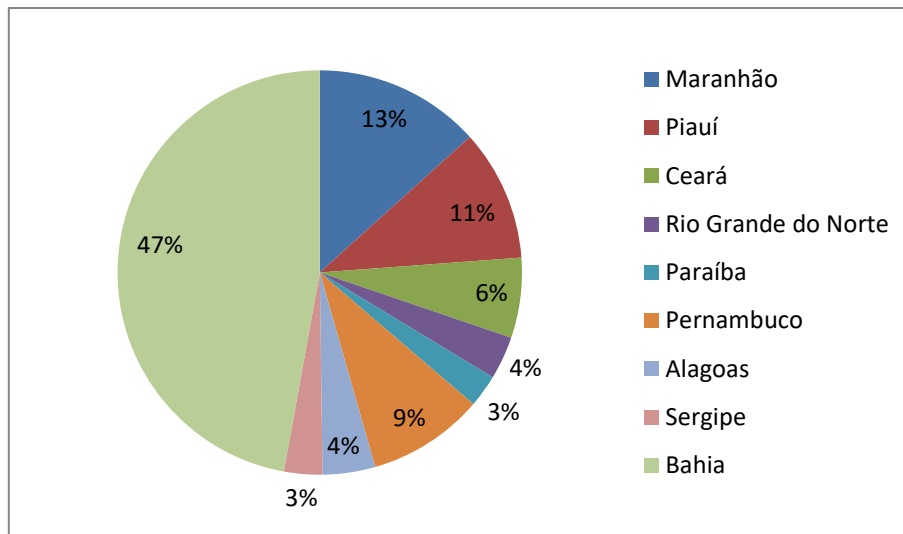
Gráfico 1: Participação das regiões no valor de produção agrícola nacional.



Fonte: PAM (2020), IBGE.

Quando o olhar se volta para o cenário regional nordestino, tem-se o seguinte quadro:

Gráfico 2- Participação das unidades federativas no valor da produção agrícola nordestina.



Fonte: PAM (2020), IBGE.

A Bahia representa quase metade do total do valor produzido pela região, com números bem maiores que as outras unidades federativas (R\$ 27.500.462.000).

Regionalmente, Sergipe tem desempenho semelhante ao de Alagoas, ao da Paraíba e ao do Rio Grande do Norte, todos abaixo de 5%, formando o último escalão da região; Maranhão, Pernambuco e Piauí compõe a segunda faixa.

Na comparação com o apurado em 2019, não houve alterações expressivas nesse cenário.

Tabela 3- Ranking nacional do valor da produção agrícola das unidades federativas

Ranking	UF	Valor (mil reais)	Participação no produto agrícola nacional (%)
1	Mato Grosso	79.209.570	16,8
2	São Paulo	68.013.055	14,5
3	Paraná	59.852.968	12,7
4	Minas Gerais	47.626.710	10,1
5	Rio Grande do Sul	38.076.630	8,1
20	Sergipe	1.786.945	0,4

Fonte: PAM (2020), IBGE.

A unidade federativa com maior valor de produção apurado foi o Mato Grosso, mantendo o padrão observado desde o início da década de 1990; Sergipe ocupa a vigésima colocação nacional, tendo contribuído com menos de 1% para o produto agrícola nacional.

A seguir será apresentado o detalhamento de todas as 17 culturas monitoradas pela PAM em Sergipe.

2 Lavouras de cultura temporária.

Destaques desta seção:

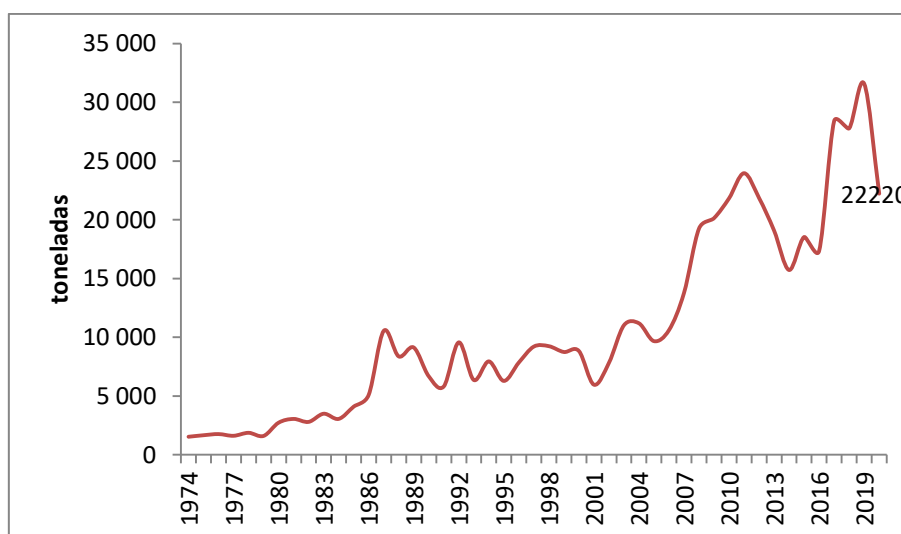
- A lavoura de batata-doce registrou sua maior quantidade produzida desde o início da série histórica. Itabaiana e Moita Bonita estão entre os maiores produtores do país.
- A cana-de-açúcar registrou aumento de 10,1% na quantidade produzida.
- O feijão, assim como a mandioca, continua em tendência de queda gradual e constante, em função do avanço do milho. A diferença entre as quantidades produzidas durante os anos que antecedem o avanço do milho e o momento atual é de quase 80%.
- O milho mantém sua trajetória de expansão, obtendo o melhor resultado da série em quantidade, valor e rendimento médio; 16 municípios de Sergipe já utilizam 100% de suas áreas de lavoura para seu cultivo.

2.1) Abacaxi

a) Quantidade produzida

Em termos de quantidade produzida, houve redução de 29,2%, em relação ao ano de 2019. Foram 31.754 toneladas produzidas em 2019, contra 22.220 no ano sob análise. É o que informa o gráfico abaixo.

Gráfico 3- Evolução da quantidade de abacaxis em Sergipe (1974-2020).

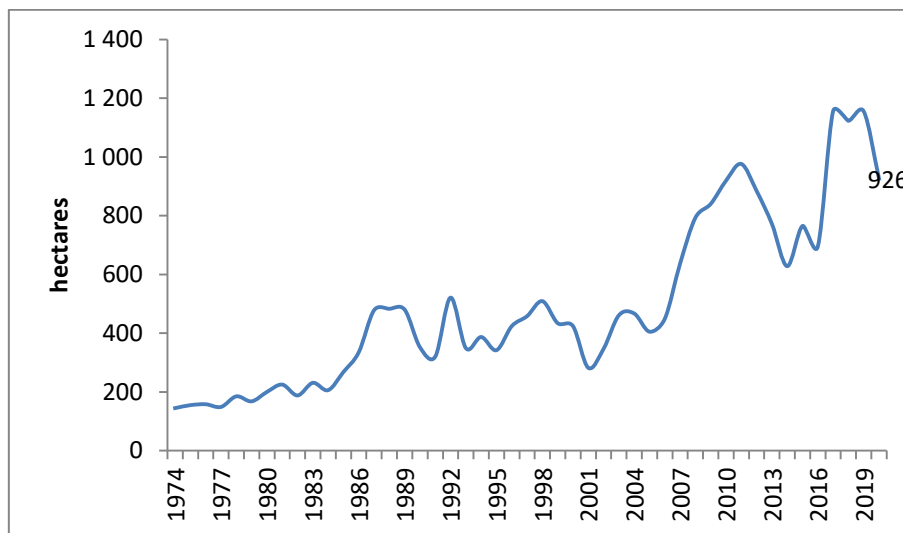


Fonte: PAM (2020), IBGE.

b) Área colhida

Houve também redução na área colhida: de 1155 hectares para 926, significando 19,8% de queda.

Gráfico 4- Evolução da área colhida de abacaxis em Sergipe (1974-2020)

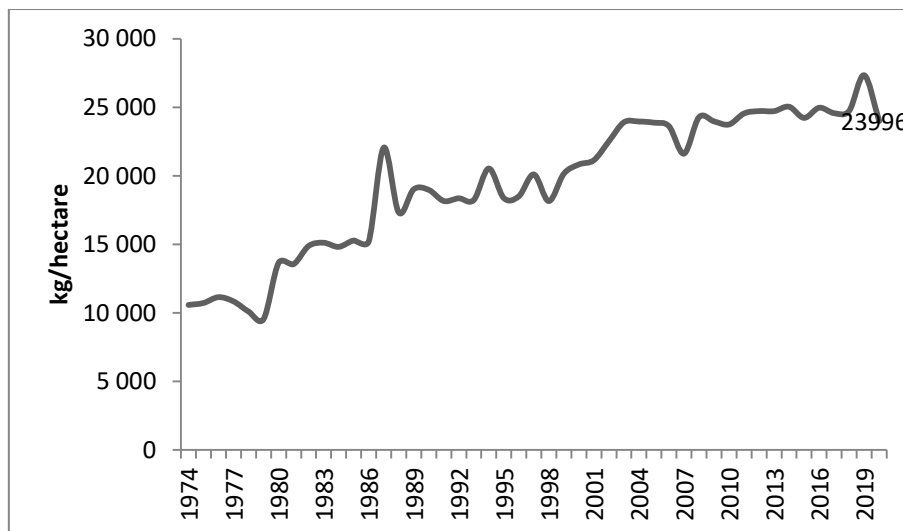


Fonte: PAM (2020), IBGE.

c) Rendimento médio

O rendimento médio, conceito que afere a quantidade por hectare, também apresentou perdas, com 12,2% de redução em relação a 2019. Em 2020 foram produzidos 23.996 quilogramas por hectare; já em 2019, o número foi de 27.337.

Gráfico 6- Evolução do rendimento médio da produção de abacaxis em Sergipe (1974-2020)



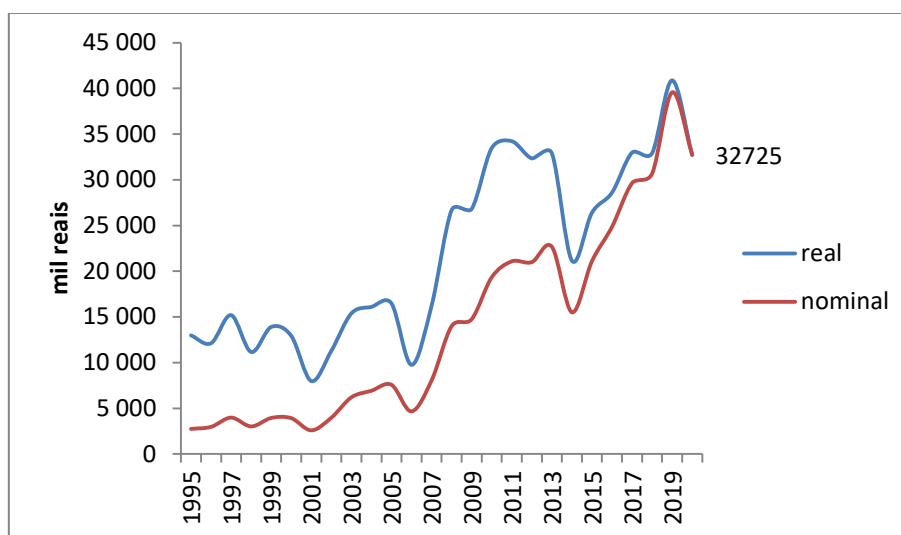
Fonte: PAM (2020), IBGE.

d) Valor de produção

Importante notar que, em 2019, a produção de abacaxis alcançou seu melhor resultado no que diz respeito à produtividade, bem como nos demais indicadores até aqui apresentados.

Assim, em termos de valor da produção, houve queda de 17,3% entre 2019 e 2020. Em 2019, foram obtidos R\$ 39.571.000, contra R\$ 32.725.000 em 2020.

Gráfico 7- Evolução dos valores real e nominal de produção do abacaxi em Sergipe (1994-2020)



Fonte: PAM (2020), IBGE.

Diferente do que ocorreu com os outros indicadores, o início da análise de valor se dá a partir de 1995, em função da adoção do Plano Real (1994).

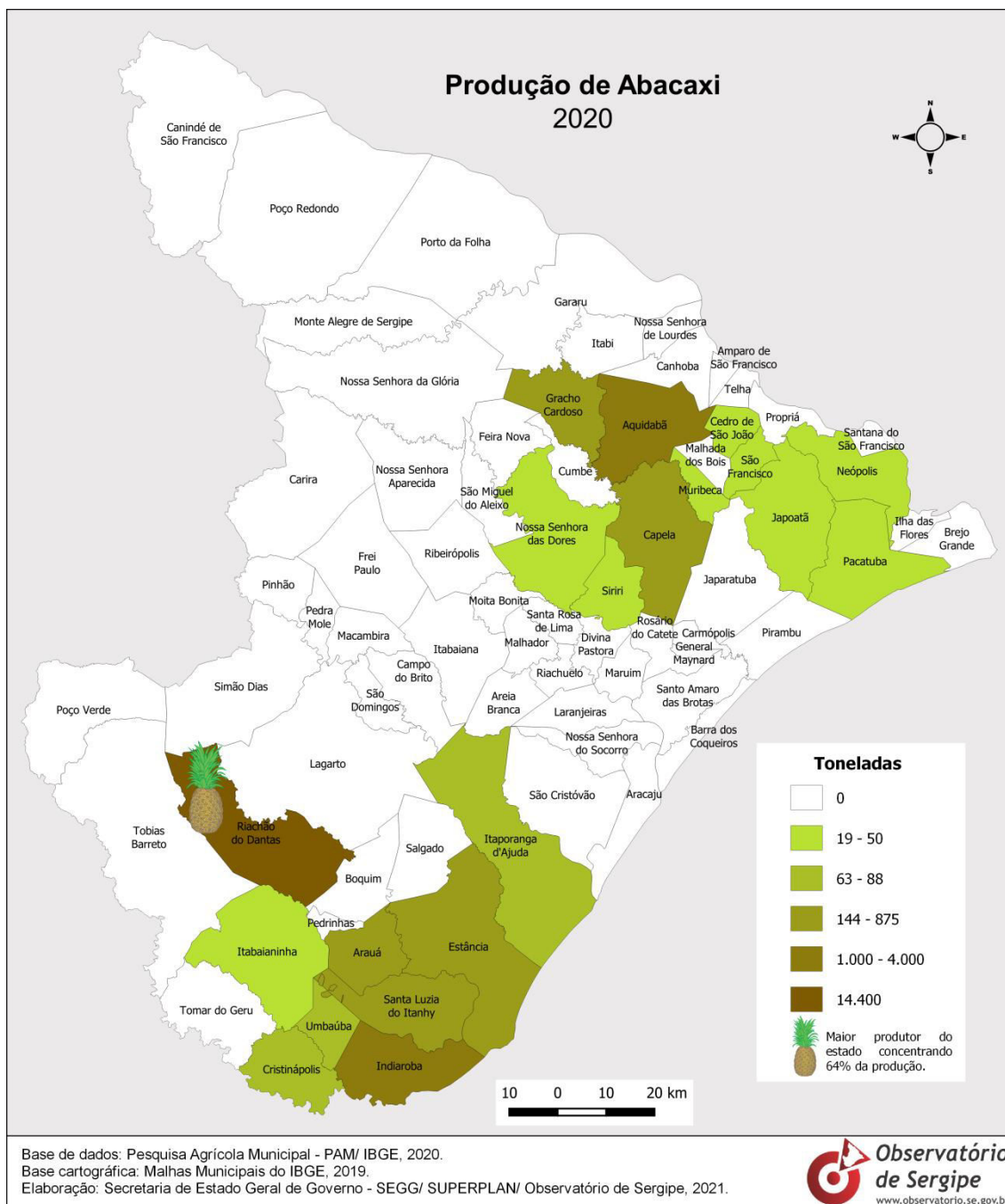
A série foi deflacionada pelo IPCA, a fim de favorecer a comparação entre valores em distintos pontos do tempo, levando em conta as perdas geradas pela inflação. Com isso, é possível perceber que as quedas percebidas em alguns anos são de maior impacto do que os valores nominais permitem aferir.

O município que mais produziu abacaxi em Sergipe foi Riachão do Dantas, mantendo a liderança registrada também no ano passado. Não obstante, a produção registrou queda de 31,4% na quantidade produzida.

Por fim, registre-se que o município concentrou 29,7% da produção estadual, no ano de 2020.

Segue, abaixo, cartograma da produção estadual da fruta.

Figura 1: Cartograma da produção de abacaxi em Sergipe em 2020

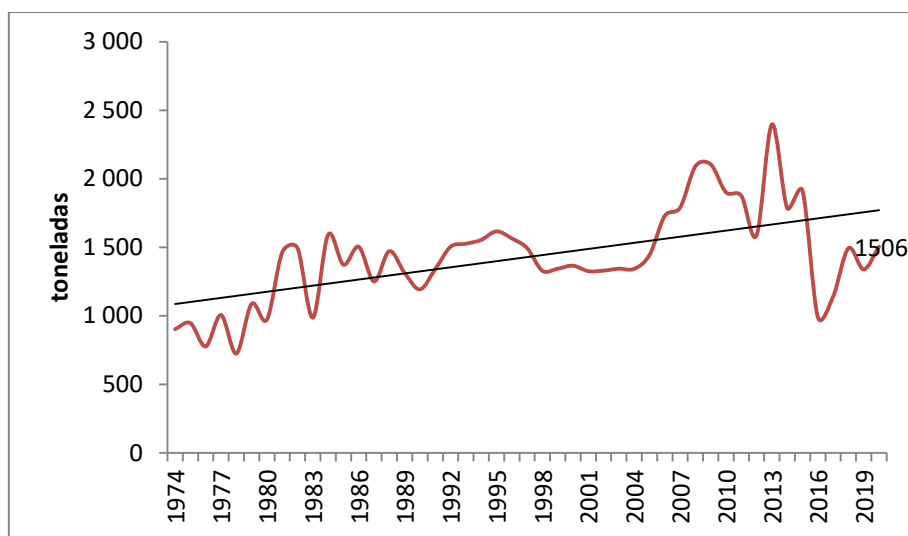


2.2) Amendoim
a) Quantidade produzida

Importante e tradicional alimento do nordestino, o amendoim em Sergipe apresentou ligeira evolução no que diz respeito à quantidade produzida.

Em 2019 foram produzidas 1.339 toneladas do legume. Já em 2020, foram 1.506, com aumento de 12,5%.

Gráfico 8- Evolução da quantidade de amendoim produzida em Sergipe (1974-2020)



Fonte: PAM (2020), IBGE.

É possível perceber que a cultura vem se recuperando lentamente da vertiginosa queda observada entre 2013 e 2016, mormente na passagem 2015-2016, quando houve queda de 48,2%- de 1.912 para 991.

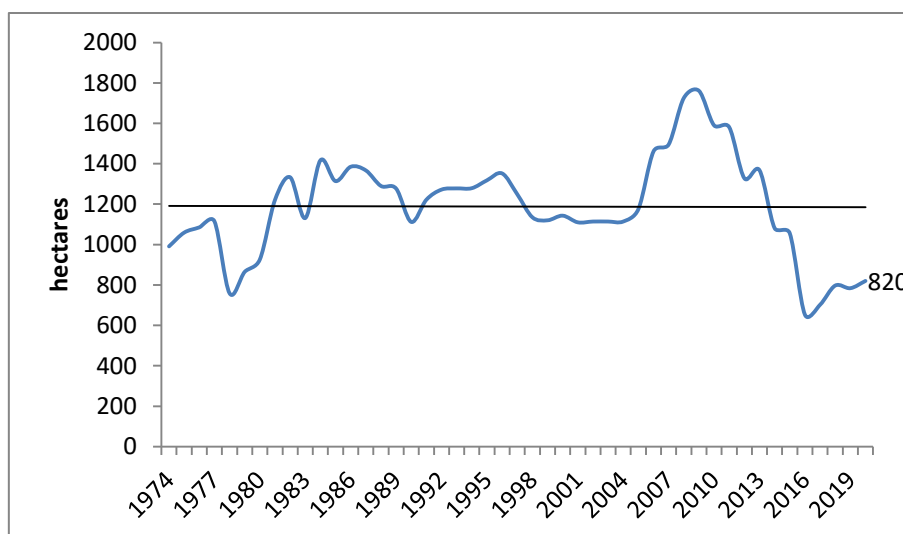
Em 2013, auge da cultura no quesito quantidade, foram produzidas 2.397 toneladas do legume.

b) Área colhida

Em relação à área colhida, os números recentes mostram queda gradual e constante na extensão da lavoura. Em que pese a referida queda, houve aumento de 4,6 % na quantidade de hectares utilizados em 2020, em relação a 2019: 784 em 2019, 820 no último ano.

O gráfico abaixo ilustra esse movimento.

Gráfico 9- Evolução da área colhida de amendoim (1974-2020)



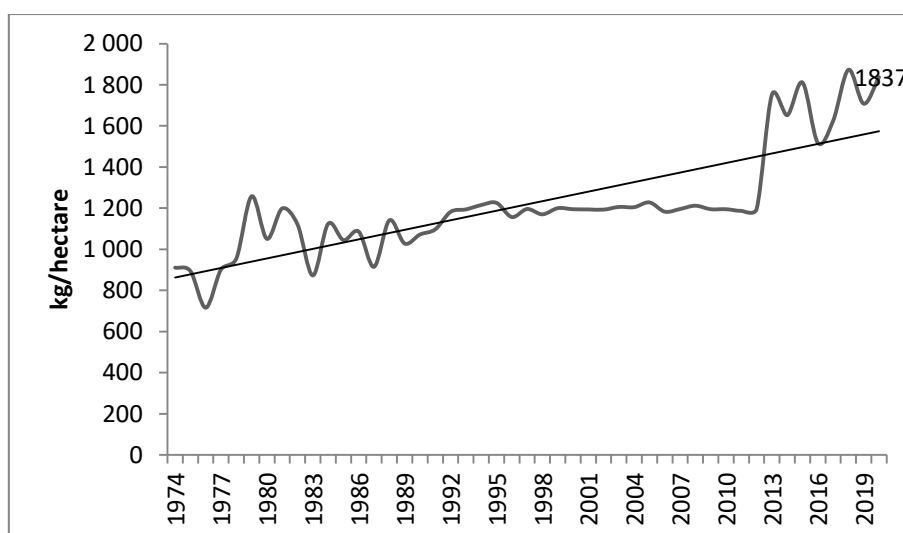
Fonte: PAM (2020), IBGE.

Perceba-se que, após redução constante na área utilizada, a partir de 2014, os dois últimos anos foram de recuperação, ainda que leve.

c) Rendimento médio

Em relação ao rendimento médio, é possível perceber que a trajetória do indicador é ascendente, e, nos últimos anos, atingiu seu pico de desempenho.

Gráfico 10- Evolução do rendimento médio da produção de amendoim (1974-2020)



Fonte: PAM (2020), IBGE.

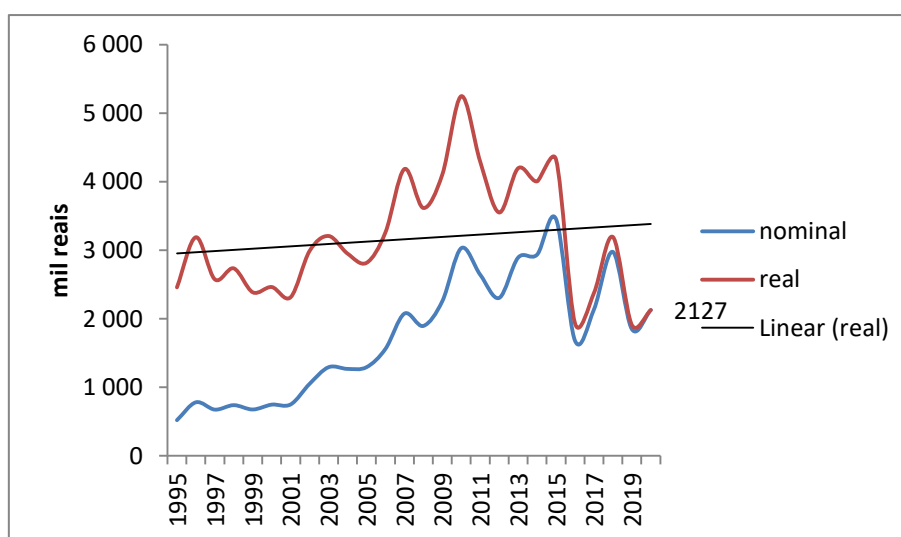
Em função de ser indicador composto por dois outros, sua análise é complexa e deve levar em conta as variações observadas na quantidade e na área utilizada.

De modo geral, trata-se de indicador capaz de fornecer pistas sobre o uso de tecnologias que tornem a produção mais intensiva, em detrimento da extensividade.

d) Valor de produção.

Em relação ao valor nominal de produção obtido pela lavoura de amendoim, em 2020 houve ligeiro crescimento em relação a 2019: 11,4%. Foram R\$ 1.909.000 em 2019, e 2.127.000 em 2020.

Gráfico 11- Evolução do valor de produção real e nominal



Fonte: PAM (2020), IBGE.

O gráfico acima revela que, após vertiginosa queda na passagem 2015-2016, a série se recupera no ano seguinte, para novamente experimentar queda considerável no ano de 2019, vindo a se recuperar levemente no atual ano, conforme apontado acima.

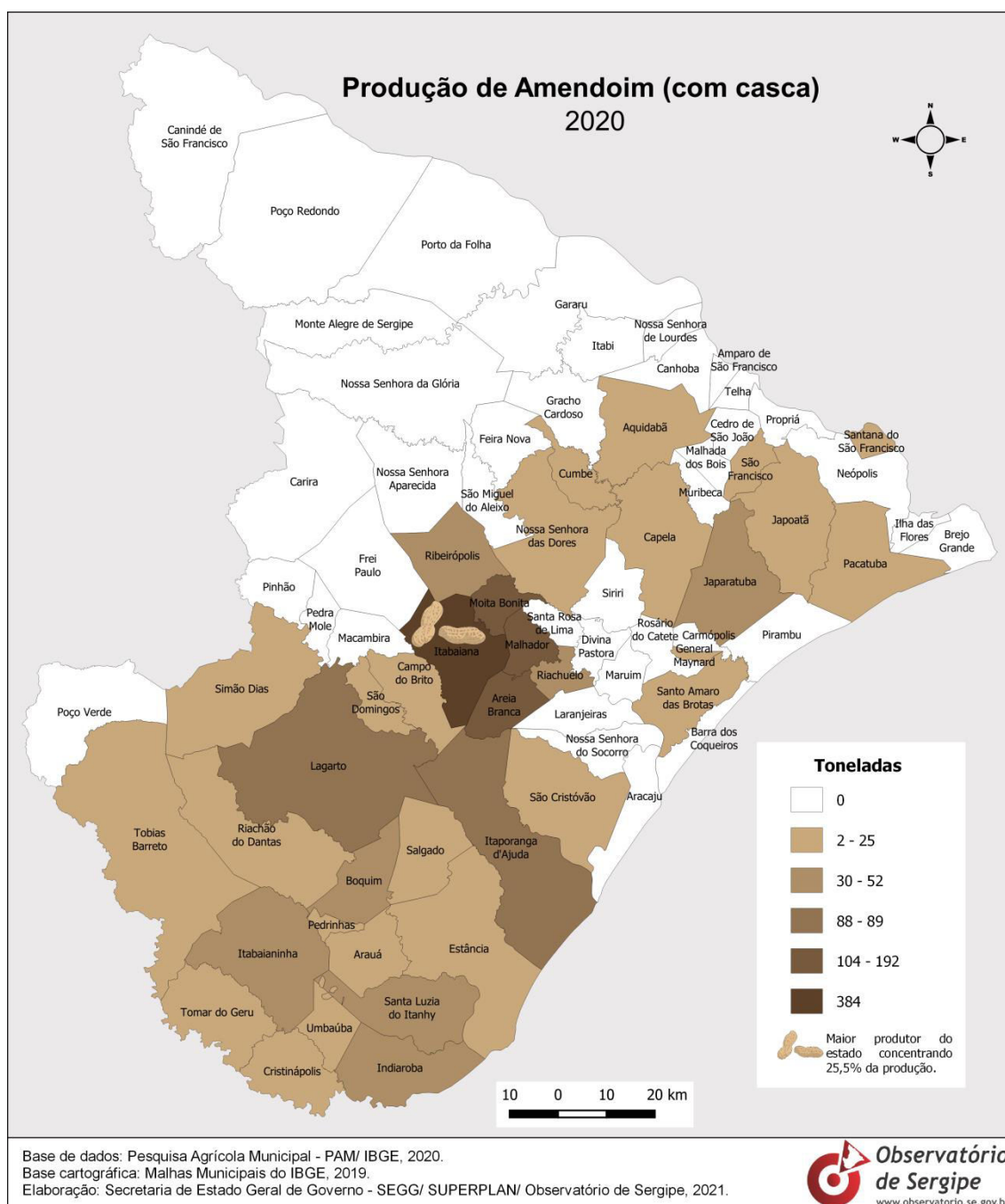
Por fim, é importante recordar que o amendoim verde cozido é patrimônio imaterial de Sergipe, por força da lei nº. 7.682/13, de autoria da deputada Ana Lúcia (PT). Tal condição revela a importância do alimento, e implica na necessidade constante de monitoramento das condições dos produtores.

O município que mais produziu amendoim no ano de 2020 foi Itabaiana, como ocorre tradicionalmente.

Itabaiana concentrou 25,5% da produção da leguminosa, ou 384 toneladas. Frente ao ano anterior, quando foram colhidas 329 toneladas, foi registrado aumento de 16,7% na quantidade produzida.

Abaixo, segue cartograma da produção estadual de amendoim.

Figura 2- Produção de amendoim em Sergipe em 2020



2.3) Batata-doce

a) Quantidade produzida

Tradicional lavoura do agreste nordestino, a batata-doce ocupa espaço de destaque na economia agrícola sergipana.

Trata-se de alimento de importância histórica na formação da região nordestina, cultivado de forma consorciada com feijão, milho e outros.

Atualmente, Sergipe é o segundo maior produtor de batata-doce nordestina. Ao nível nacional, Sergipe ocupa a sexta colocação no ranking de produtores, conforme informa tabela que se segue:

Tabela 4- Unidades federativas que mais produziram batata-doce em 2020.

UF	Toneladas
São Paulo	182.759
Rio Grande do Sul	133.605
Ceará	101.187
Minas Gerais	68.142
Paraná	57.755
Sergipe	56.749
Brasil	847.896

Fonte: PAM (2020), IBGE.

Ainda sobre a importância do tubérculo para a lavoura sergipana, destaque-se que os municípios de Itabaiana e Moita Bonita aparecem, respectivamente, como segundo e terceiro colocados no ranking nacional de municípios produtores.

Tabela 5- Municípios brasileiros que mais produziram batata-doce em 2020.

Município	Toneladas
São Benedito (CE)	40.036
Itabaiana (SE)	23.750
Moita Bonita (SE)	22.400
Braúna (SP)	14.400
Mariana Pimentel (RS)	6.300

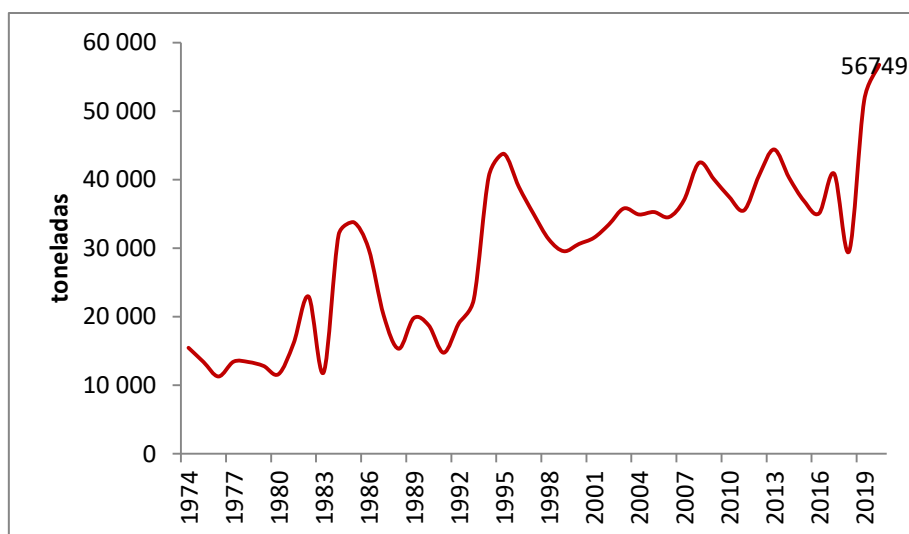
Fonte: PAM (2020), IBGE.

Em relação à evolução do cultivo de batata-doce em Sergipe, a produção apresentou alta pelo segundo ano consecutivo, após brusca queda em 2018.

A recuperação observada no ano anterior, em relação a 2018, foi de 42,7%. Já em 2020, foram colhidas 56.749 toneladas de batata-doce, um aumento de 9,2%.

Essas considerações podem ser visualizadas a partir do gráfico abaixo:

Gráfico 12- Evolução da quantidade produzida de batata-doce em Sergipe (1974-2020).



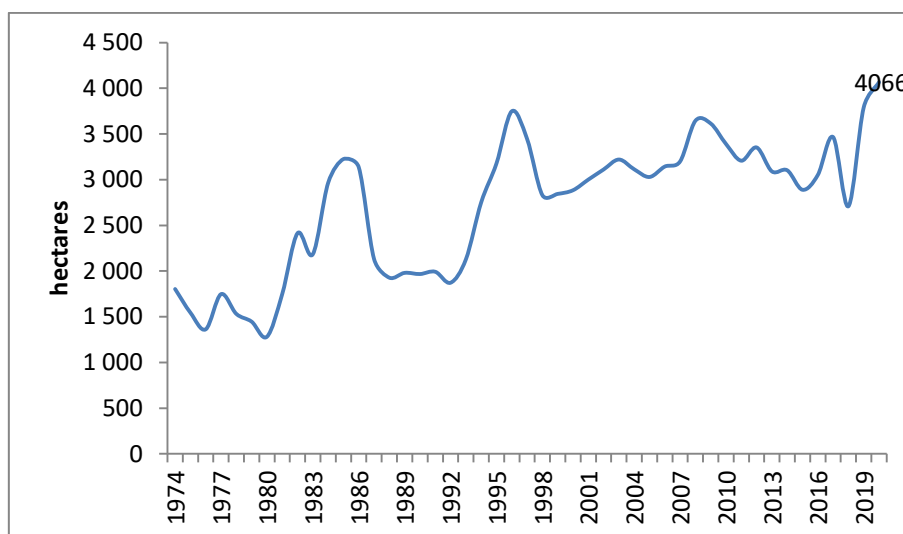
Fonte: PAM (2020), IBGE.

Ainda sobre a quantidade produzida, nota-se que, em 2020, a produção atingiu recorde em tal indicador, abrindo a perspectiva de manutenção da produção em patamares acima das 50 mil toneladas.

b) Área colhida

Em relação à área colhida, a batata-doce também apresentou recorde: foram colhidos 4.066 hectares em 2020, um aumento de 7,3% em relação a 2019. Refletindo a recuperação da queda supracitada, do ano de 2018, o aumento da área colhida entre o referido ano e no que se analisa foi de 50,1%. Assim, em 2018, o pior ano desde 1994 para a cultura, a área colhida foi de 2.709 hectares, saltando para 3.791 em 2019.

Gráfico 13- Evolução da área colhida de batata-doce em Sergipe (1974-2020)

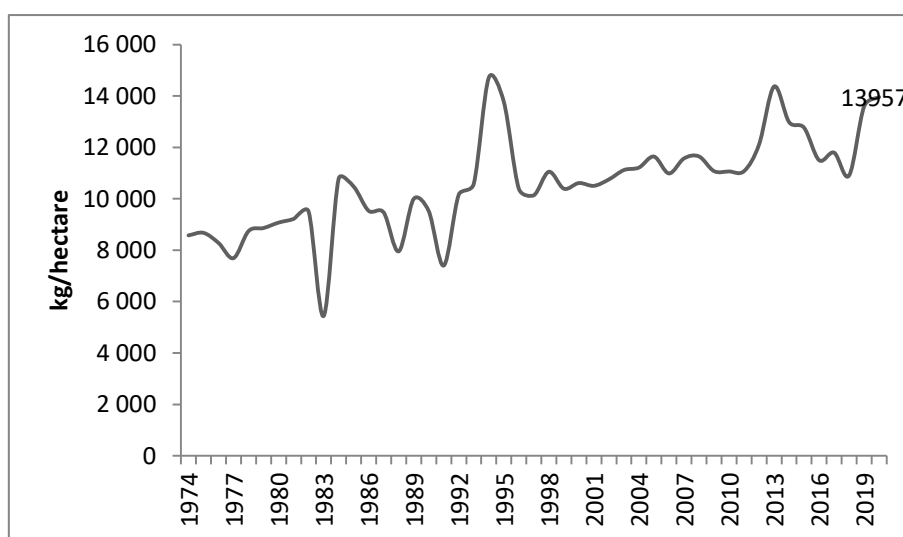


Fonte: PAM (2020), IBGE.

c) Rendimento médio

O rendimento médio da batata-doce em Sergipe, em 2020, foi de 13.957 kg/hectare, um aumento de 2,6% em relação a 2019, quando foram produzidos 13.598 kg/hectare. Esse resultado mantém a tendência de recuperação dos baixos números observados em 2018, quando foram produzidos 10.910 kg/hectare.

Gráfico 14- Evolução do rendimento médio da produção de batata-doce em Sergipe (1974-2020)



Fonte: PAM (2020), IBGE.

O resultado obtido em 2020 é o segundo melhor da série histórica, atrás apenas do ano de 1994, quando foram produzidos 14.712 kg/hectare.

Em decorrência da relevância da batata-doce para o estado sergipano, em especial para a região Agreste, cabem algumas palavras acerca da produtividade do tubérculo no Brasil.

Tabela 6- Unidades produtivas com melhores rendimentos médios da produção de batata-doce em 2020

Ranking	UF	kg/hectare
1	Mato Grosso	25.220
2	Espírito Santo	22.972
3	Paraná	21.786
4	Roraima	21.750
5	Ceará	19.440
6	Brasil	14.255
13	Sergipe	13.957

Fonte: PAM (2020), IBGE.

Conforme a tabela acima indica, Sergipe está distante dos níveis de produtividade alcançados pelos líderes do quesito, porém, aproxima-se da média nacional de rendimento.

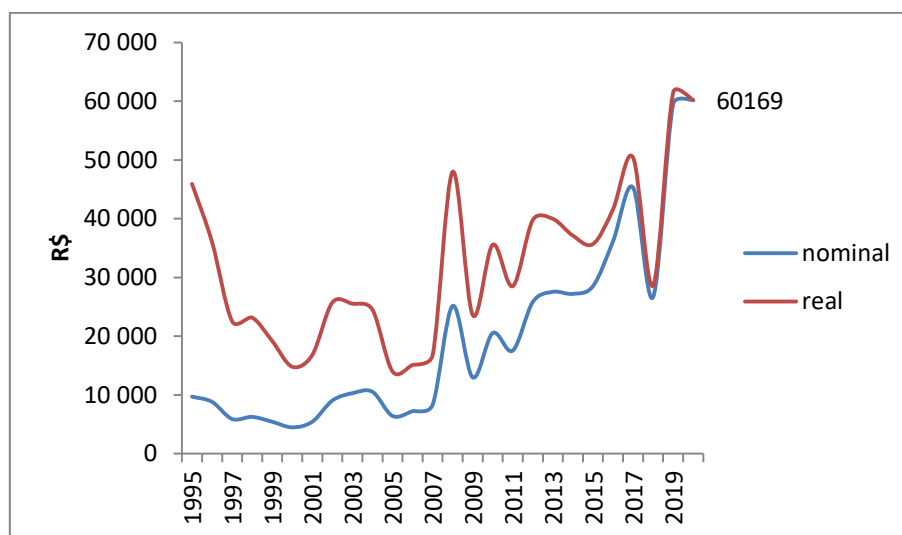
A relevância da lavoura para Sergipe, bem como o destaque dos municípios do Agreste na produção, deve trazer a atenção dos envolvidos no processo produtivo, garantindo que as melhores práticas e tecnologias disponíveis sejam usadas na lavoura. Isso significa garantir assistência técnica adequada, investir em insumos e maquinário e atentar-se às condições de inserção dos produtores no mercado.

d) Valor de produção

O valor nominal da produção de batata-doce em Sergipe foi de R\$ 60.169.000, para o ano de 2020. Como observado no comportamento dos demais indicadores, o movimento é de consolidação da recuperação em relação a 2018.

Entre 2019 e 2020, foi registrado aumento de 2,5%, indicando, antes de tudo, estabilidade. Contudo, se o ano de 2018 for tomado como base, o aumento foi de 55,7%.

Gráfico 15- Evolução dos valores nominal e real da produção de batata-doce em Sergipe (1995-2020).

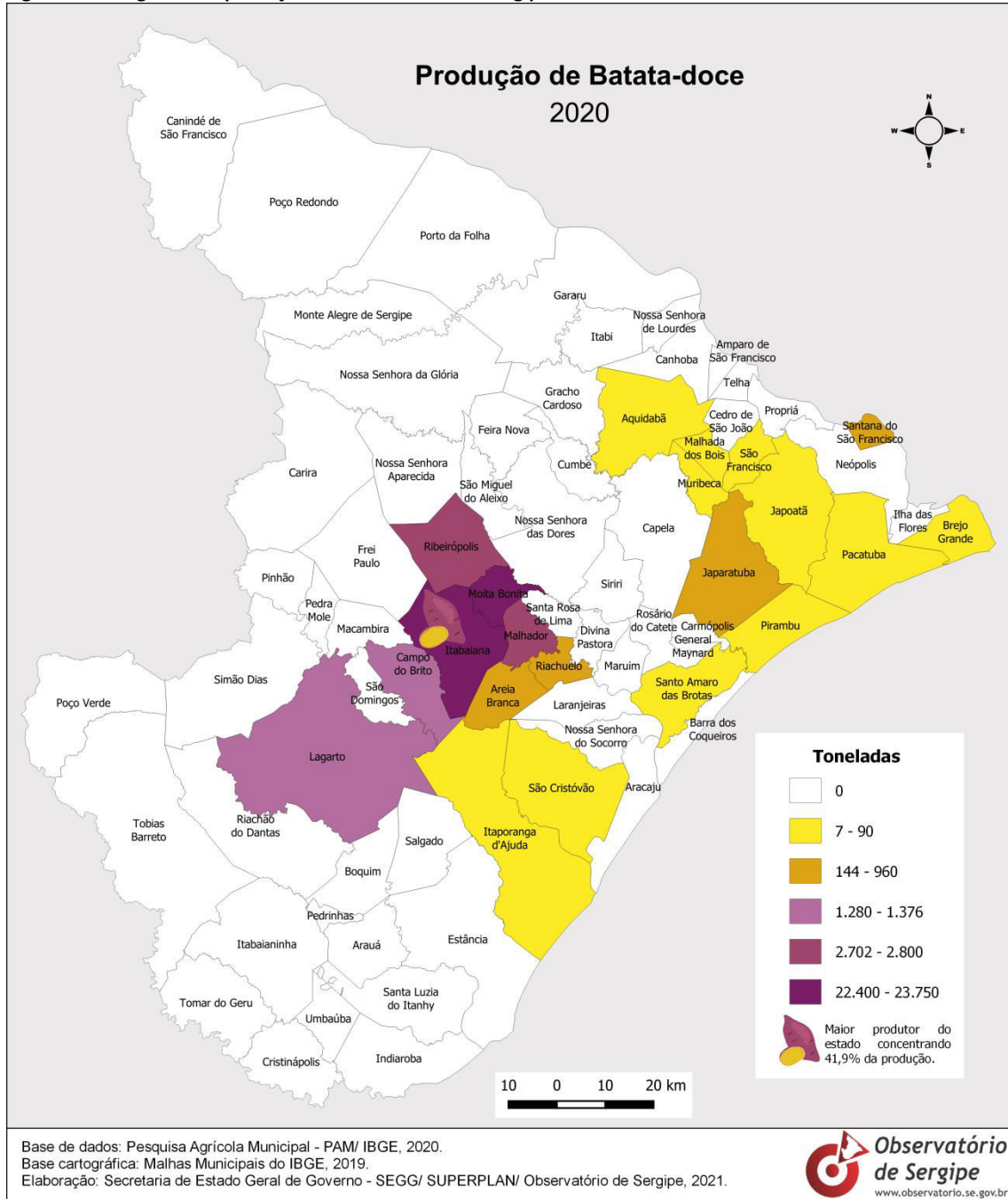


Fonte: PAM (2020), IBGE.

É interessante perceber que há uma mudança substancial no patamar de valores, quando da recuperação em 2019. Até o ano de 2017, o maior valor nominal obtido pela lavoura havia sido de R\$ 36.142.000, em 2016. Em 2017, chega-se aos R\$ 45.315.000, para então cair a R\$ 26.665.000. Nos últimos dois anos, a produção atingiu o patamar dos R\$ 60.000.000, o que contribui positivamente, aumentando as expectativas dos produtores para a safra subsequente.

Segue, abaixo, cartograma da produção:

Figura 3- Cartograma da produção de batata-doce em Sergipe em 2020.



2.4) Cana-de-açúcar

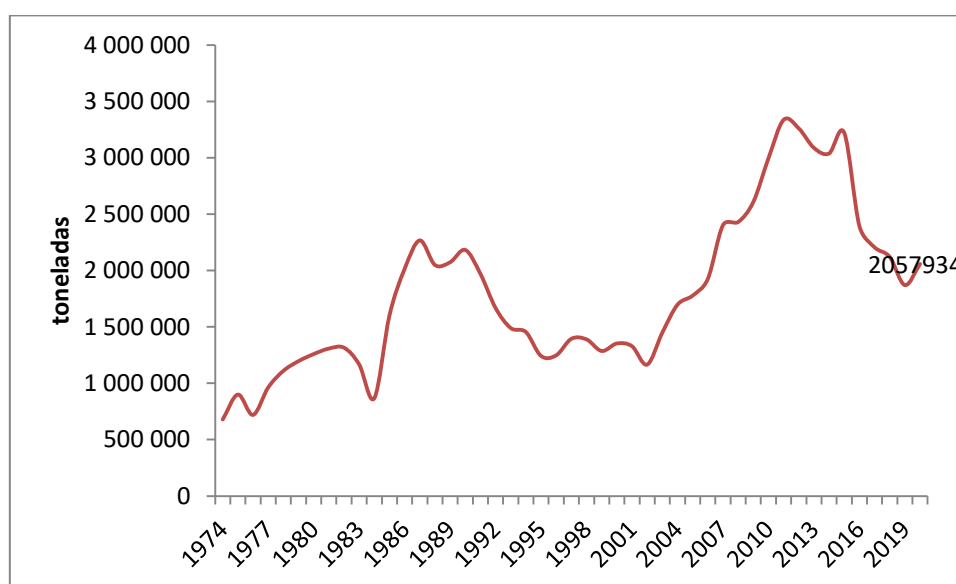
a) Quantidade produzida

Ligada diretamente ao processo de ocupação da região nordestina, a cultura da cana-de-açúcar possui, para além do peso econômico daí decorrente, profundo significado histórico.

Não obstante tal relevância, a região nordestina deixou de ser o principal centro produtor de cana-de-açúcar do país, conforme outros polos passaram a se configurar, em especial no estado de São Paulo.

Desde 2015, a lavoura de cana-de-açúcar, em Sergipe, vem em processo de queda gradual. Esse movimento ocorre após uma década de expansão, conforme será apresentado no gráfico que segue abaixo:

Gráfico 16- Evolução da quantidade de cana-de-açúcar produzida no estado de Sergipe (1974-2020)



Fonte: PAM (2020), IBGE.

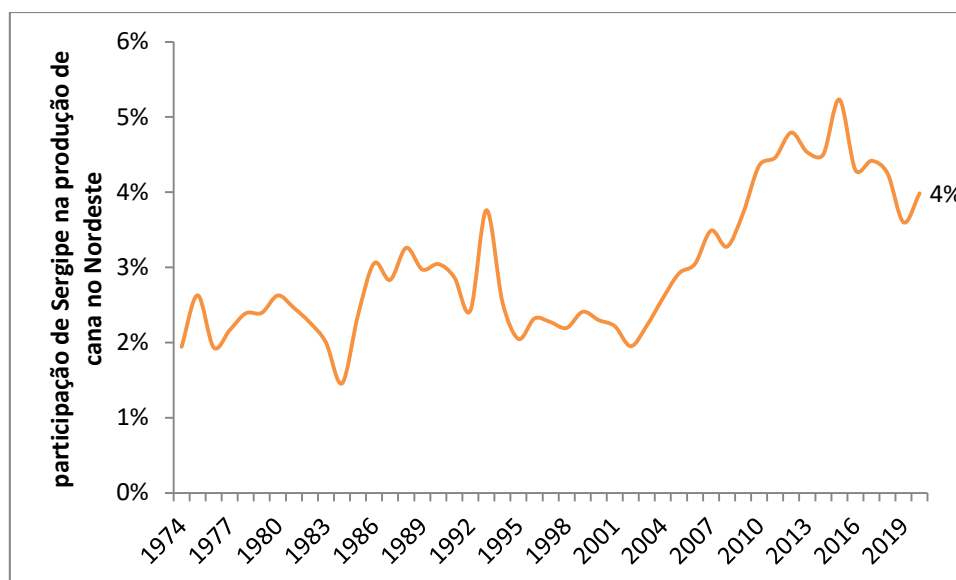
Conforme se observa, em 2004 foram produzidas 1.696.508 toneladas. No ano de 2015, fim do período de expansão, foram produzidas 3.220.415, um aumento de 75,7% em relação ao referido ano de 2004.

A partir de 2016, quando foram colhidas 2.393.110, a trajetória é de queda: em relação a 2015, foram 827.305 toneladas a menos, ou 25,7%. Em 2019, após 4 anos de queda ininterrupta, foram colhidas 1.869.853 toneladas. Tendo como referencial o já citado ano de 2015, a queda foi de 41,9%.

No ano de 2020, foram 2.057.934, representando aumento de 10,1% em relação a 2019.

Dada a relevância histórica e econômica desta lavoura para a região nordestina, é necessário pensar o desempenho da cultura canieira sergipana à luz da evolução da produção regional. É com esse intuito que se expõe o gráfico a seguir:

Gráfico 18- Participação de Sergipe na produção de cana-de-açúcar na região Nordeste (1974-2020).



Fonte: PAM (2020), IBGE.

Percebe-se que, no auge de sua participação, Sergipe não contribui com mais de 5% da produção regional.

Essa baixa participação pode ser explicada pela histórica liderança dos estados de Alagoas e Pernambuco, os quais concentraram, em 2020, 59% da produção da região, o que os coloca bem acima das demais unidades federativas. Neste ranking, Sergipe aparece em 7º lugar.

Tabela – Produção de cana-de-açúcar por UF da região Nordeste (2020).

UF	toneladas	participação
Alagoas	15.293.563	30%
Pernambuco	14.826.596	29%
Paraíba	5.673.632	11%
Bahia	5.449.639	11%
Rio Grande do Norte	3.913.165	8%
Maranhão	2.838.087	5%
Sergipe	2.057.934	4%
Piauí	1.002.464	2%
Ceará	588.109	1%
Total	51.643.189	100%

Fonte: PAM (2020), IBGE.

b) Área colhida

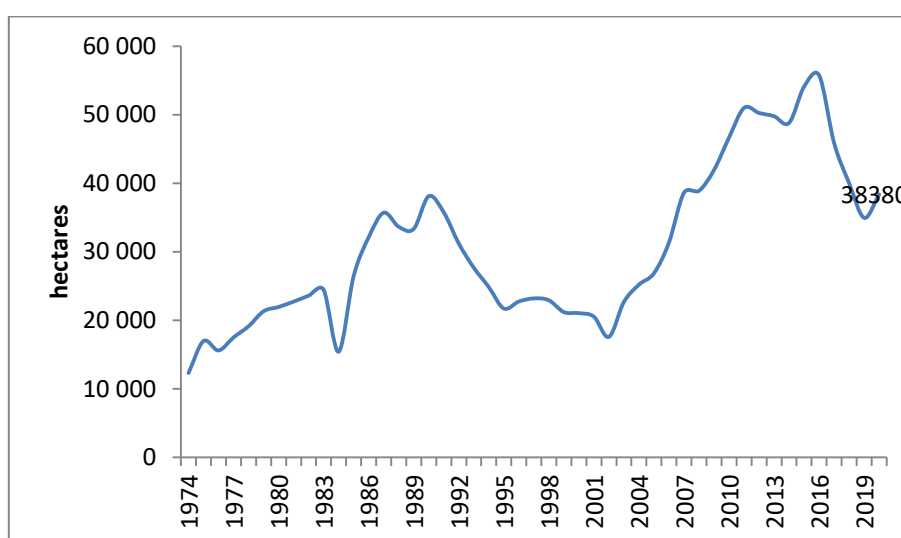
Em consonância ao movimento observado pelo indicador “quantidade produzida”, a área de colheita da cana-de-açúcar no estado passou por processo de expansão no início da primeira década do século XXI, para, a partir de 2016, experimentar redução constante.

Em 2004, foram colhidos 25.202 hectares; já em 2015, 54.097, um aumento de 114,7% na área de colheita.

A partir daí, no entanto, a trajetória expansiva é interrompida. Em 2019, foram colhidos 34.951 hectares, representando uma queda de 35,4%, novamente, tendo o ano de 2015 como referencial.

Observe-se o gráfico abaixo:

Gráfico 19- Evolução da área colhida da cultura da cana-de-açúcar em Sergipe (1974-2020).



Fonte: PAM (2020), IBGE.

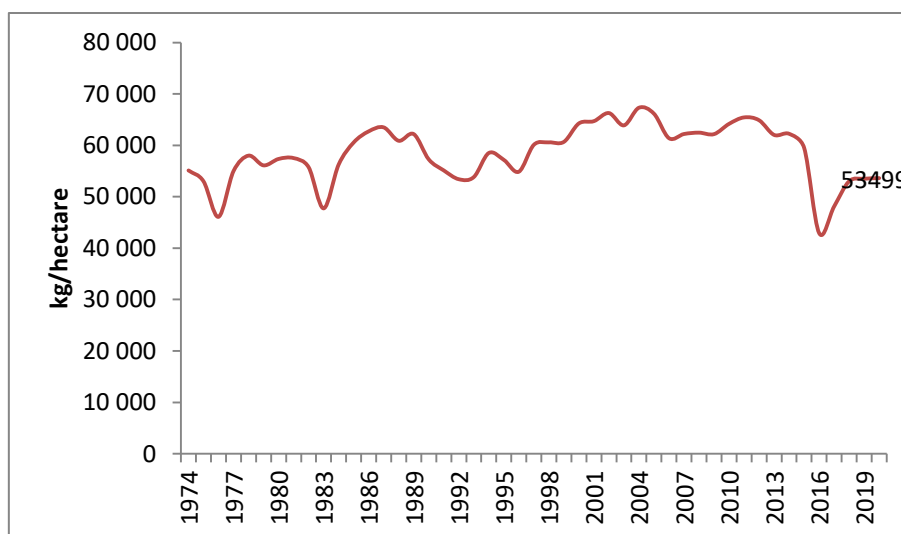
Muito semelhante ao gráfico de quantidade produzida, dá uma ideia do caráter extensivo da produção sucroalcooleira, uma vez que o aumento da produção acompanha o aumento da área utilizada. Este ponto será debatido no item próximo: rendimento médio da produção.

c) Rendimento médio da produção

Conforme mencionado anteriormente, o rendimento médio da produção, indicador que afere a produtividade da cultura, no caso da cana-de-açúcar, apresenta trajetória de estabilidade, com pequenas variações ao longo do tempo. Isso ocorre em função da característica extensiva dessa cultura, ou seja, da necessidade de expansão física para aumentos de quantidade produzida.

É o que demonstra a representação gráfica da evolução de tal indicador:

Gráfico 20- Evolução do rendimento médio da produção de cana-de-açúcar em Sergipe (1974-2020).



Fonte: PAM (2020), IBGE.

Em 2020, Sergipe registrou a marca 53.620 kg/hectare , sem alterações reais em relação a 2019 (0,2%). O melhor desempenho da cultura, segundo o apurado pela pesquisa, se deu no ano de 2004, quando foram produzidos 67.316 kg/hectare, 20,1% a mais que o desempenho atual. No pior ano, 2016, obteve-se a marca de 42.930 kg/hectare, 19,9% a menos que o desempenho atual.

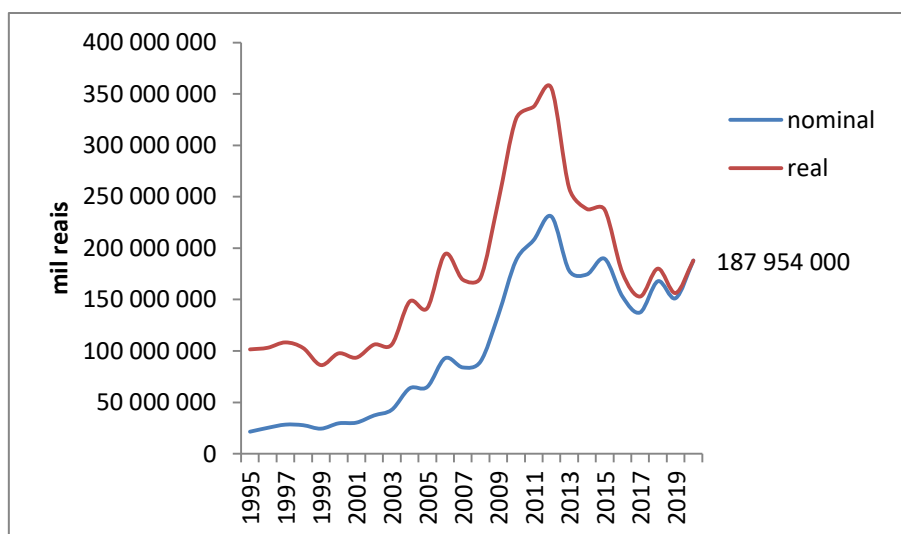
Levando em consideração todos os anos de apuração da pesquisa, de 1974 a 2020, a média do rendimento é de 58.500 kg/hectare, número bem próximo ao desempenho do ano de 2020.

d) Valor de produção

Em 2020, o valor de produção da lavoura de cana-de-açúcar, em Sergipe, foi de R\$ 187.954.000. Em relação a 2019, quando o valor nominal foi de R\$ 151.328.000, observou-se aumento de 24,2%.

Abaixo, segue gráfico indicando as trajetórias dos valores nominal e real da produção canavieira:

Gráfico 21- Evolução do valor produzido pela cana-de-açúcar em Sergipe (1974-2020).

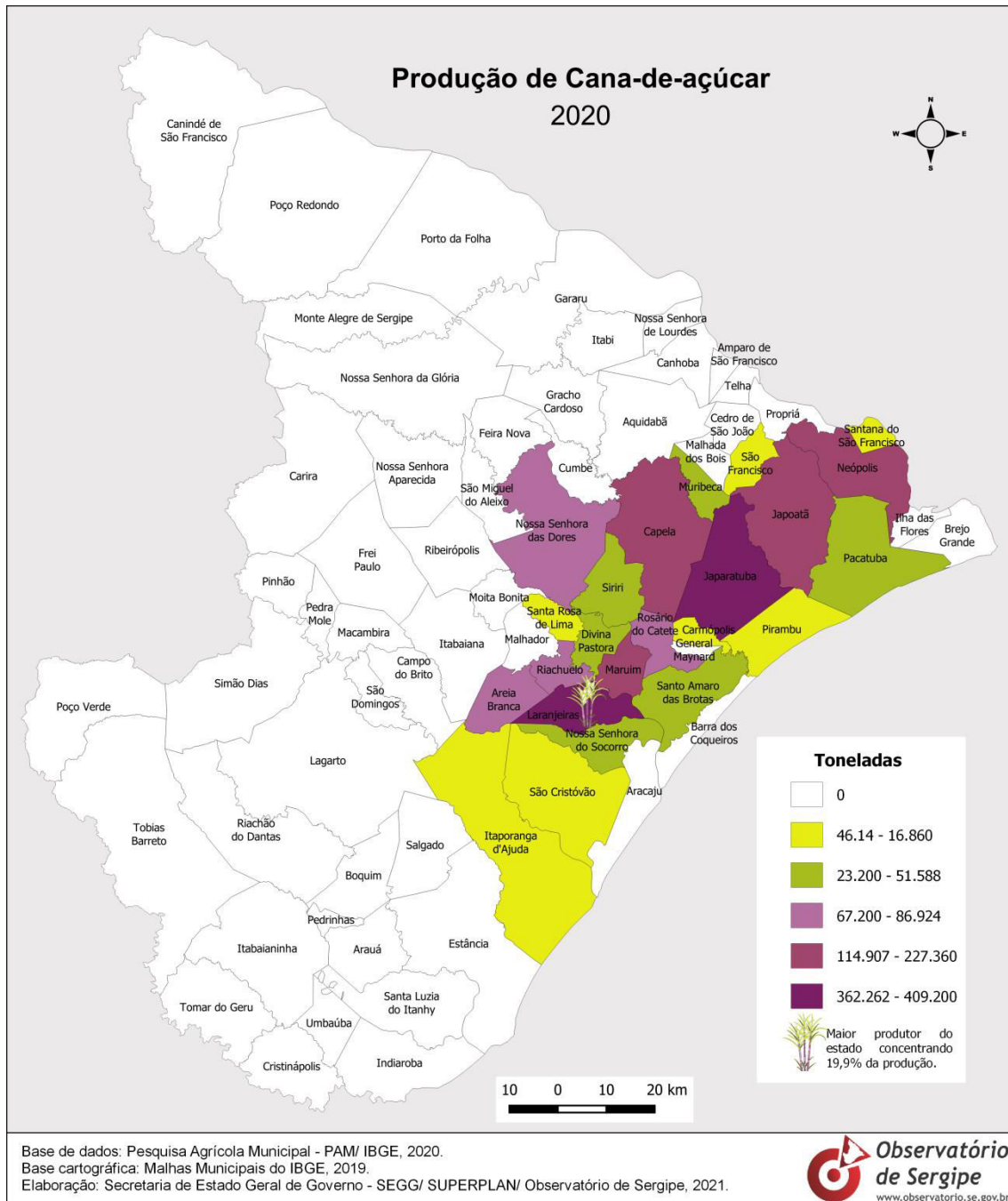


Fonte: PAM (2020), IBGE.

Percebe-se trajetória semelhante a dos demais indicadores, com crescimento a partir do início do século e queda a partir de 2012. Com relação a essa queda, em termos nominais, ela representou 19,2%, levando em consideração o último ano aferido e o início do descenso.

Segue cartograma da produção estadual de cana para o ano de 2020.

Figura 4- Cartograma da produção de cana-de-açúcar em Sergipe em 2020.



2.5) Feijão

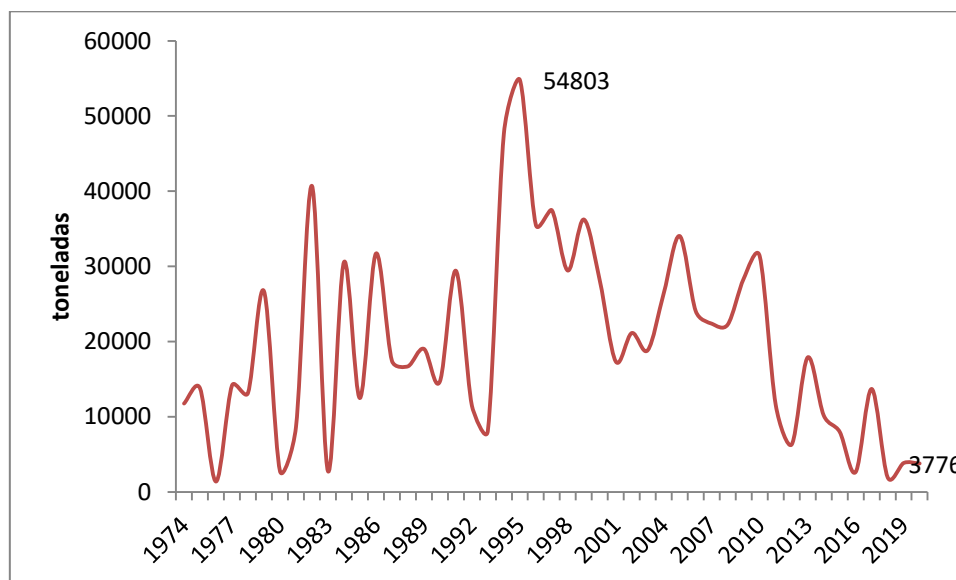
a) Quantidade produzida.

A história do cultivo de feijão em Sergipe, bem como na região Nordeste como um todo, também remete aos tempos da colonização, quando o grão era cultivado de forma consorciada ao milho, à mandioca e à fava, principalmente. Essa prática esteve presente por

toda a região sertaneja, assim como pelo Agreste, até meados da década de 1990, quando a monocultura do milho ganhou força e passou a monopolizar o espaço rural dessas regiões.

Assim, com o avanço do milho e através de seu efeito de substituição em relação a essas lavouras tradicionais, o feijão passou a perder relevância relativa e, por fim, absoluta. É o que se depreende do gráfico a seguir:

Gráfico 23- Evolução da quantidade de feijão produzida em Sergipe (1974-2020)



Fonte: PAM (2020), IBGE.

Em 1995, quando do auge da produção do grão no estado, foram produzidas 54.803 toneladas de feijão, contrastando severamente com as 3.776 toneladas do ano de 2020. Em termos percentuais, o resultado é uma queda de 93% em relação ao referido ano de 1995.

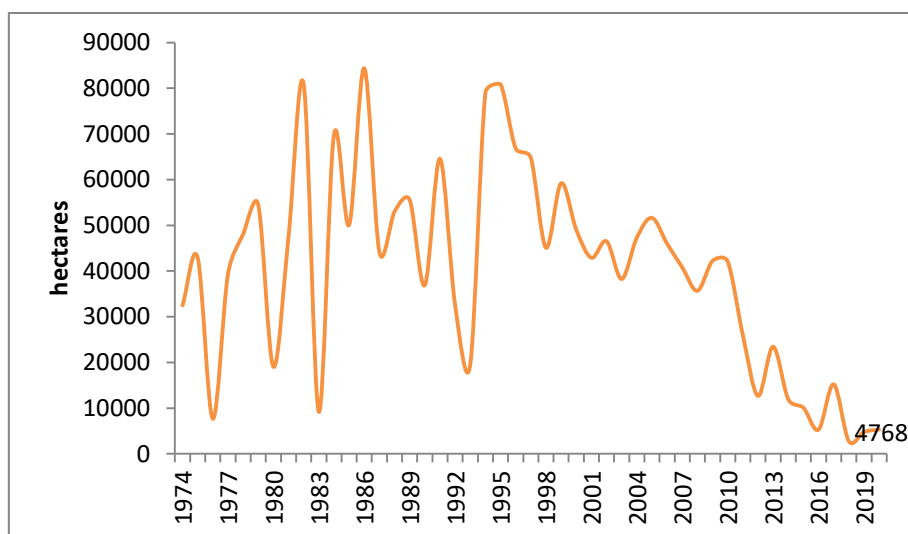
Já em relação aos recentes anos, a tendência é de estabilidade em patamares baixos. Tendo o ano de 2019 como referencial, a queda foi de 1,6%; já em relação a 2018, pior ano da série, quando foram colhidas apenas 1.927 toneladas do grão, o aumento foi de 96%. De todo modo, trata-se de cultura com trajetória descendente, iniciada a partir do ano de 1996, com períodos de recuperação e alguma estabilidade durante a primeira década dos anos 2000.

b) Área colhida

Como não poderia deixar de ser, a área de colheita da cultura do feijão revela tendência de queda. Aqui o mesmo raciocínio da categoria “quantidade produzida” pode ser aplicado: trata-se da substituição das lavouras tidas como tradicionais pela monocultura do milho.

A lavoura que, no início da série histórica, ocupava 32.469 hectares de terra, atualmente ocupa 5.310.

Gráfico 24- Evolução da área colhida de feijão em Sergipe (1974-2020).



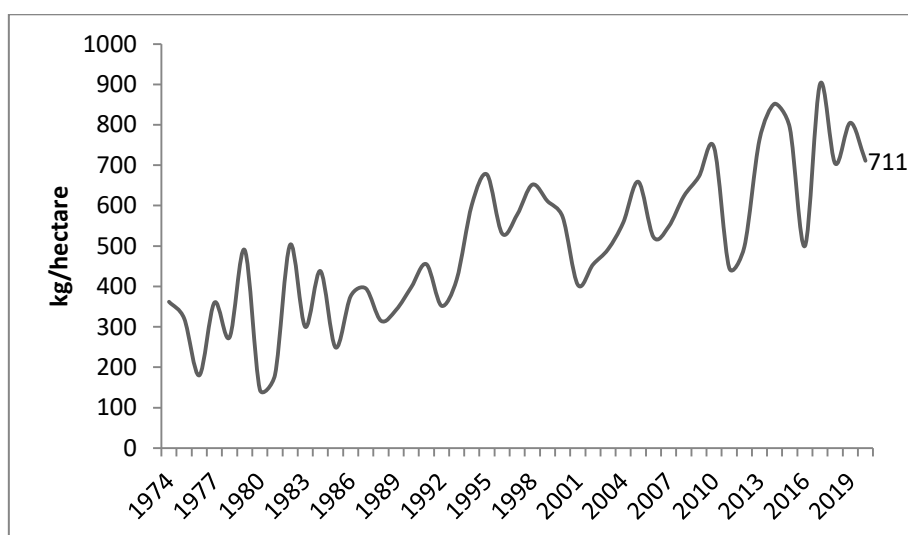
Fonte: PAM (2020), IBGE.

Em 1995, conforme já assinalado, foi obtido o melhor resultado da produção: foram colhidos 80.833 hectares; de lá pra cá, a trajetória é descendente, até chegar aos níveis atuais, bem abaixo de 10.000 hectares.

c) Rendimento médio da produção

Em termos de rendimento médio, ou seja, a produtividade da cultura, os dados indicam um panorama distinto em relação às duas categorias anteriormente postas.

Gráfico 25- Evolução do rendimento médio da produção de feijão em Sergipe (1974-2020)



Fonte: PAM (2020), IBGE.

Em se tratando de conceito que abrange a relação entre duas variáveis, a trajetória ascendente aqui só pode significar que a quantidade produzida, apesar da queda gradual observada, decresceu em proporção menor que a área utilizada para o plantio. Assim, ao que

tudo indica, não se trata de ganhos associados ao uso de tecnologias, uma vez que os números da produtividade sergipana estão bem aquém dos primeiros colocados do ranking nacional.

Tabela – Unidades Federativas com os melhores rendimentos médios na produção de feijão e Sergipe (2020).

rank	UF	kg/hectare
1	São Paulo	2.842
2	Goiás	2.627
3	Distrito Federal	2.568
4	Minas Gerais	1.757
5	Santa Catarina	1.739
18	Sergipe	711

Fonte: PAM (2020), IBGE.

Como se vê, o estado de Sergipe apresenta rendimento aproximadamente três vezes menor que os primeiros colocados, o que relativiza a relevância do gráfico em trajetória ascendente.

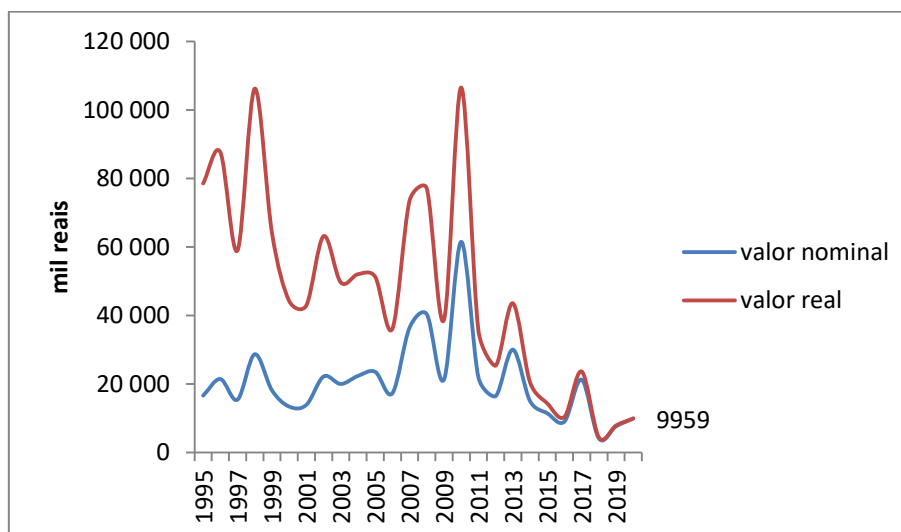
d) Valor da produção.

A categoria valor da produção volta a apresentar a trajetória descendente observada na quantidade produzida e na área colhida.

Em 2010 fora observado o pico dos valores aferidos pela pesquisa, quando, em valores nominais produziu-se R\$ 61.508.000. No decorrer dos anos subsequentes, os valores decrescem gradualmente, com algumas oscilações mínimas. A partir de 2018, o patamar se estabelece nos valores mais baixos já registrados pela pesquisa.

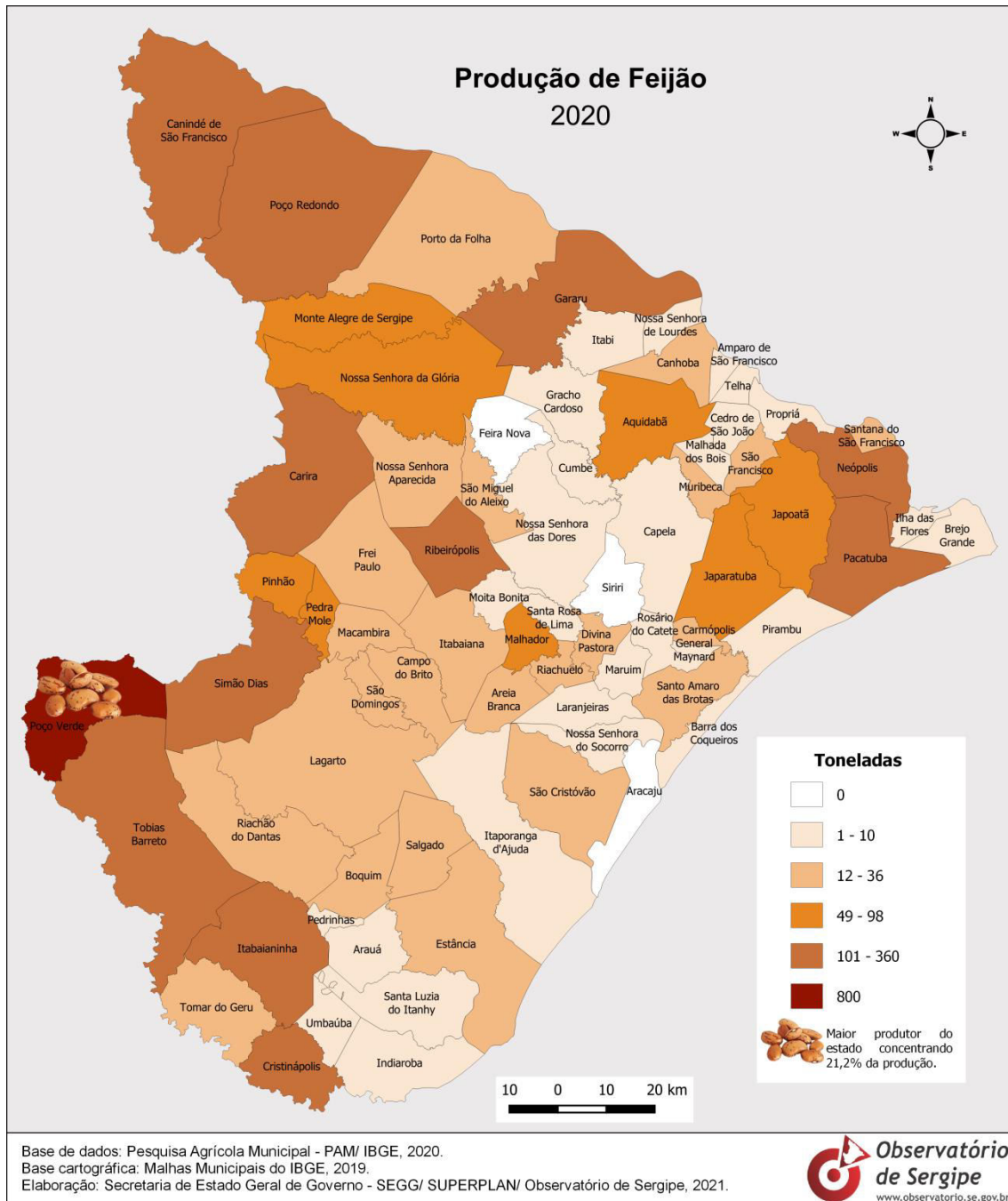
Em 2020 foram produzidos R\$9.959.000, valor 30% maior que o registrado nominalmente em 2019- R\$7.654.000.

Gráfico 26- Evolução dos valores nominal e real da produção de feijão em Sergipe (1995-2020)



Fonte: PAM (2020), IBGE.

Figura 5- Cartograma da produção de feijão em Sergipe em 2020.



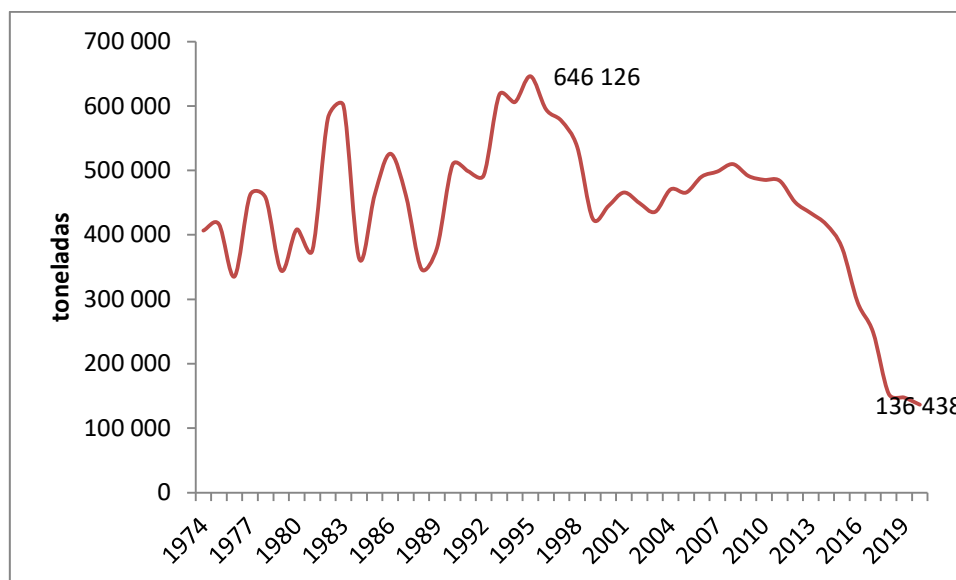
2.6) Mandioca

a) Quantidade produzida

A produção de mandioca, em Sergipe, passa por processo semelhante ao descrito quando da análise do cultivo de feijão.

Tradicionalmente, a mandioca era plantada de forma consorciada ao feijão, ao milho e a fava, principalmente. Esse tipo de plantio se dava, sobretudo, nas regiões agrestina e sertaneja, onde as famílias ligadas à pecuária constituíam seus roçados, com vistas à produção de subsistência. Além disso, produtores com melhores condições socioeconômicas também produziam o tubérculo para comercialização, o que possibilitou a formação de um polo produtivo no agreste sergipano.

Gráfico 27- Evolução da quantidade produzida de mandioca em Sergipe (1974-2020)



Fonte: PAM (2020), IBGE.

Como é possível notar pelo gráfico acima, até o ano de 1995, a trajetória da produção é de crescimento, com destaque para o período 1990-1995. Em 1995, foram produzidas 646.126 toneladas de mandioca, maior resultado obtido, de acordo com a pesquisa. Após o referido ano, a tendência é de queda, com um período- 2000 a 2010- de estabilidade na casa das 400.000 toneladas; após 2010, a queda é acentuada e ininterrupta, até atingir o patamar atual, com menos de 150.000 toneladas sendo colhidas por ano.

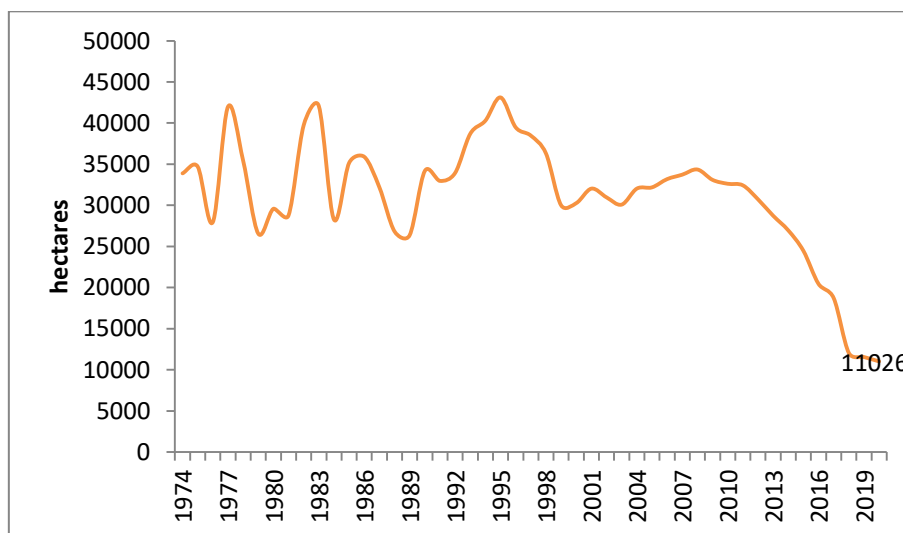
Entre o melhor ano- 1995- e o ano de 2020, a queda é de 78,9%, ou 509.688 toneladas a menos. Entre 2019 e 2020, houve queda de 7,5%: 147.465 toneladas em 2019 e 136.438 em 2020.

Conforme já assinalado, esse processo de queda é produto da expansão da monocultura do milho, e da conseqüente monopolização do território agrícola pelo grão.

b) Área colhida

Por se tratar de cultura com baixo uso de tecnologia, portanto baixa intensividade, as perdas e ganhos na quantidade redundam, invariavelmente, em perdas e ganhos de área. Destarte, a cultura da mandioca vem perdendo cada vez espaço na paisagem rural do estado, em termos de extensão.

Gráfico 28- Evolução da área colhida de mandioca em Sergipe (1974-2020)



Fonte: PAM (2020), IBGE.

Note-se que os gráficos de quantidade e de área são idênticos, denotando, conforme dito, a extensividade da cultura.

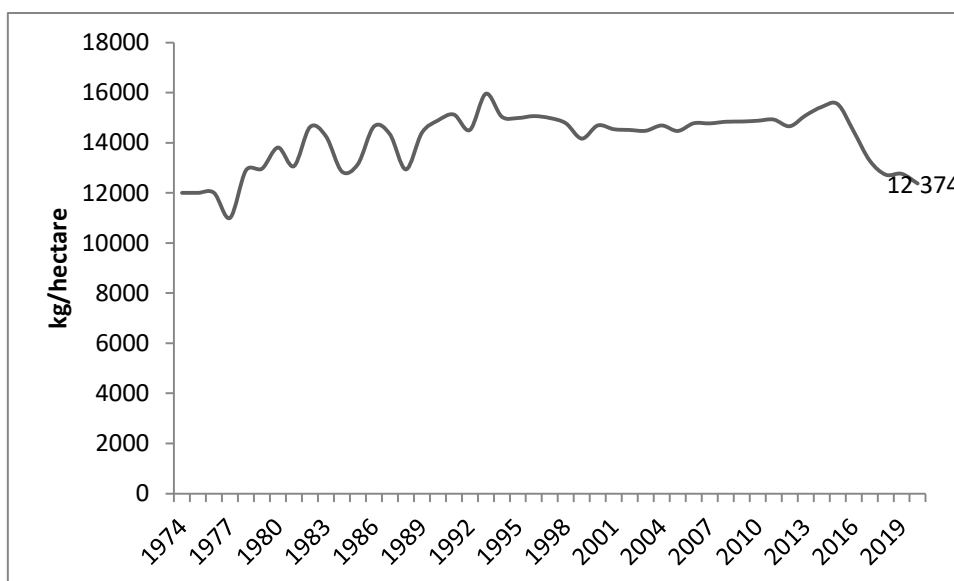
Quando do seu auge, a lavoura de mandioca foi colhida em 43.115 hectares; em 2020 esse número foi de 11.026, o que representou queda de 74,4%. Perceba-se que essa queda é semelhante à da quantidade observada no mesmo período para a categoria.

Entre 2019 e 2020, a queda foi de 4,6% nos hectares colhidos.

c) Rendimento Médio

O mesmo raciocínio demandado para a análise da cultura de cana-de-açúcar se faz válido para a mandioca. Em se tratando de cultura com baixa intensividade, o rendimento médio é, invariavelmente, representado por gráfico linear, como o que segue abaixo:

Gráfico 29- Evolução do rendimento médio da mandioca em Sergipe (1974-2020)



Fonte: PAM (2020), IBGE.

Como se vê, o indicador de quilograma por hectare utilizado se mantém constante, numa faixa de variação mínima que fica entre 12.000 e 15.000 kg/hectare.

No último ano, o resultado foi de 12.374 kg/hectare, resultado abaixo do apurado na década de 1980, e 3% menor que o resultado de 2019, indicando estabilidade na casa dos 12.000 kg/hectare.

Não obstante tais considerações acerca da manutenção de valores baixos, para fins de comparação, tome-se o desempenho das regiões brasileiras em relação a Sergipe, e especificamente a Lagarto, maior produtor do estado, e um dos maiores do país.

Tabela 3: Ranking de rendimento médio da produção de mandioca: Brasil, Regiões, Sergipe e Lagarto (SE), em 2020

Território	kg/hectare
Sul	21.738
Centro-Oeste	19.527
Sudeste	19.081
Lagarto (SE)	16.000
Brasil	14.996
Norte	14.632
Sergipe	12.374
Nordeste	9.576

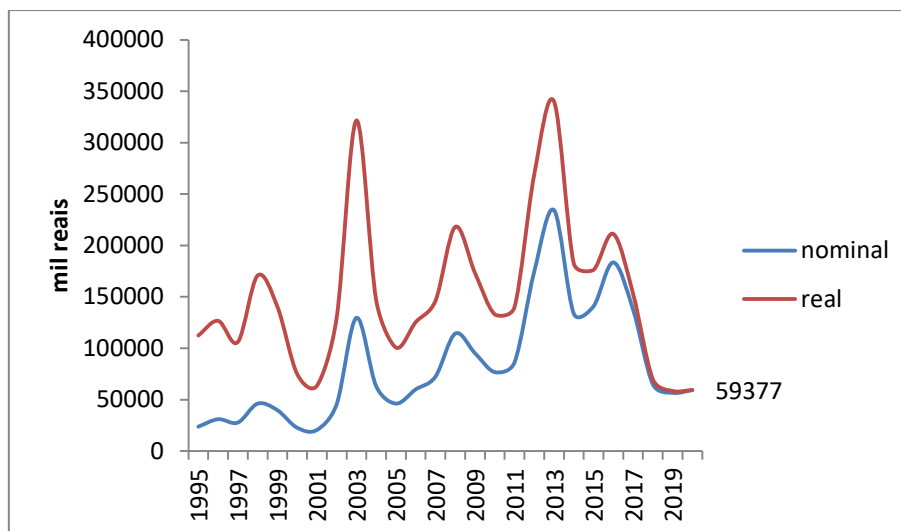
Fonte: PAM (2020), IBGE.

O município de Lagarto, em 2020, apresentou resultados, em termos de rendimento, melhores que as médias nacional, nortista, sergipana e nordestina. Ainda que seus números estejam bem abaixo da região Sul, Centro-Oeste e Sudeste, tal desempenho é ilustrativo de sua proeminência regional.

d) Valor de produção.

A mandioca já foi responsável por aproximadamente 40% do total do produto das lavouras temporárias, em termos de valor de produção. Entretanto, apresenta, desde 2016, tendência de queda.

Gráfico 30- Evolução do valor de produção (real e nominal) da mandioca em Sergipe (1995-2020).

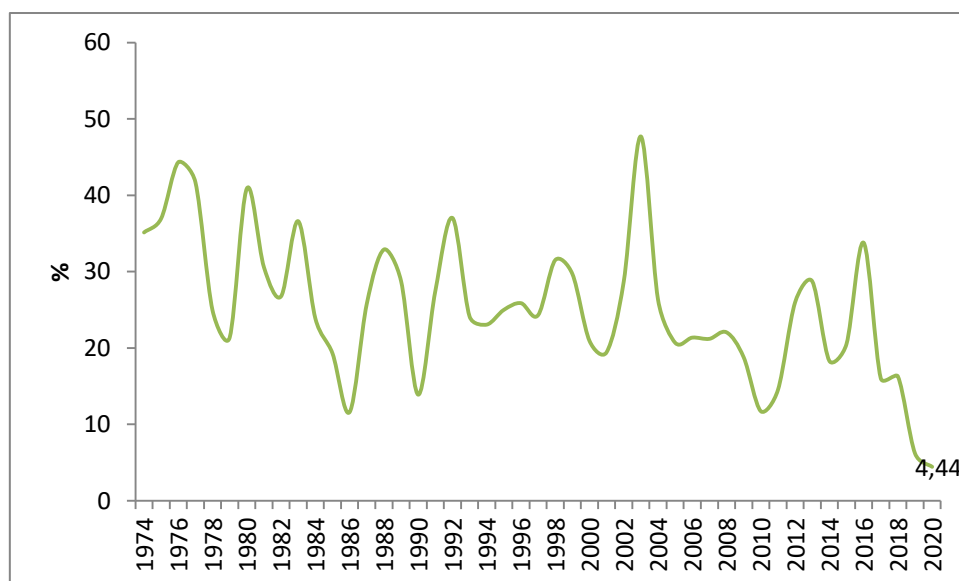


Fonte: PAM (2020), IBGE.

Em seu auge, no ano de 2013, a produção atingiu, em valores nominais, R\$234.370.000. Em relação aos R\$ 5.9377.000 obtidos em 2020, a queda foi de 74,7%. Como se depreende da leitura do gráfico acima, a trajetória de queda se inicia após o referido auge, com breve recuperação no ano de 2016; nos três últimos anos, entretanto, a queda foi ininterrupta.

Com a intenção de aprofundar a reflexão, propõe-se a análise do gráfico de percentual de participação dos valores da lavoura de mandioca, no produto das lavouras temporárias.

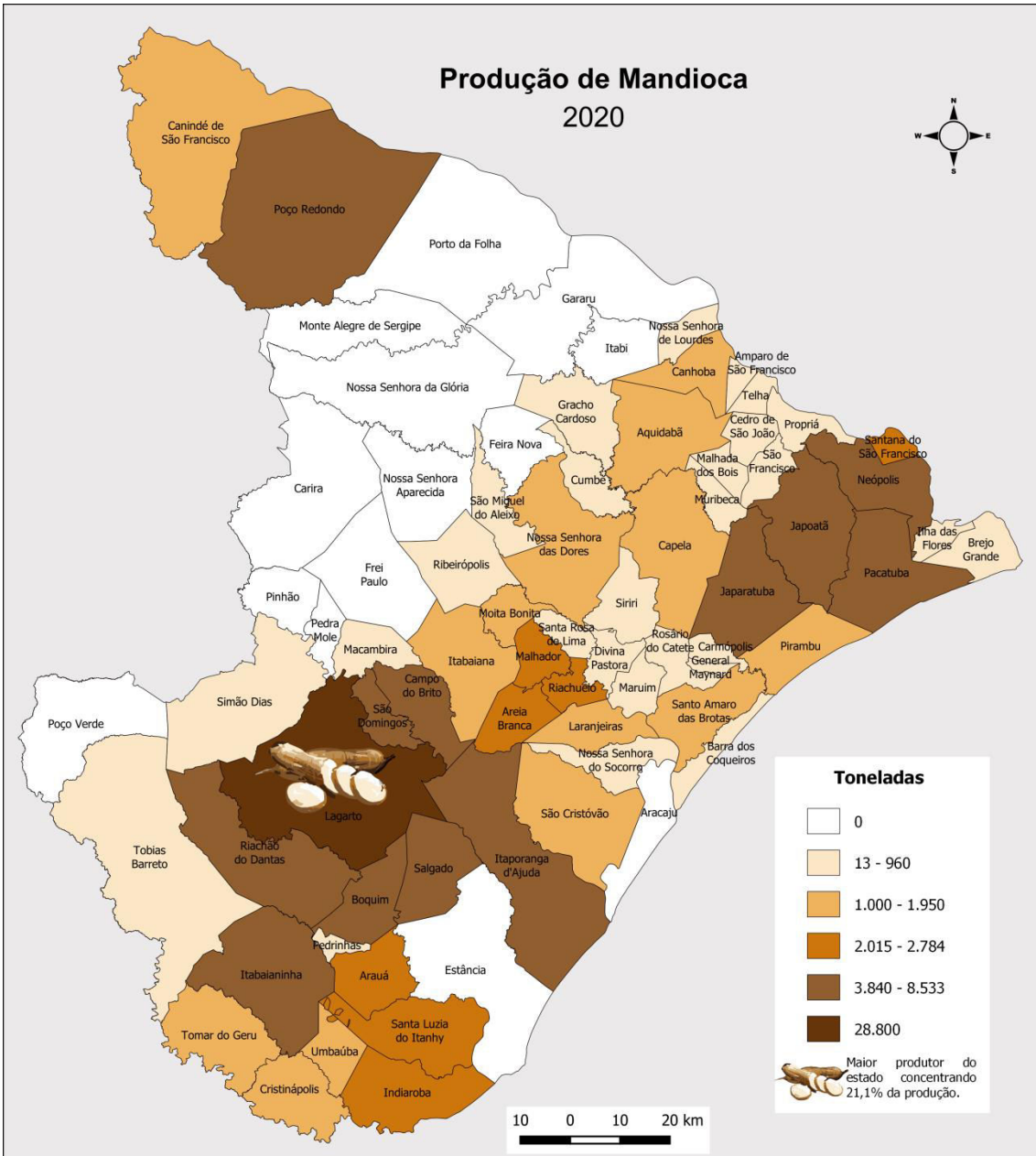
Gráfico 31- Evolução da participação da lavoura de mandioca no produto das lavouras temporárias (1974-2020)



Fonte: PAM (2020), IBGE.

A lavoura de mandioca, que em 2003 representava 47,7% do valor das lavouras temporárias, em 2020 contribuiu com 4,4% desse total. Sem dúvida, em que pese a multiplicidade de fatores que podem contribuir para o fraco desempenho observado, um dos principais fatores de tal redução é o já citado avanço da monocultura do milho por áreas ocupadas anteriormente por mandioca, feijão e fava.

Como se vê, o gráfico apresenta oscilações constantes, mas nunca chegou a patamares tão baixos como os atuais, mantendo-se sempre acima dos 10%.



Base de dados: Pesquisa Agrícola Municipal - PAM/ IBGE, 2020.
 Base cartográfica: Malhas Municipais do IBGE, 2019.
 Elaboração: Secretaria de Estado Geral de Governo - SEGG/ SUPERPLAN/ Observatório de Sergipe, 2021.

2.7) Milho

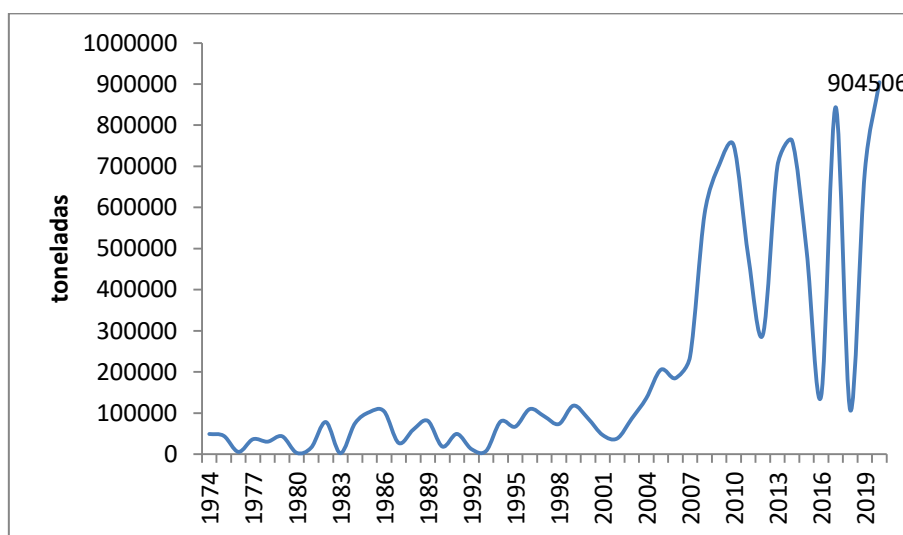
a) Quantidade produzida.

O milho é o principal produto da agricultura sergipana, proeminência confirmada por qualquer indicador e/ou conceito a ser utilizado.

As causas para essa liderança são múltiplas, mas incluem, principalmente: políticas públicas setoriais; participação de instituições de pesquisa acadêmicas e governamentais na execução de projetos para desenvolvimento de cultivares; uso de tecnologias e insumos adequados; acesso ao crédito por bancos públicos; expansão do mercado interno a partir de 2003 com o consequente aumento da demanda pelo grão; e, a introdução do milho no mercado futuro.

Em termos de quantidade produzida, o ano de 2020 foi de recorde para a cultura do milho.

Gráfico 32- Evolução da quantidade produzida de milho em Sergipe (1974-2020)



Fonte: PAM (2020), IBGE.

Dois fenômenos saltam aos olhos quando se analisa o gráfico acima. Em primeiro lugar, a mudança de patamar na quantidade produzida a partir da entrada do século XXI, em especial a partir de 2003. Entre 2003 e 2010, a produção de milho apresenta crescimento vertiginoso, decorrente da junção dos fatores listados acima.

No ano de 2003 foram colhidas 86.595 toneladas do grão; em 2010, este número passou para 750.718, resultado sete vezes maior.

O outro fenômeno a ser destacado é a quantidade de variações abruptas ocorridas ao longo da série, mormente nos anos em que o milho já se consolidara como principal lavoura sergipana.

A causa principal de tais oscilações é a estiagem, e o impacto que elas trazem para a lavoura, evidentemente, são sentidos na mesma proporção do peso da lavoura. Além disso, até o início do século XXI, a predominância das sementes era crioula, que são sementes cultivadas por agricultores sertanejos com o uso de saberes tradicionais, mais preparadas para as condições

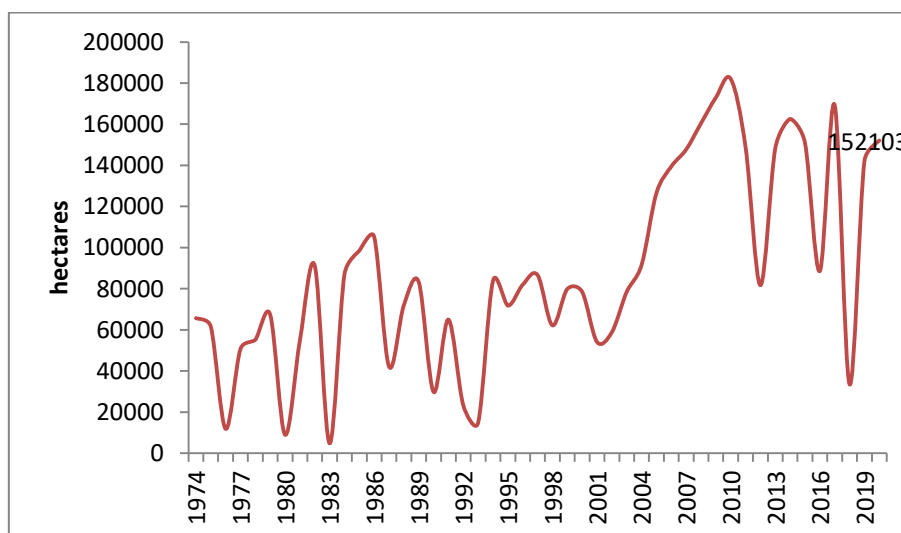
climáticas do semiárido. O uso de sementes transgênicas, apesar do discurso vendido por estas indústrias, não foi capaz de garantir os resultados dos produtores em anos de estiagem.

b) Área colhida

Em relação à área colhida, a cultura do milho apresenta algumas características que a distingue das demais até aqui analisadas.

Enquanto as demais culturas do estado são marcadas por sua extensividade, a lavoura de milho, em especial a partir do século XXI, tem aumentado exponencialmente a quantidade produzida, sem que disso decorram aumentos na mesma proporção em sua extensão territorial. Isso decorre da introdução das práticas e tecnologias supracitadas, essenciais para conformação do milho como produto do agronegócio.

Gráfico 33- Evolução da área colhida de milho em Sergipe (1974-2020)



Fonte: PAM (2020), IBGE.

Mesmo com a introdução de tais práticas e tecnologias, é possível perceber que as oscilações na área colhida ocorrem de forma semelhante às do gráfico de quantidade produzida, em função, como já se disse, dos períodos de estiagem.

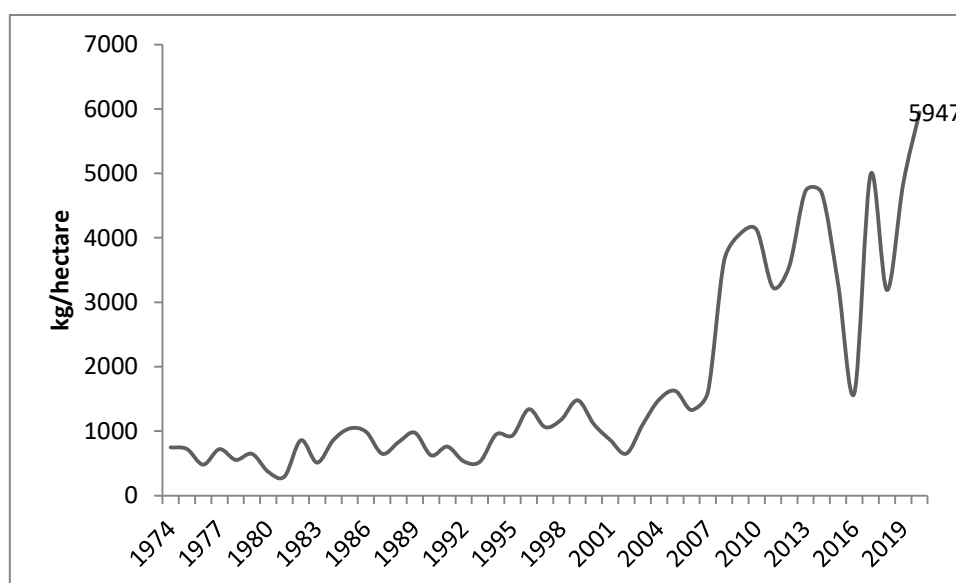
Não obstante, a cultura do milho tem avançado em termos de quantidade produzida sem utilizar maior quantidade de área que a demandada em 2008, tendo como exemplo o ano que representa o auge da extensão territorial.

c) Rendimento Médio.

O rendimento médio do milho sergipano vem melhorando de forma expressiva e, em 2020, atingiu seu maior patamar: 5.947 kg/hectare. Trata-se de um aumento de 23% em relação a 2019, quando a marca foi de 4.838 kg/hectare.

Abaixo, segue o gráfico retratando a evolução do rendimento médio da produção, em Sergipe.

Gráfico 34- Evolução do rendimento médio do milho em Sergipe (1974-2020)



Fonte: PAM (2020), IBGE.

Uma vez que o milho sergipano é o carro-chefe da economia agrícola, e plenamente inserido na lógica do agronegócio, é necessário tomar o exemplo dos principais centros agrícolas do país, com vistas a conferir seu desempenho em perspectiva.

Para esse fim, foram selecionados os municípios de Carira e Simão Dias, maiores produtores de milho do estado, além de Sergipe, as regiões brasileiras e a média nacional.

Tabela 4- Rendimento médio do milho: Brasil, Regiões, Sergipe, Carira e Simão Dias (2020)

Território	kg/hectare
Carira	6.360
Simão Dias	6.336
Sudeste	6.296
Centro-Oeste	6.238
Sul	6.014
Sergipe	5.947
Brasil	5.695
Norte	3.785
Nordeste	3.503

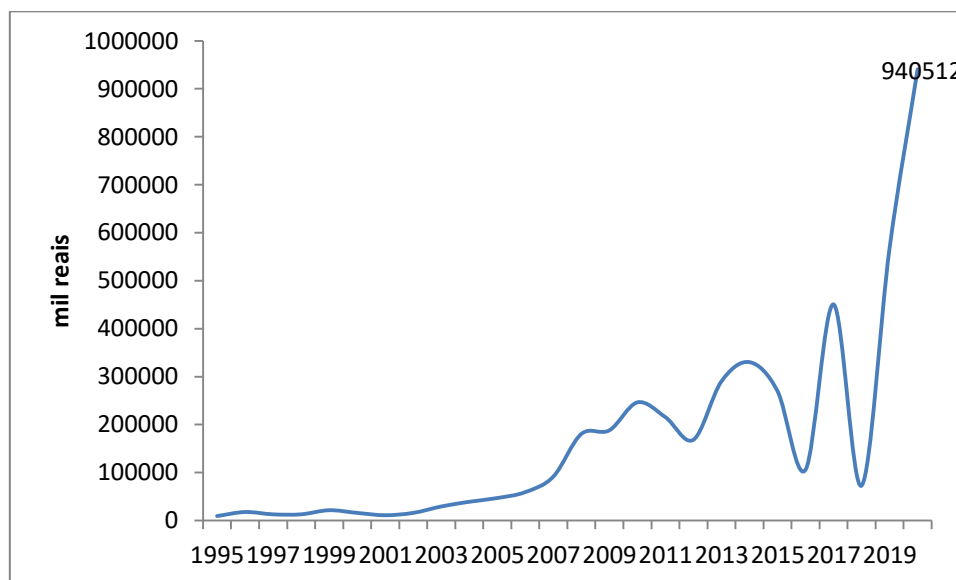
Fonte: PAM (2020), IBGE.

Note-se que os resultados de Carira, Simão Dias, bem como da média estadual, estão acima das médias nacional, regional, e, o que é de se ressaltar, acima das médias de regiões tradicionais no agronegócio como Centro-Oeste, Sul e Sudeste. Tal desempenho parece corroborar a ideia de que o milho coloca Sergipe no cenário agrícola nacional, com perspectiva de manutenção de crescimento.

d) Valor da produção.

O valor da produção de milho, em 2020, também foi recorde da série histórica. Foi estimado em R\$ 940.512.000. Em relação a 2019, houve aumento de 65,6%. Quando se toma o ano de 2018, ano da pior queda da história da lavoura, o valor da produção cresceu, aproximadamente, doze vezes (1.192%).

Gráfico 35- Evolução do valor da produção de milho em Sergipe (1995-2020)

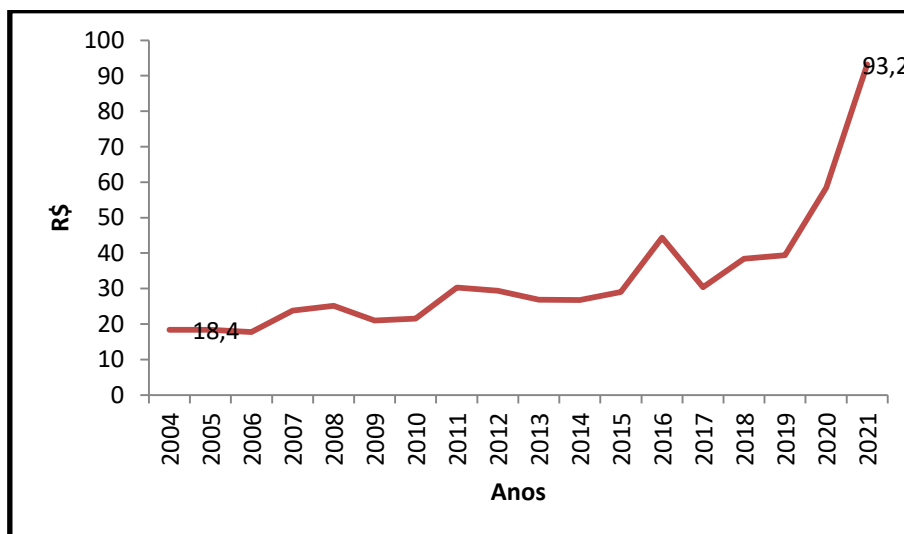


Fonte: PAM (2020), IBGE.

Além da série de fatores anteriormente listados neste estudo, a pandemia de COVID-19 também contribuiu para o aumento da demanda internacional, e conseqüentemente para o vertiginoso aumento do preço.

É o que visa demonstrar o gráfico da evolução do preço da saca de milho com 60 kg abaixo:

Gráfico 36- Evolução do preço da saca de 60 kg de milho (2004-2020)

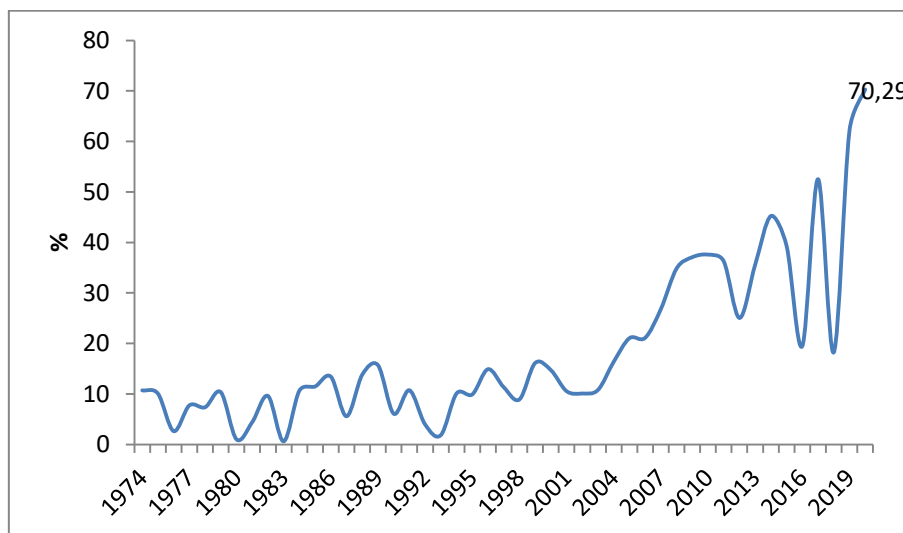


Fonte: CEPEA/ESALQ-USP

Elaborado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da ESALQ (CEPEA-ESALQ/USP), o indicador busca refletir o preço médio da saca de 60 kg nas diversas praças brasileiras. Como se vê, em 2020 o preço já havia alcançado patamares inéditos até então, com R\$ 58,40; em 2021, o valor chegou a R\$ 93,20.

Como não poderia deixar de ser, o milho é a cultura com maior peso no produto total das lavouras temporárias e permanentes. Para fins de comparação apenas com as lavouras temporárias, coloca-se o gráfico abaixo, indicando a porcentagem de participação do milho.

Gráfico 37- Evolução da participação do milho no peso das lavouras temporárias (1974-2020)

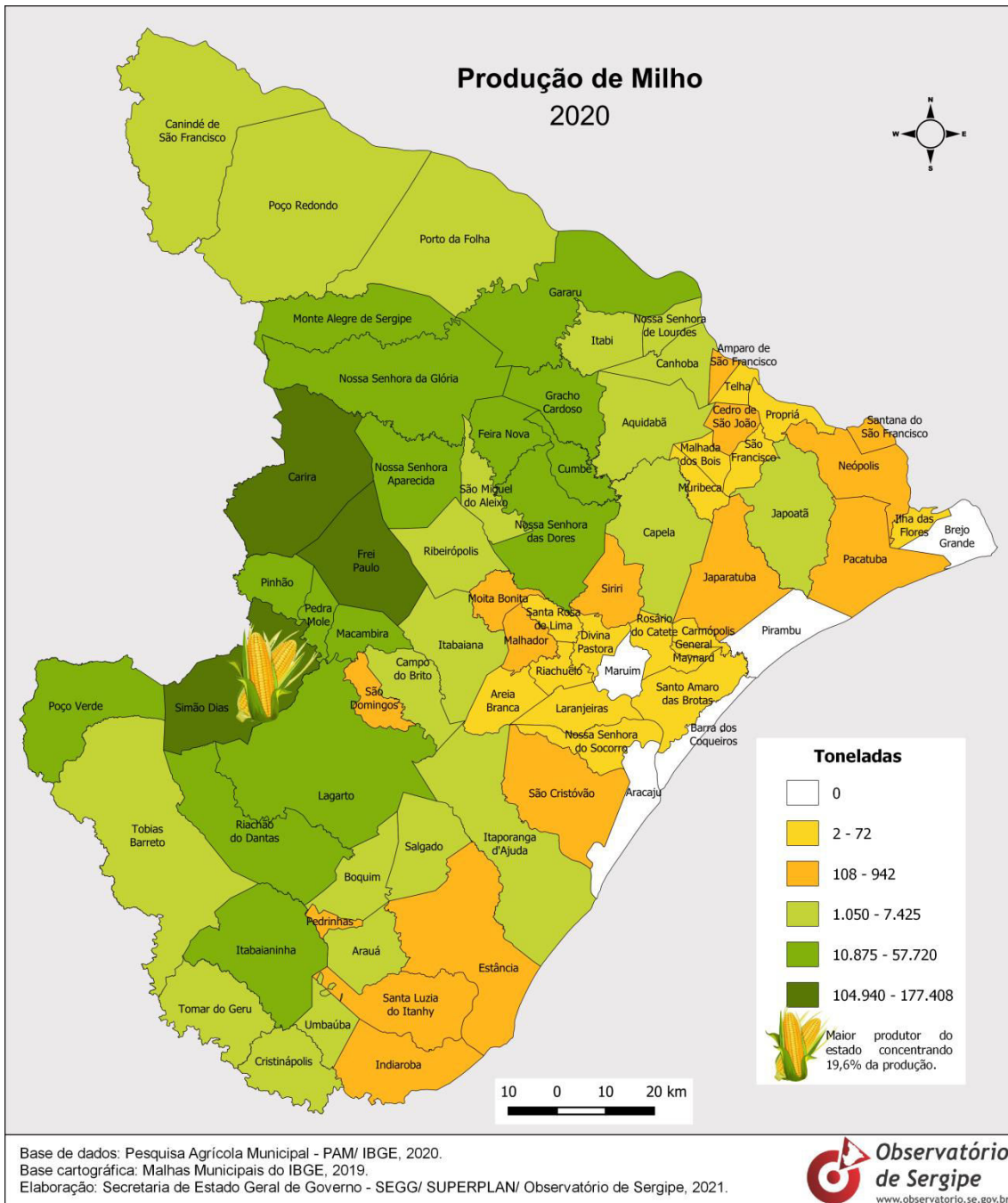


Fonte: PAM (2020), IBGE.

Em 2020, o milho contribuiu com 70,29% do produto total das lavouras temporárias, aumentando 8% seu peso em relação a 2019. É nítida, portanto, a dependência que a economia agrícola sergipana possui em relação ao milho, e, levando em conta a evolução dos preços do grão em 2021, a tendência é de aumento ainda maior deste peso.

Segue abaixo cartograma da produção estadual:

Figura 7- Cartograma da produção de milho em Sergipe em 2020.

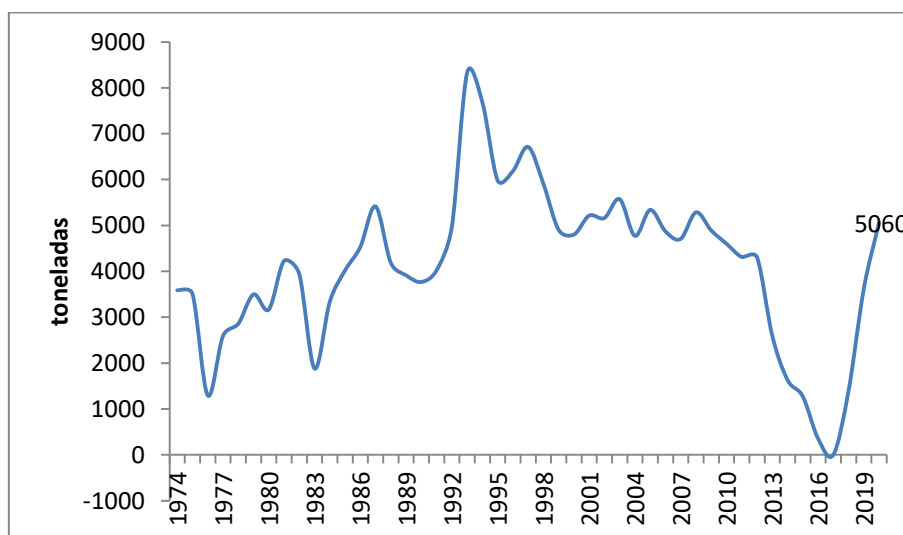


2.8) Tomate

a) Quantidade produzida

O estado de Sergipe não possui uma produção de tomates de grande relevância, do ponto de vista econômico. Em seu melhor momento, a produção alcançou a marca de 8.329 toneladas, e a partir de 2010, atravessa tendência de queda, com recuperação, todavia, nos últimos dois anos.

Gráfico 38- Evolução da quantidade produzida de tomate em Sergipe (1974-2020)



Fonte: PAM (2020), IBGE.

Como se vê, a recuperação nos últimos anos foi acentuada em função da ausência de produção no ano de 2017; atualmente, a quantidade produzida voltou aos níveis alcançados antes da queda.

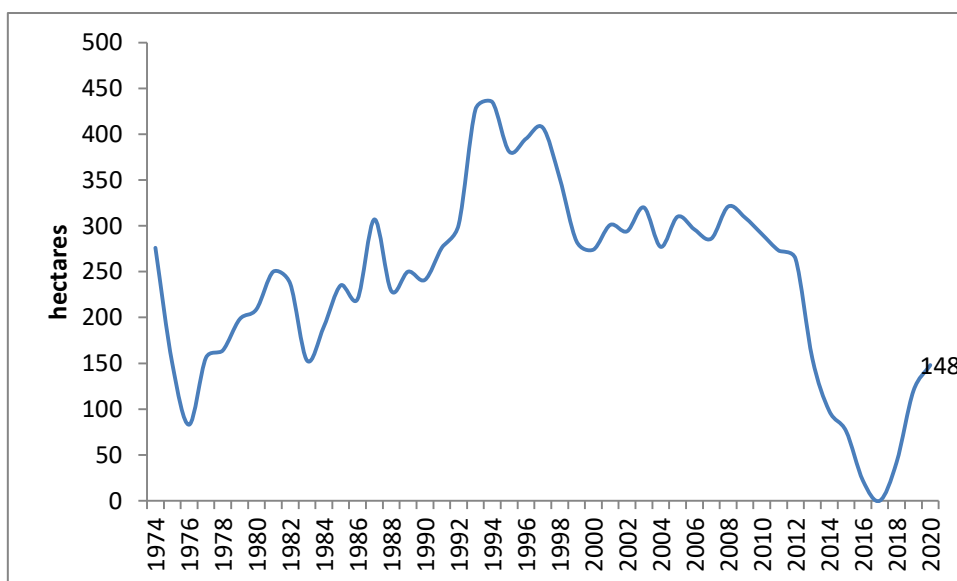
Em 2020 foram produzidas 5.060 toneladas, representando 39,6% de aumento em relação a 2019.

b) Área colhida

Como resultado da baixa quantidade produzida, a área colhida também é de poucos hectares, e concentrada em poucos municípios, como será visto na análise do cartograma da produção.

Em 2020 foram colhidos 140 hectares de terra, resultado 23,3% maior que o ano de 2019. Em queda gradual e constante desde 2012, a recuperação, em termos de área utilizada, foi menor que a de quantidade produzida.

Gráfico 39- Evolução da área colhida de tomate em Sergipe (1974-2020)



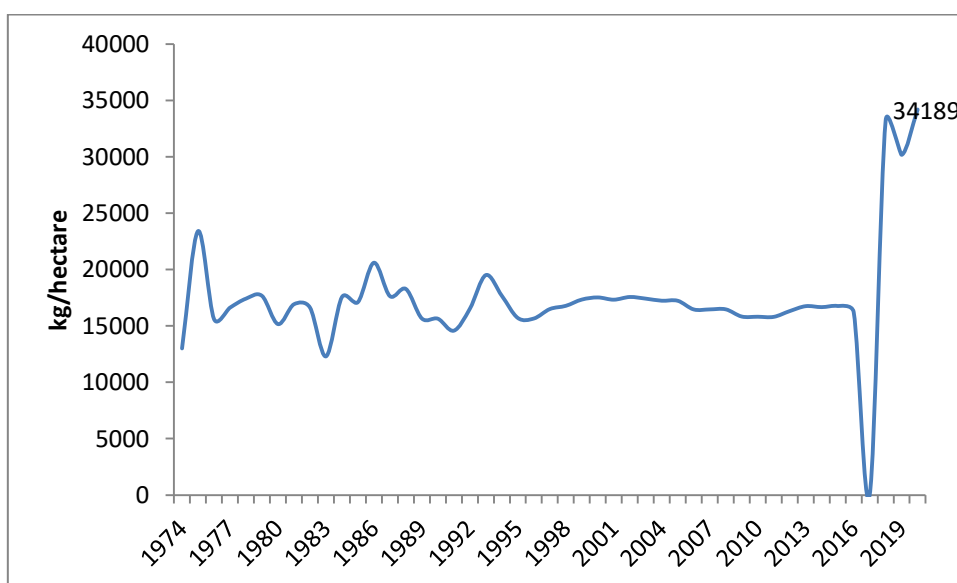
Fonte: PAM (2020), IBGE.

Nota-se que, apesar da recuperação citada, a extensão da produção está longe de se encontrar próxima dos patamares observados entre os anos 1900 e 2010.

c) Rendimento médio.

Como já se disse, houve diferença entre as recuperações nas categorias quantidade produzida e área colhida. Tal diferença é o que parece explicar a representação gráfica do rendimento médio da produção de tomates, em Sergipe, que, em 2020, atingiu seu melhor resultado na série histórica.

Gráfico 40- Evolução do rendimento médio de tomate em Sergipe (1974-2020)



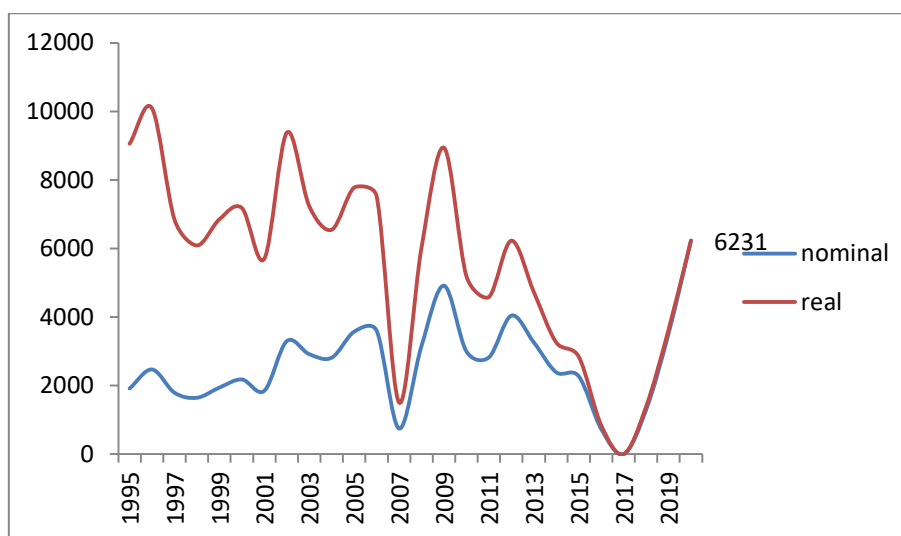
Fonte: PAM (2020), IBGE.

Eventuais ganhos relacionados à inclusão de insumos e/ou práticas devem, evidentemente, ser pesquisados mais detalhadamente, a fim de verificar as causas de desempenho tão destacado.

d) Valor da produção.

Com relação ao valor da produção de tomates, em 2020, houve recorde. A produção foi estimada em R\$ 6.231.000, valor 77,2% maior que o resultado apurado para 2019. Trata-se de resultado expressivo, levando em consideração que o melhor resultado da série, em termos nominais, havia sido alcançado em 2009, com R\$ 4.915.000.

Gráfico 41- Evolução do valor de produção do tomate em Sergipe (1995-2020)

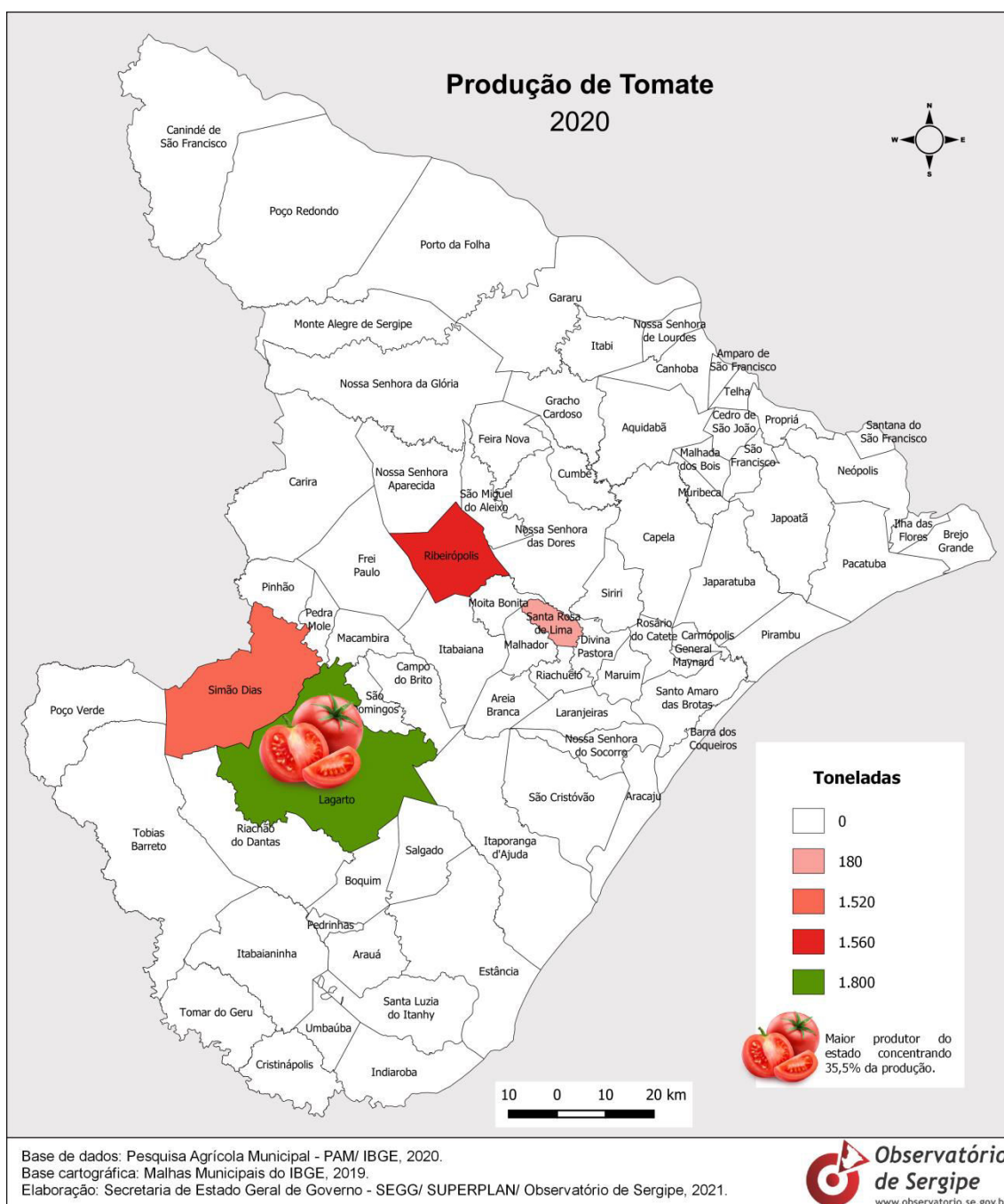


Fonte: PAM (2020), IBGE.

É preciso que se entendam as causas principais deste resultado, com vistas a fortalecer a cadeia produtiva e garantir a produção em viés de alta.

Segue abaixo cartograma da produção estadual:

Figura 8- Cartograma da produção de tomate em Sergipe em 2020.



3. Lavouras de culturas permanentes.

Destaques desta seção

- Todas as lavouras permanentes apresentam viés de queda em longo prazo, não obstante pequenas variações positivas, como no caso da tangerina.
- Apesar da queda gradual na quantidade de coco-da-baía, Sergipe se encontra na 4ª colocação nacional e apresenta rendimento médio relativamente alto, em comparação com anos anteriores.
- À exceção do limão, a citricultura sergipana passa por um processo de queda gradual e constante, com o maracujá em vias de desaparecimento.
- A goiaba, que experimentou sensível crescimento em anos anteriores, passa também por processo de queda.

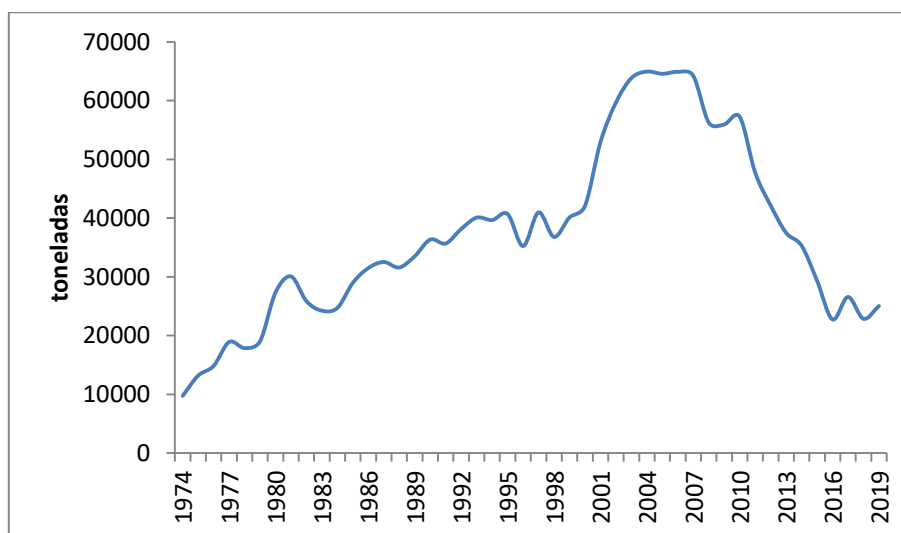
3.1) Banana

a) Quantidade produzida

A produção de bananas em Sergipe apresenta trajetória descendente constante desde o ano de 2007, após ter passado por seu auge no início dos anos 2000.

Em 2020, foram colhidas 25.076 toneladas de cachos de banana, o que, em relação a 2019, indica estabilidade. Conforme apontado no parágrafo anterior, essa estabilidade é para o curto prazo; numa análise mais alongada, o viés é de baixa.

Gráfico 42- Evolução da quantidade produzida de banana em Sergipe (1974-2020)



Fonte: PAM (2020), IBGE.

Note-se que há um sensível aumento na produção bananeira com a chegada do século XXI. As razões específicas dessa expansão devem ser analisadas detalhadamente, não obstante

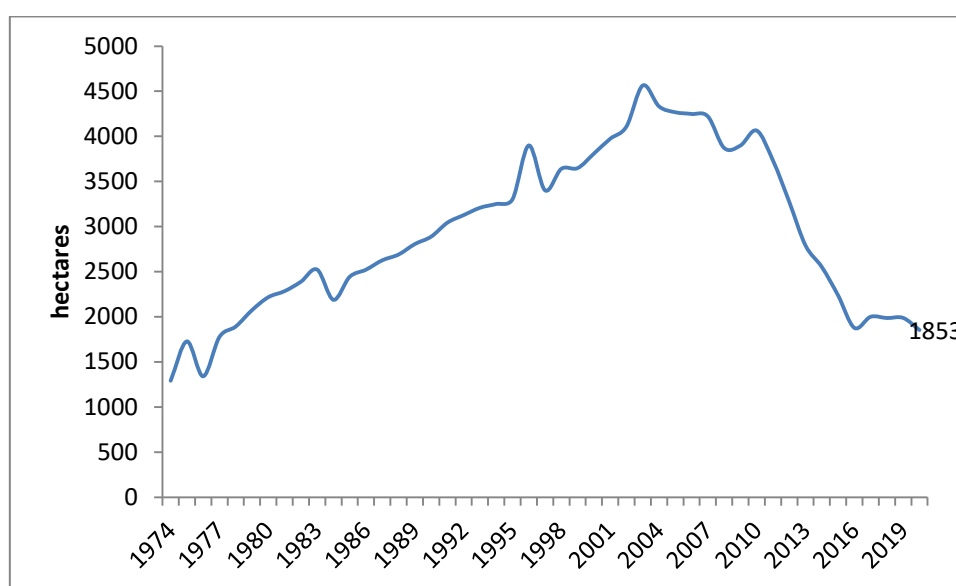
algumas poderem ser elencadas, tais como os programas de assistência técnica aos produtores rurais, o advento do PRONAF, a expansão do mercado interno e os programas governamentais de aquisição de alimentos.

b) Área colhida

Em relação à área destinada à colheita, o padrão observado é semelhante ao da categoria “quantidade produzida”.

Em 2020, foram 1.853 hectares, denotando estabilidade em relação a 2019. Após utilizar aproximadamente 4.000 hectares em média, durante a primeira década do século XXI, a produção vem perdendo cada vez mais espaço. É o que indica o gráfico abaixo:

Gráfico 43- Evolução na área colhida de banana em Sergipe (1974-2020)

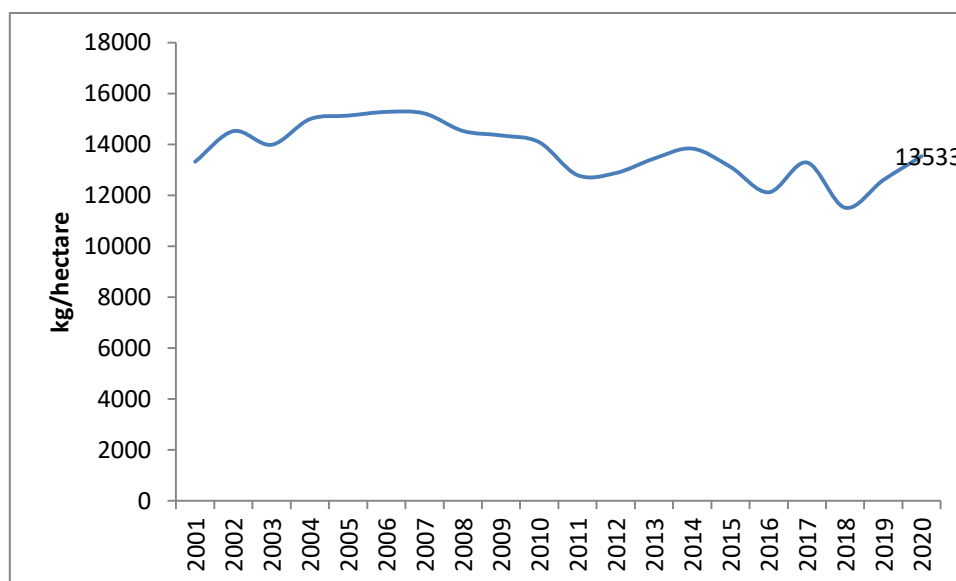


Fonte: PAM (2020), IBGE.

c) Rendimento médio

O rendimento médio da produção de bananas em Sergipe se mantém estável, em patamares relativamente altos, desde o início dos anos 2000, até o presente momento.

Gráfico 44- Evolução do rendimento médio da banana em Sergipe (2001-2020)



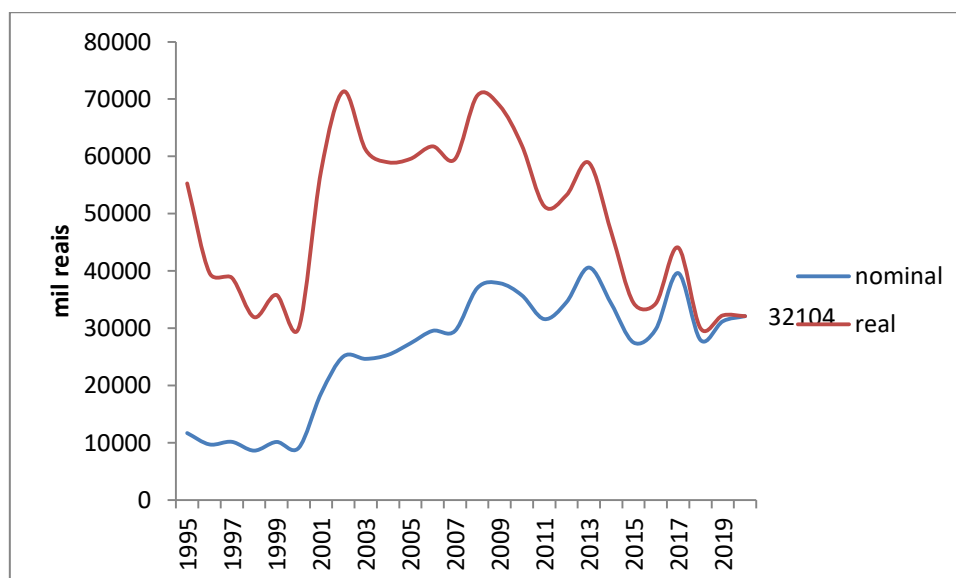
Fonte: PAM (2020), IBGE.

Percebe-se que, após a expansão observada entre 2000 e 2003, o rendimento médio da produção se manteve na casa dos 13.000 kg/hectare.

d) Valor da produção

O valor de produção da banana em Sergipe, em 2020, foi de R\$ 32.104.000, e em termos nominais, representou estabilidade em relação ao ano anterior.

Gráfico 45- Evolução do valor de produção (nominal e real) de banana em Sergipe (1995-2020)

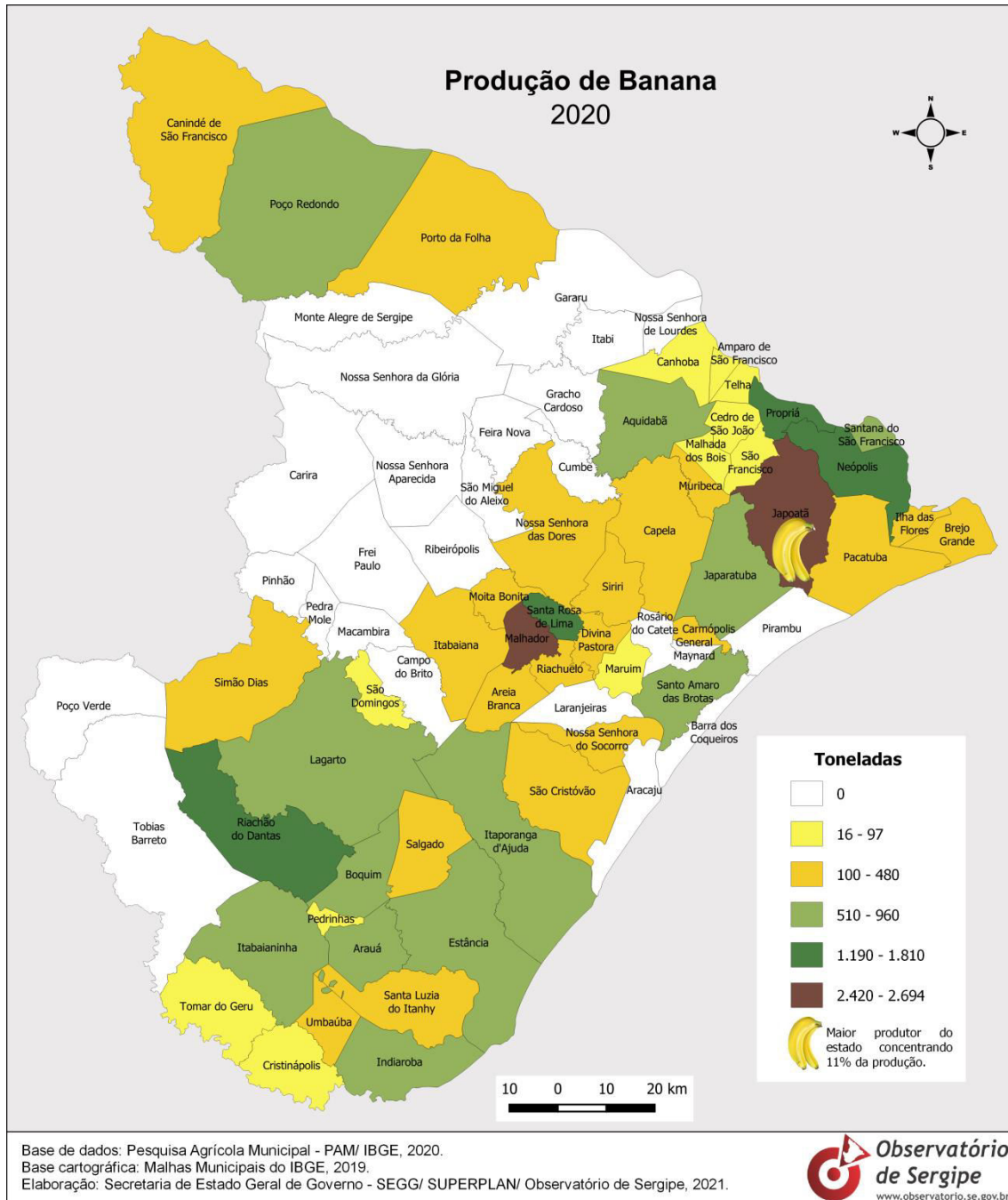


Fonte: PAM (2020), IBGE.

Como se vê, em termos nominais, a tendência é de estabilidade, com algumas variações pequenas observadas ao longo da série. Já em termos reais, a queda é mais acentuada em alguns pontos.

Segue abaixo cartograma da produção estadual

Figura 9- Cartograma da produção de banana em Sergipe em 2020.



3.2) Coco-da-baía

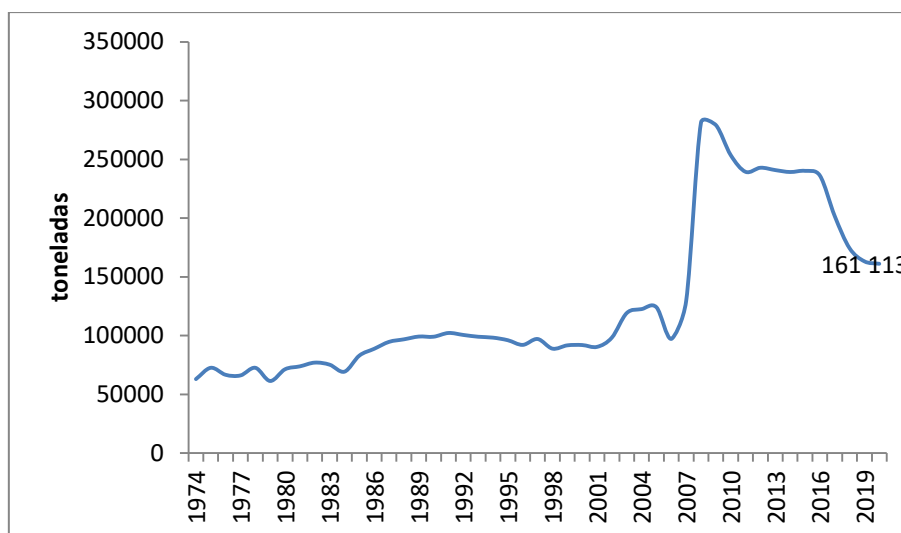
a) Quantidade produzida

O coco-da-baía se configura como uma das mais importantes culturas do estado, respondendo, em 2020 por 30% do valor total das lavouras permanentes. Além do peso

econômico, a cultura também é culturalmente relevante por se vincular às zonas costeiras do estado, criando uma paisagem litorânea característica.

Em 2020, Sergipe produziu 161.113.000 frutos de coco-da-baía, mantendo a produção estável em relação a 2019, quando foram produzidos 163.188.000.

Gráfico 46- Evolução da quantidade produzida de coco-da-baía em Sergipe (1974-2020).



Fonte: PAM (2020), IBGE.

É possível perceber, através do gráfico de evolução da produção, que, após trajetória de plena expansão entre os anos de 2006 e 2008, seguida de estabilidade até 2015, a tendência atual é de queda. Não obstante, o patamar em que a curva se encontra é ainda alto, em comparação com os anos que precedem a década de 2000.

A relevância da cultura do coco-da-baía para Sergipe pode ser aferida, também, a partir de seu desempenho em comparação com as demais unidades federativas. Assim, em 2020, Sergipe figurou como 4º colocado no ranking nacional de produtores de coco-da-baía, conforme indica a tabela abaixo:

Tabela 4- Quantidade de coco-da-baía: maiores produtores do Brasil (2020)

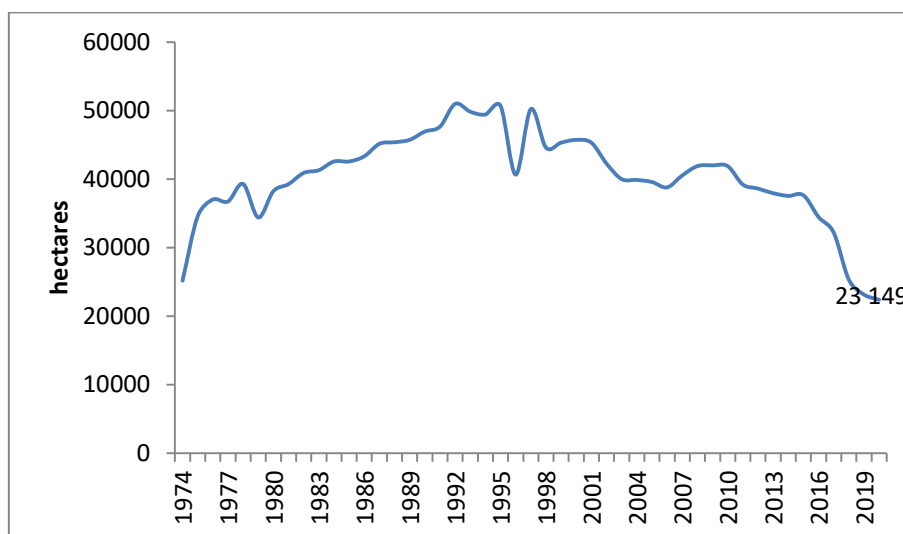
UF	toneladas
Ceará	405.019
Bahia	288.192
Pará	189.611
Sergipe	161.113
Espírito Santo	147.077

Fonte: PAM (2020), IBGE.

b) Área colhida.

Em termos de área colhida, em 2020 obteve-se o menor valor da série histórica, com 22.395 hectares utilizados.

Gráfico 47- Evolução da área colhida de coco-da-baía em Sergipe (1974-2020)



Fonte: PAM (2020), IBGE.

Ao traçar-se a média de 1974 a 2020, o resultado é de 40.000 hectares utilizados na lavoura de coco-da-baía, revelando a magnitude da queda recente observada a partir de 2015.

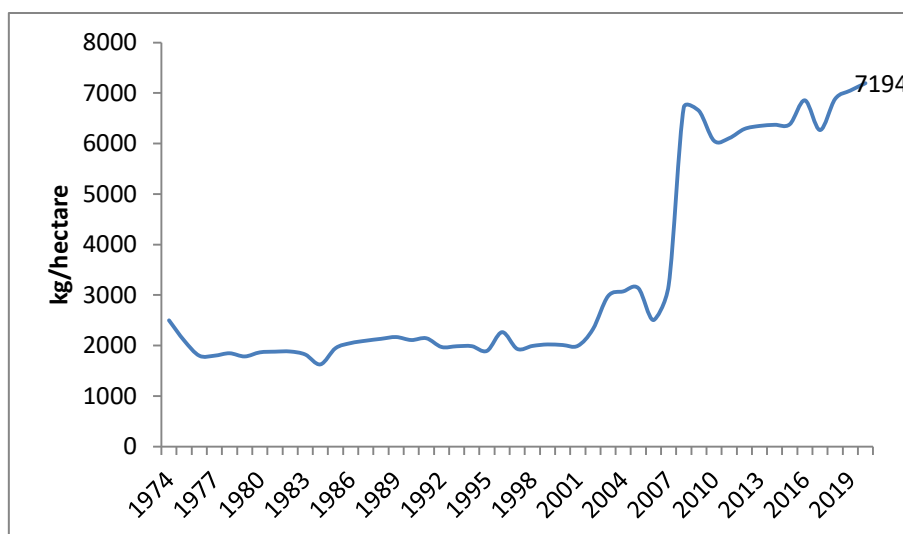
Entre 2015 e 2020, houve perda de 40,5% na área colhida de coco-da-baía; para o mesmo período, a perda na quantidade produzida foi de 32,9%.

c) Rendimento médio.

Em 2020, o rendimento médio da produção de coco-da-baía foi de 7.194 frutos/hectare, o maior valor já obtido pela pesquisa.

É possível inferir que tal desempenho tenha sido influenciado pela diferença de magnitude das quedas em “quantidade produzida” e “área colhida”.

Gráfico 48- Evolução do rendimento médio do coco-da-baía (1974-2020)



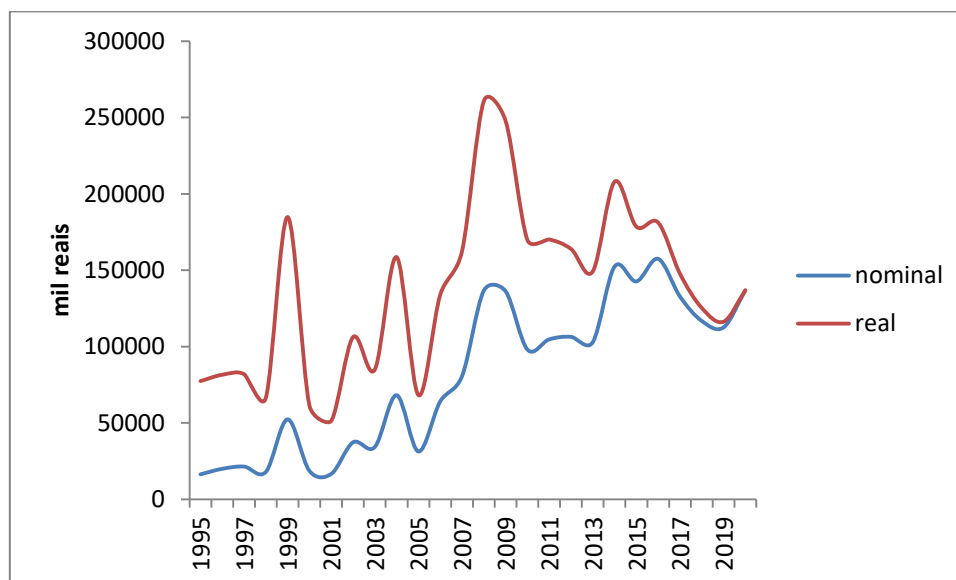
Fonte: PAM (2020), IBGE.

Como é possível perceber, até 2006 não há alteração real neste indicador. Em função da expansão na quantidade produzida a partir de então, o rendimento sobe, para se estabilizar na casa dos 6.000 frutos/hectare.

d) Valor de produção.

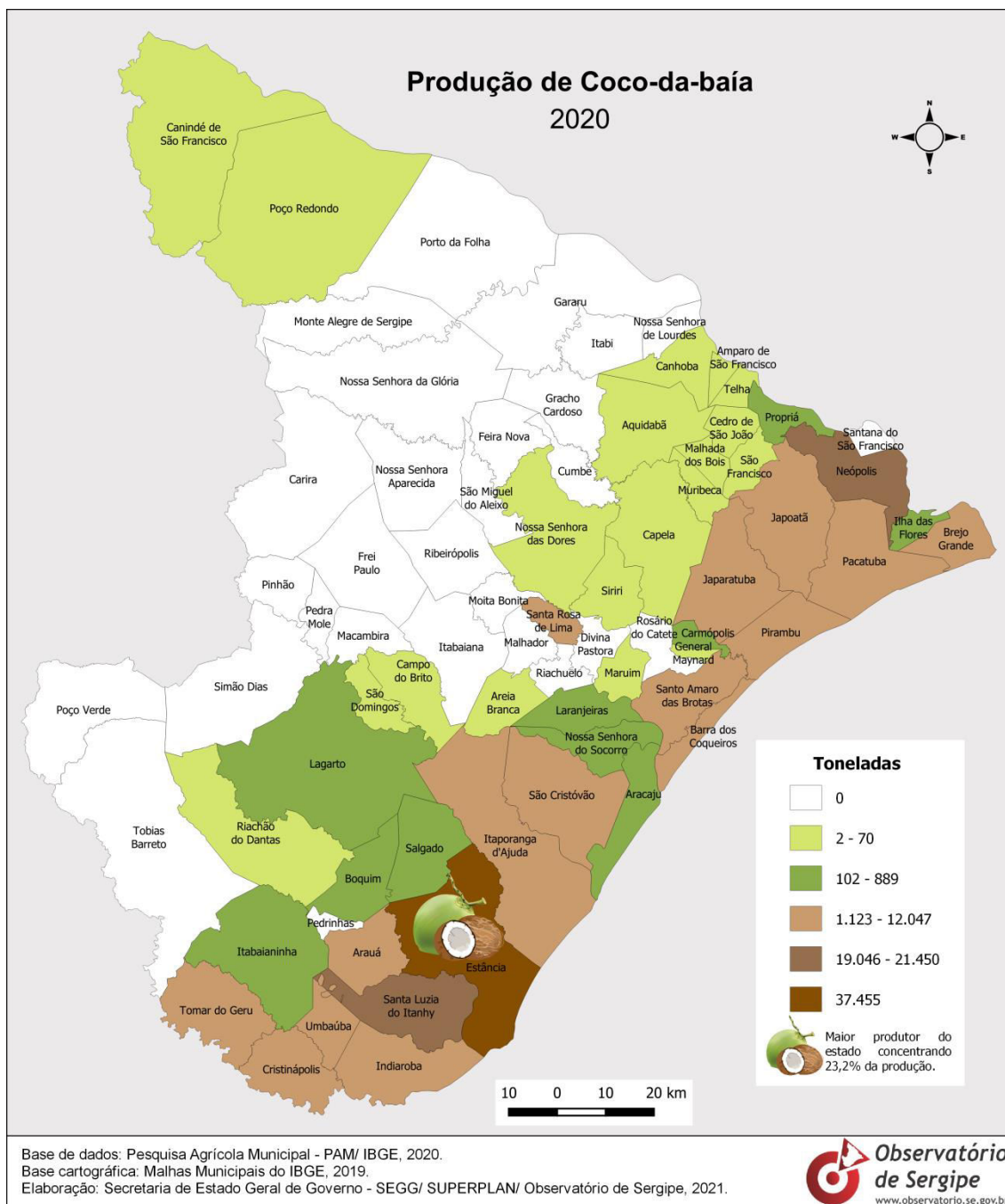
Em 2020, a produção de coco-da-baía foi estimada, em termos nominais, em R\$ 136.843.000, 21,6% maior que o ano de 2019.

Gráfico 49- Evolução do valor de produção (nominal e real) de coco-da-baía (1995-2020)



Fonte: PAM (2020), IBGE.

De modo geral, após a expansão já referida, os valores se mantiveram estáveis durante a segunda metade da década.



3.3) Goiaba

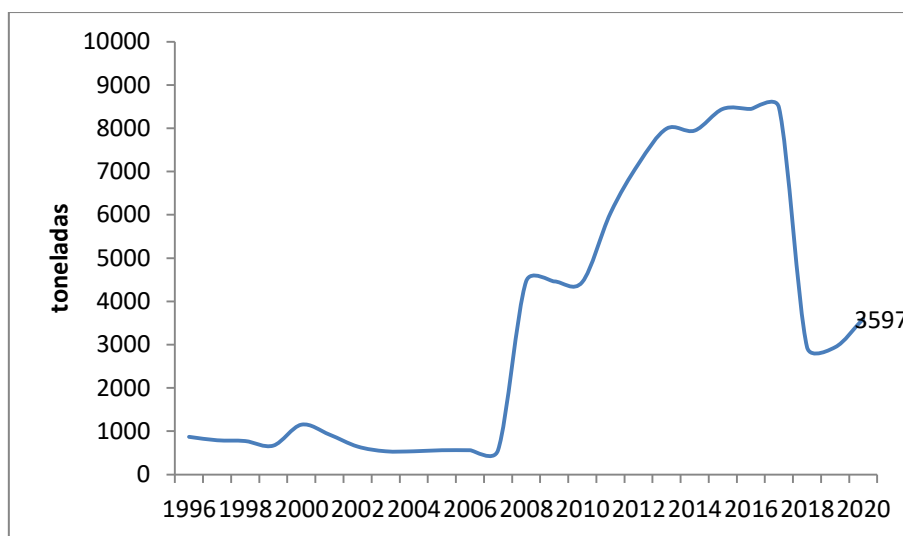
a) Quantidade produzida.

O cultivo de goiaba, em Sergipe, não é de grande relevância em termos econômicos, nem de uso da terra e recursos. Não obstante, a trajetória da produção revela os benefícios da assistência técnica adequada, possibilitada pela ação estatal através de políticas setoriais articuladas.

O cultivo da fruta ocorre em perímetro irrigado, no Alto Sertão sergipano, onde também se dá o plantio de quiabo. Até 2007, a quantidade produzida raramente ultrapassava a marca das mil

toneladas. Em 2008, foram colhidas 4.461 toneladas da fruta, aproximadamente sete vezes mais que o usualmente produzido, conforme indica o gráfico abaixo:

Gráfico 50- Evolução da quantidade produzida de goiaba em Sergipe (1996-2020)



Fonte: PAM (2020), IBGE.

Percebe-se como, a partir de 2008, até o ano de 2015, a cultura experimentou processo de franca expansão, para, a partir daí se estabilizar e iniciar processo de queda até os anos recentes.

Em 2020 foram colhidas 3.597 toneladas da fruta, contra 2.941 em 2019, o que redundou em ligeiro aumento de 22%. O referido aumento, entretanto, ainda está longe de reverter a grande queda observada entre 2017 e 2018, quando a produção registrou baixa de 65,3%.

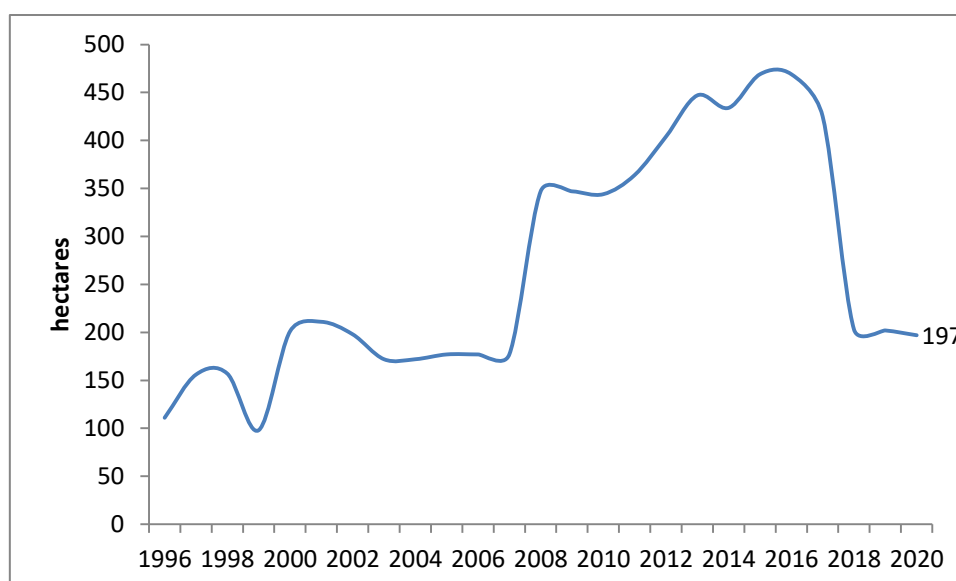
b) Área colhida

Em se tratando de cultura em área restrita, dependente da instalação das tecnologias de irrigação, sua extensão encontra-se condicionada por tal fator. Desse modo, trata-se de cultivo de extensão reduzida, seja em termos absolutos ou relativos.

Em 2020, foram colhidos 197 hectares, indicando estabilidade em relação a 2019, quando foram colhidos 212 hectares.

A grande queda de área colhida ocorreu no mesmo período em que ocorreu na quantidade produzida, na passagem entre 2017 e 2018. Foram 425 hectares em 2017 e 203 em 2018, queda de 52,2%.

Gráfico 51- Evolução da área colhida de goiaba em Sergipe (1996-2020)



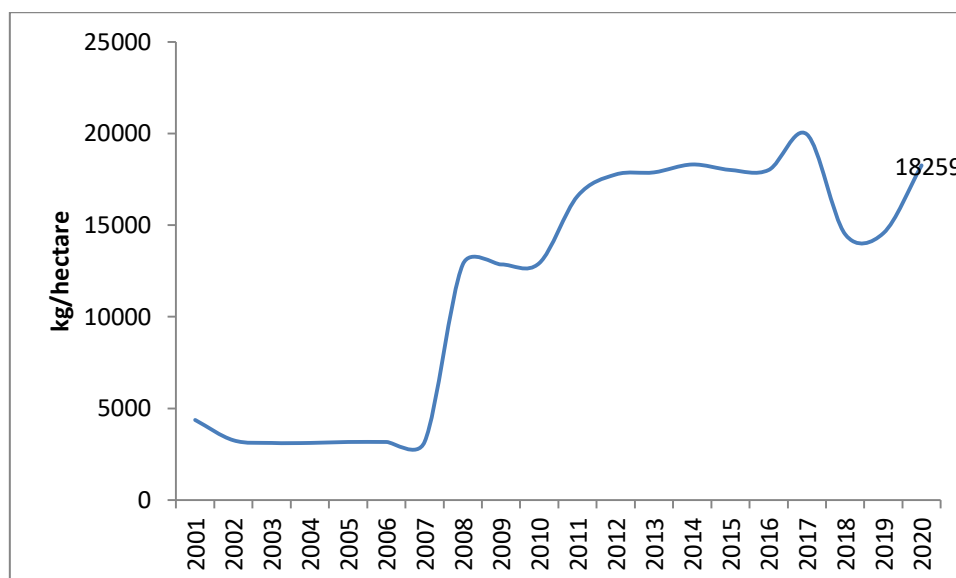
Fonte: PAM (2020), IBGE.

Percebe-se que, após atingir o ápice em termos de expansão, utilizando 469 hectares em 2016, a trajetória da evolução é descendente, chegando ao atual patamar de 197 hectares.

c) Rendimento médio

O rendimento médio do cultivo de goiaba em Sergipe, em 2020, foi de 18.259 kg/hectare, indicando aumento de 25,4% em relação a 2019.

Gráfico 52- Evolução do rendimento médio de goiaba em Sergipe (2001-2020)



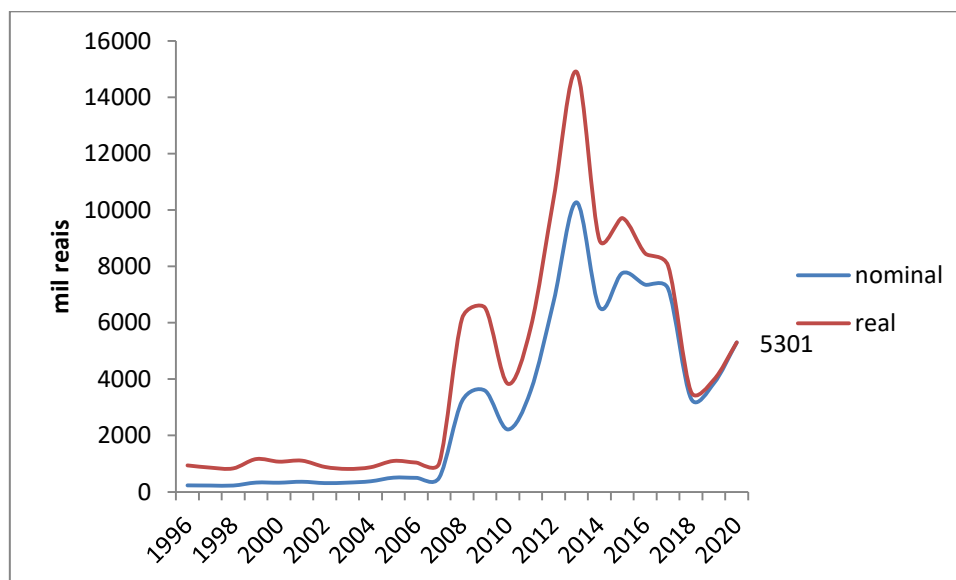
Fonte: PAM (2020), IBGE.

d) Valor de produção

Em termos de valor de produção, ainda que não se trate de cultura com grande impacto para o estado, esta garante renda a produtores em uma região marcada pela dificuldade de cultivo e pela pobreza.

Em 2020, o valor da produção foi estimado em R\$ 5.301.000, um aumento de 37,6% em relação a 2019.

Gráfico 53- Evolução do valor de produção (nominal e real) de goiaba em Sergipe (1995-2020)

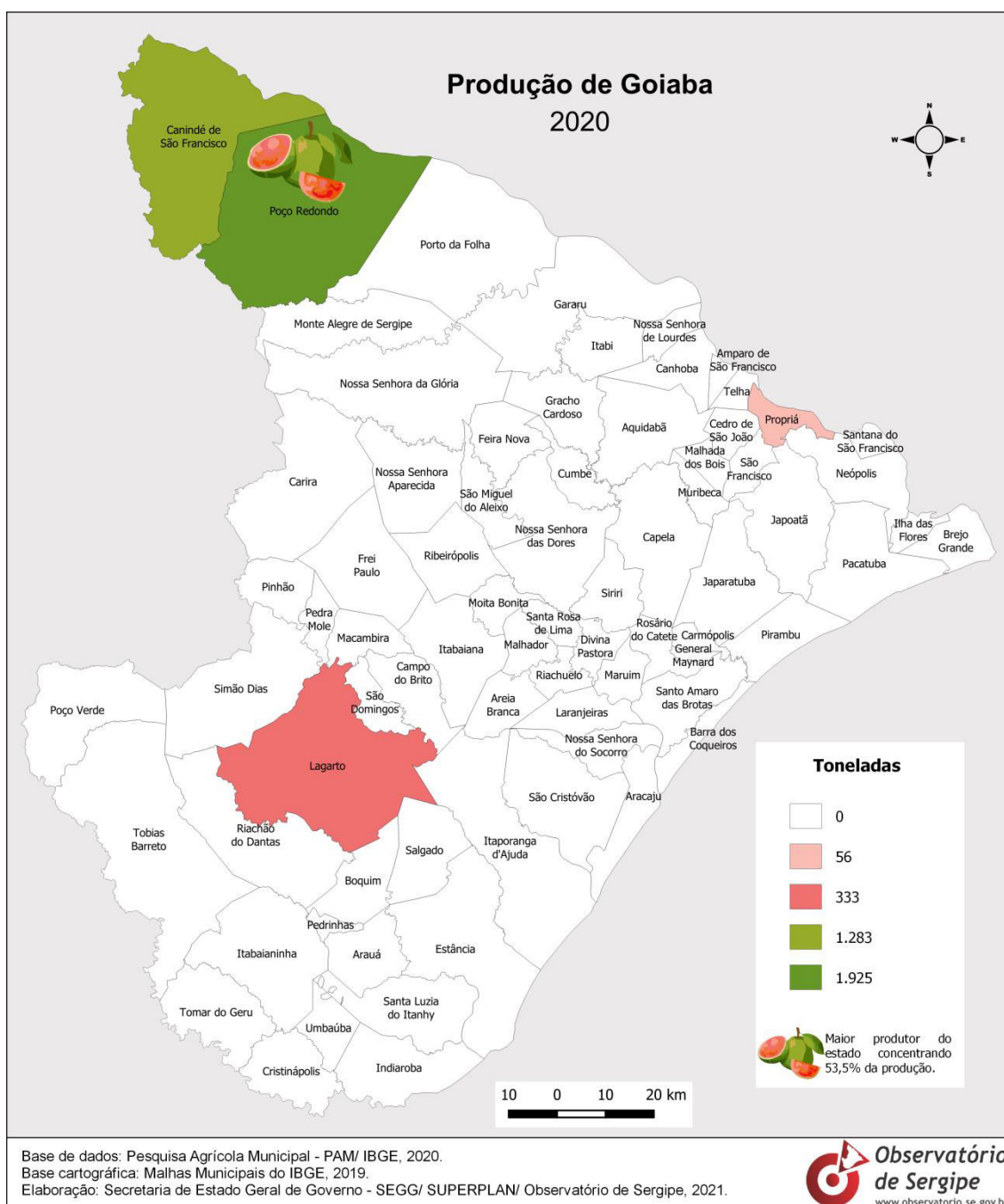


Fonte: PAM (2020), IBGE

Em relação ao auge alcançado pela produção de goiaba, entretanto, a retomada percebida no último ano ainda está distante. Em 2013 foram produzidos, em termos nominais, R\$ 10.721.000, aproximadamente o dobro do que foi produzido no ano de 2020. Se a análise se serve dos valores reais da produção- deflacionados pelo IPCA- a disparidade é ainda maior.

Segue abaixo cartograma da produção estadual de goiaba:

Figura 10- Cartograma da produção de goiaba em Sergipe em 2020.



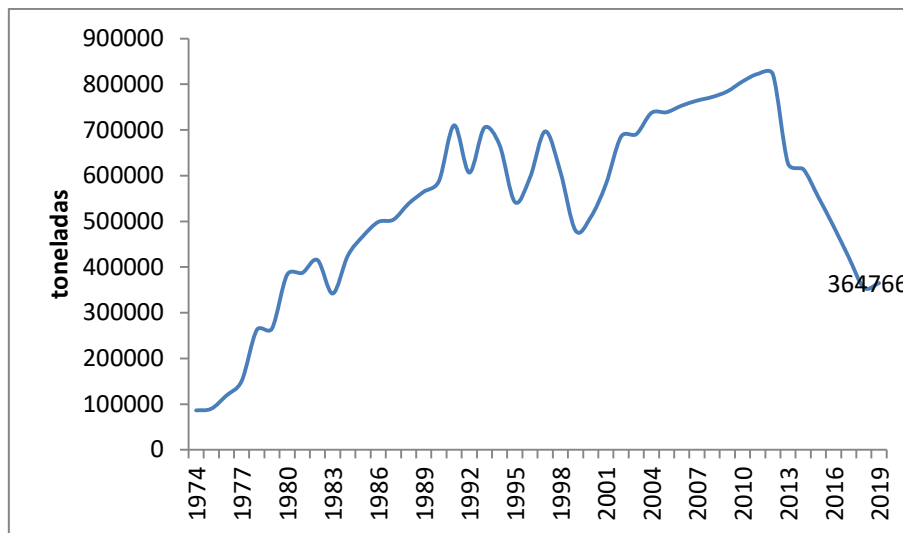
3.4) Laranja

a) Quantidade produzida

A cultura de laranja, em Sergipe, atravessa período de queda constante e gradual, ainda que, em relação a 2019, o ano de 2020 tenha sido de estabilidade.

Em 2020 foram colhidas 378.422 toneladas da fruta, ante 364.766 em 2019.

Gráfico 54- Evolução da quantidade produzida de laranja em Sergipe (1974-2020)



Fonte: PAM (2020), IBGE.

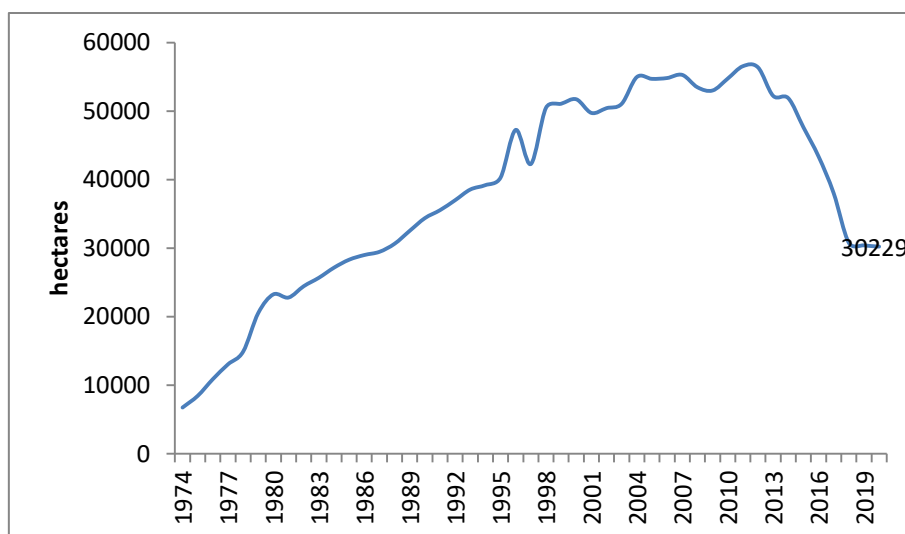
Em 2012, foram colhidas 821.940 toneladas, o que, em comparação com 2020, significa 54% de queda na quantidade produzida.

b) Área colhida

Em relação à área colhida, tem-se trajetória semelhante, com expansão ininterrupta até 2012, quando se inicia o processo de queda.

Em 2020, foram colhidos 30.229 hectares de laranja, contra 30.402 em 2019, indicando estabilidade neste indicador.

Gráfico 55- Evolução da área colhida de laranja em Sergipe (1974-2020)



Fonte: PAM (2020), IBGE.

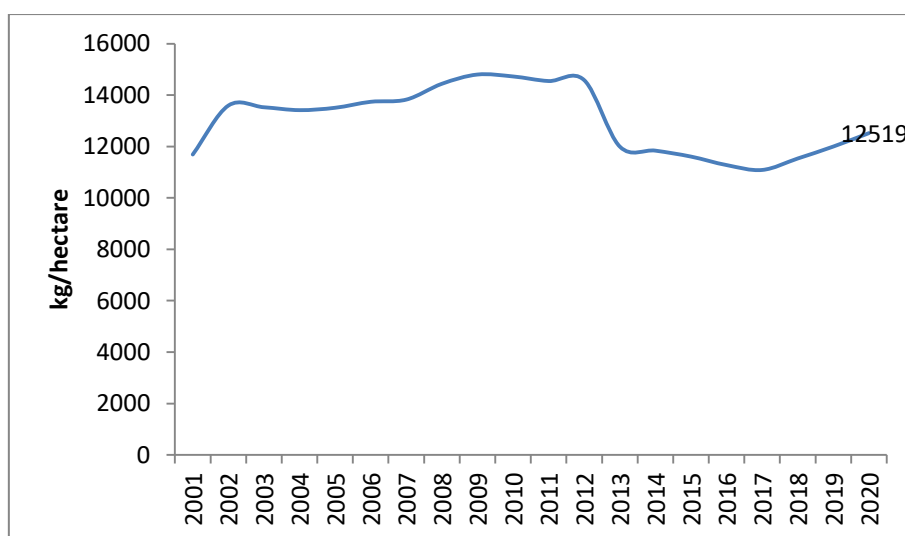
É possível perceber que, em 2012, foram colhidos 56.369 hectares, indicando queda de 46,3% na extensão da lavoura.

c) Rendimento médio.

Em relação ao indicador de rendimento médio, a trajetória é de estabilidade.

Em 2020, o rendimento da lavoura de laranja foi de 12.519 kg/hectare. Resultado parecido com a média do século XXI, até o presente momento- 13.001 kg/hectare.

Gráfico 56- Evolução do rendimento médio da laranja em Sergipe (2001-2020)



Fonte: PAM (2020), IBGE.

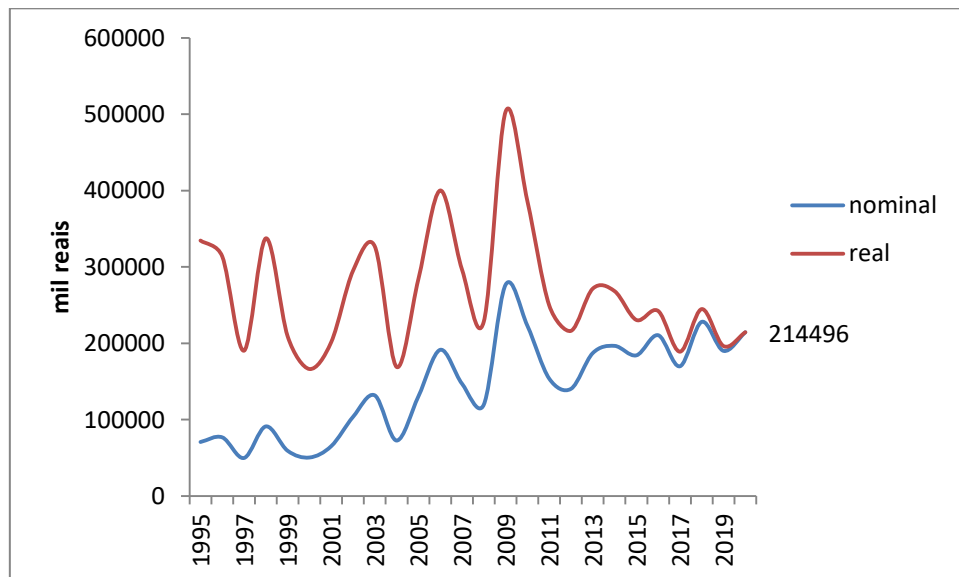
Assim, é possível inferir que, apesar da introdução de novas práticas e tecnologias, não houve incremento real na produtividade da fruta desde o início do século.

d) Valor de produção

Em oposição aos indicadores de quantidade e área, o valor da produção de laranja não experimentou o mesmo processo de queda gradual, parecendo indicar, antes, estabilidade em valores nominais.

Em 2020, a produção foi estimada em R\$ 214.496.000, um aumento de 13% em relação a 2019.

Gráfico 57- Evolução do valor de produção (nominal e real) de laranja em Sergipe (1995-2020)

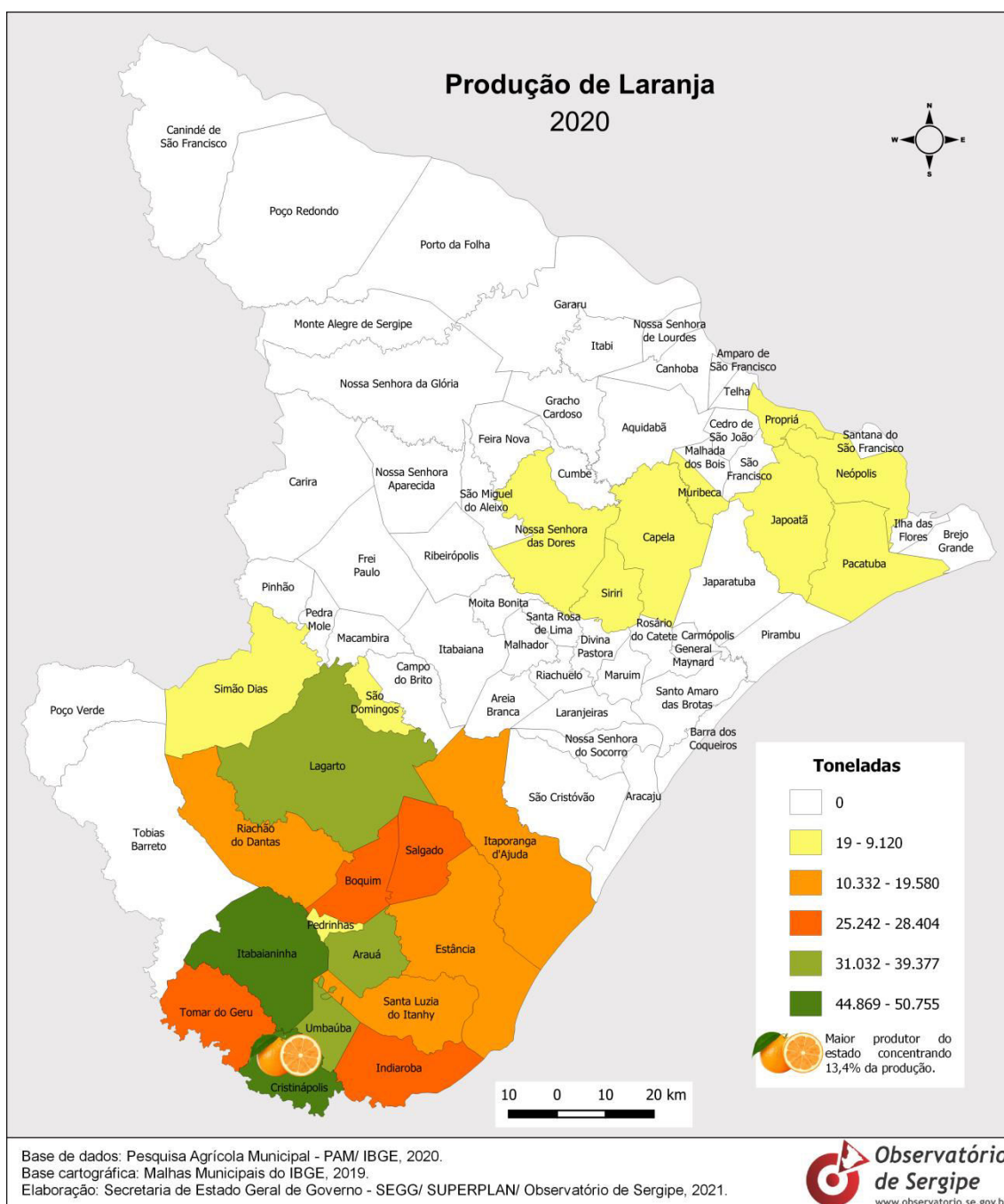


Fonte: PAM (2020), IBGE.

Interessante perceber que, em termos nominais, o valor atual da produção está próximo ao auge observado pela pesquisa; a diferença maior se expressa quando se toma por base os valores reais deflacionados pelo número índice do IPCA.

Segue abaixo cartograma da produção estadual:

Figura 11- Cartograma da produção de laranja em Sergipe em 2020.



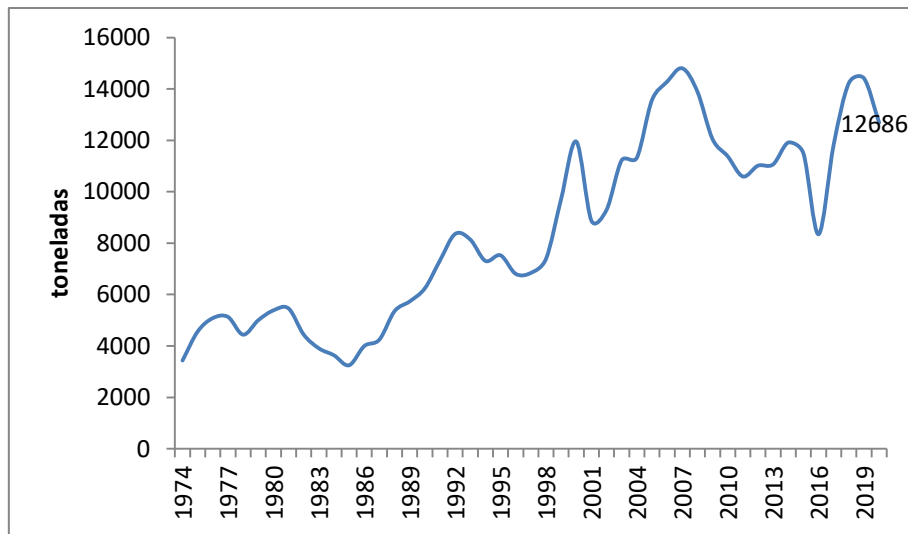
3.5) Limão

a) Quantidade produzida

A cultura de limão, em Sergipe, não ocupa lugar de destaque, seja pela quantidade produzida, seja pelo espaço que ocupa. Entretanto, desde o início do século XXI, a cultura apresenta viés de alta em seus números.

Não obstante pequena queda observada na passagem de 2019 para 2020, a produção, em termos quantitativos vem em viés de alta desde 2017. É o que revela o gráfico abaixo:

Gráfico 58- Evolução na quantidade produzida de limão em Sergipe (1974-2020)



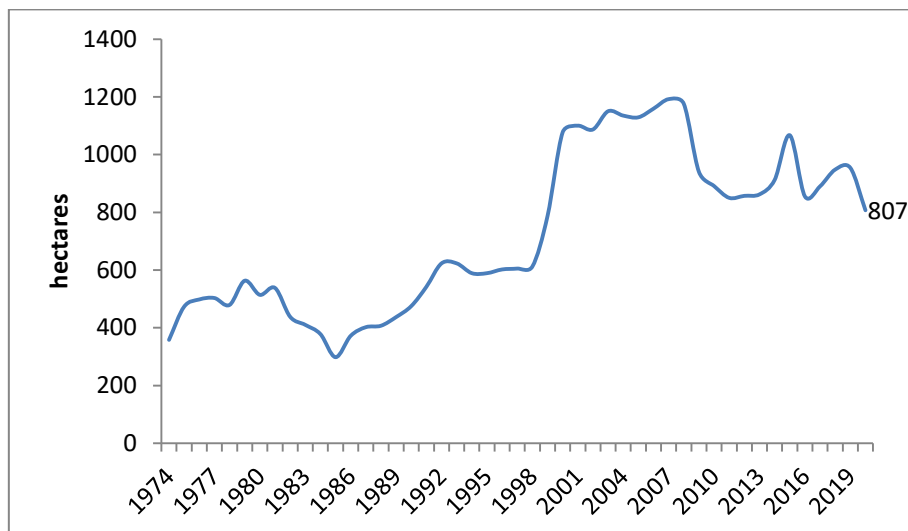
Fonte: PAM (2020), IBGE.

Em uma análise estendida, observados os resultados desde o primeiro ano da série, a produção aumentou aproximadamente três vezes. Em 2020 foram colhidas 12.686 toneladas de limão, quantidade próxima ao auge da produção, atingido em 2007.

b) Área colhida.

Conforme exposto anteriormente, a cultura do limão não ocupa grandes extensões de terra em Sergipe. Em 2020, a produção limoeira ocupou 807 hectares, ante 954 em 2019.

Gráfico 59- Evolução na área colhida de limão em Sergipe (1974-2020)



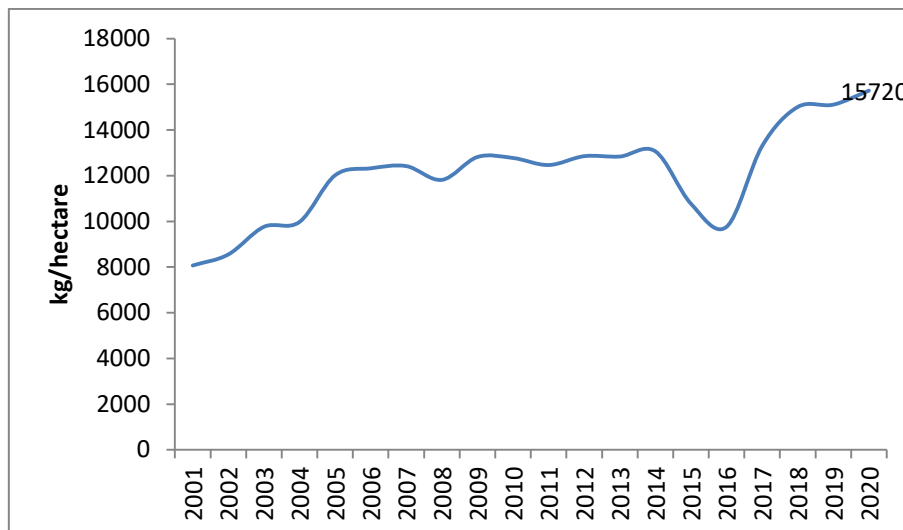
Fonte: PAM (2020), IBGE.

A principal alteração no padrão de extensão fundiária ocorre próximo à virada do século XX. Em 1998, a produção estava presente em 612 hectares; em 2000 eram 1077, um aumento de 78%. Atualmente, a produção parece ter se estabilizado na faixa dos 800 hectares de terra.

c) Rendimento médio.

Atualmente mensurado em 15.720 kg/hectare, o rendimento médio do limão sergipano aumentou 94% em relação ao início do século, quando a medida era de 8.067 kg/hectare.

Gráfico 60- Evolução do rendimento médio do limão em Sergipe (2001-2020)

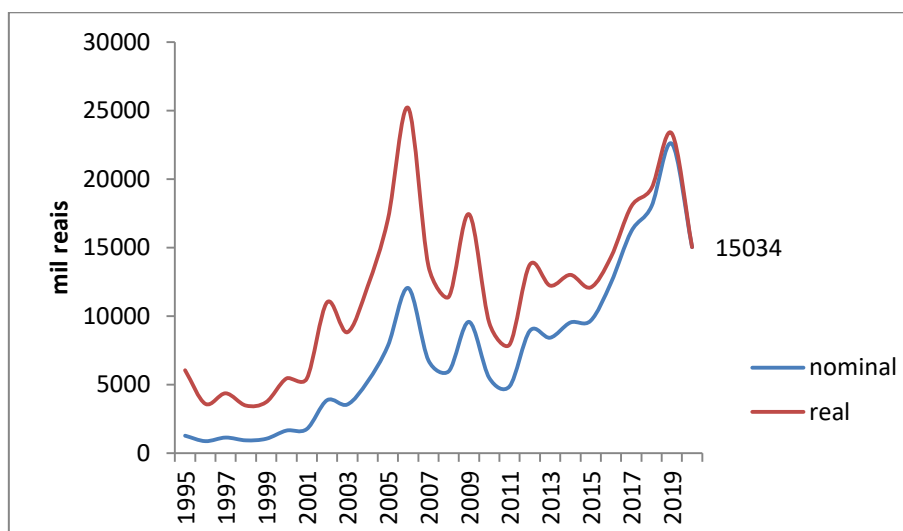


Fonte: PAM (2020), IBGE.

d) Valor de produção

Após aproximadamente uma década de crescimento dos valores, em 2020 houve queda de 33,4%. A produção neste ano foi estimada em R\$ 15.034.000, ante 22.580.000, em 2019, que, em termos nominais, fora o melhor valor obtido pela série até então.

Gráfico 61- Evolução do valor de produção (nominal e real) de limão em Sergipe (1995-2020)



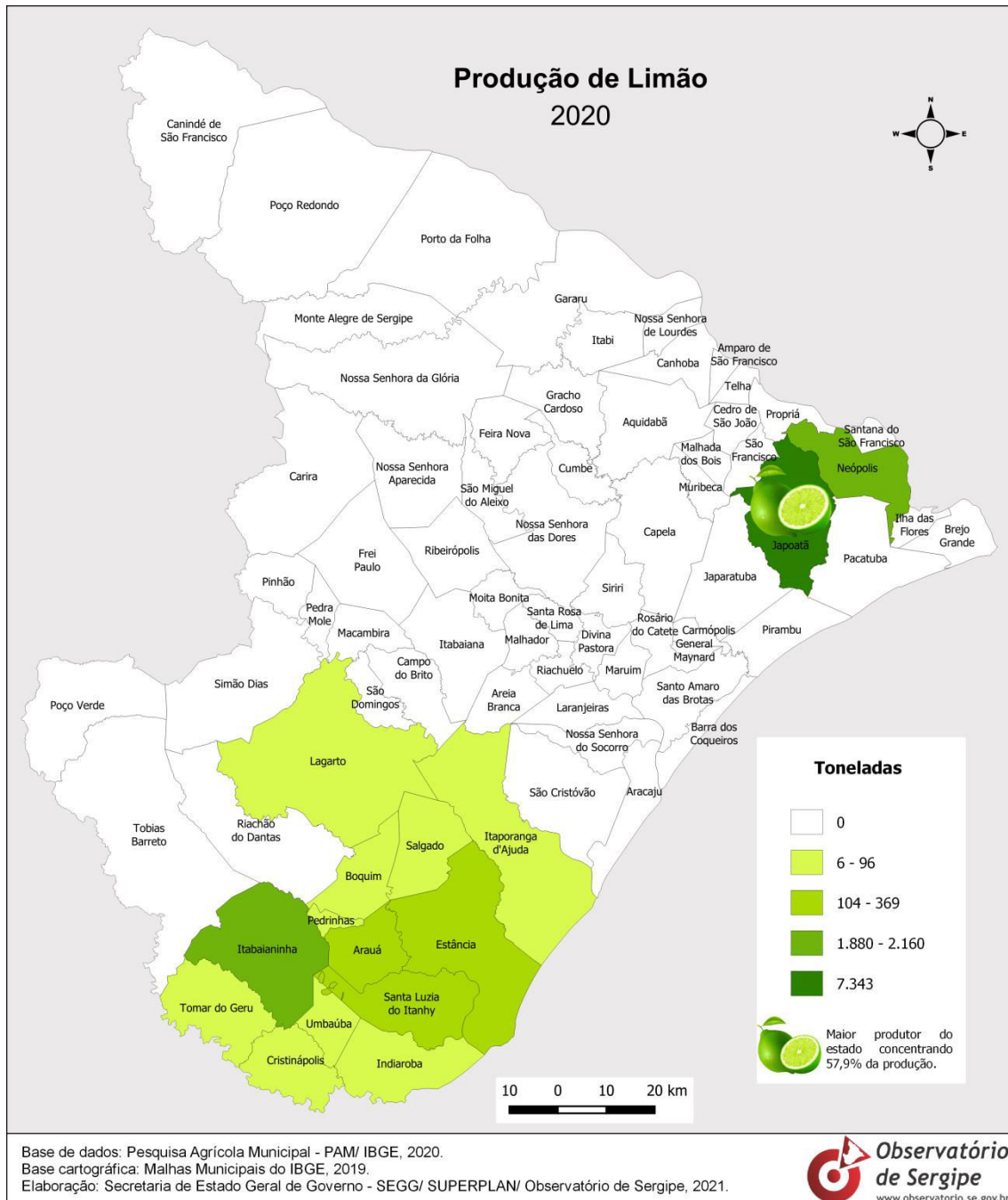
Fonte: PAM (2020), IBGE.

Por fim, ressalte-se a diferença de magnitude dos valores obtidos no início da série, em termos nominais, e os recebidos agora. Com crescimento superior a dez vezes, percebe-se a

importância crescente que a lavoura vem tendo, mesmo que em proporção menor que outras culturas consolidadas, como a laranja.

Segue abaixo cartograma da produção estadual

Figura 12- Cartograma da produção de limão em Sergipe em 2020.

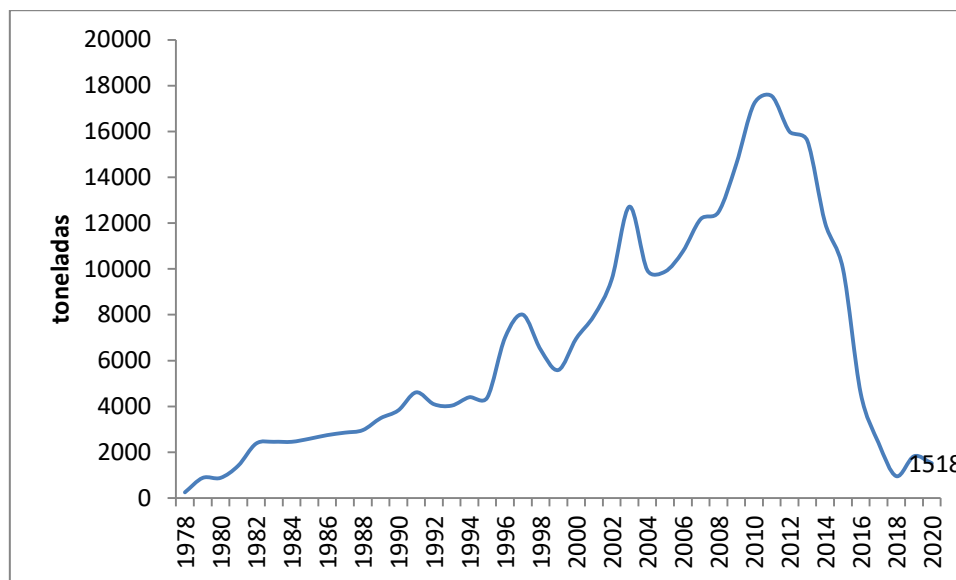


3.6) Mamão

a) Quantidade produzida

Em 2020 foram produzidas 1.518 toneladas de mamão, em Sergipe, colocando a fruta como uma das menores, em termos quantitativos.

Gráfico 61- Evolução da quantidade produzida de mamão em Sergipe (1974-2020)



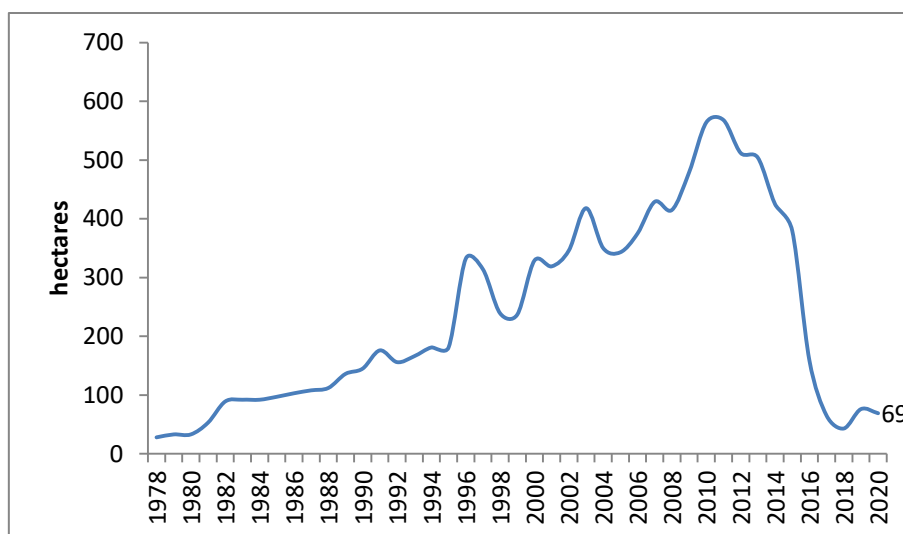
Fonte: PAM (2020), IBGE.

A cultura, como se vê, passa por longo processo de queda ininterrupta: em 2011 foram 17.544 toneladas colhidas, a partir daí, a lavoura experimentou nada menos que queda, para, em 2018 produzir 955 toneladas. A queda registrada foi de 94,5%, cabendo a estudos específicos buscarem as causas próprias do fenômeno.

b) Área colhida

A área colhida pela cultura de mamão em Sergipe acompanha a tendência observada no indicador “quantidade produzida”.

Gráfico 62- Evolução da área colhida de mamão em Sergipe (1978-2020)



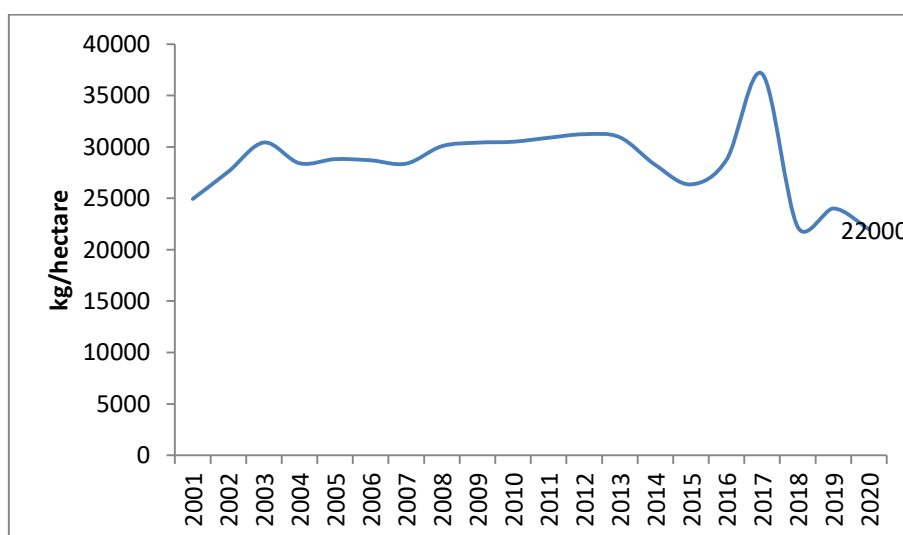
Fonte: PAM (2020), IBGE.

Em 2020 foram colhidos 60 hectares no cultivo do mamão, patamar próximo ao registrado no início da série.

c) Rendimento médio.

O rendimento médio do mamão demonstra estabilidade, uma vez que não se trata de cultura com introdução de tecnologias e práticas que estimulem a produtividade. Quedas na área colhida acompanham as quedas na quantidade produzida. O gráfico abaixo representa este fator.

Gráfico 63- Evolução do rendimento médio do mamão em Sergipe (2001-2020)



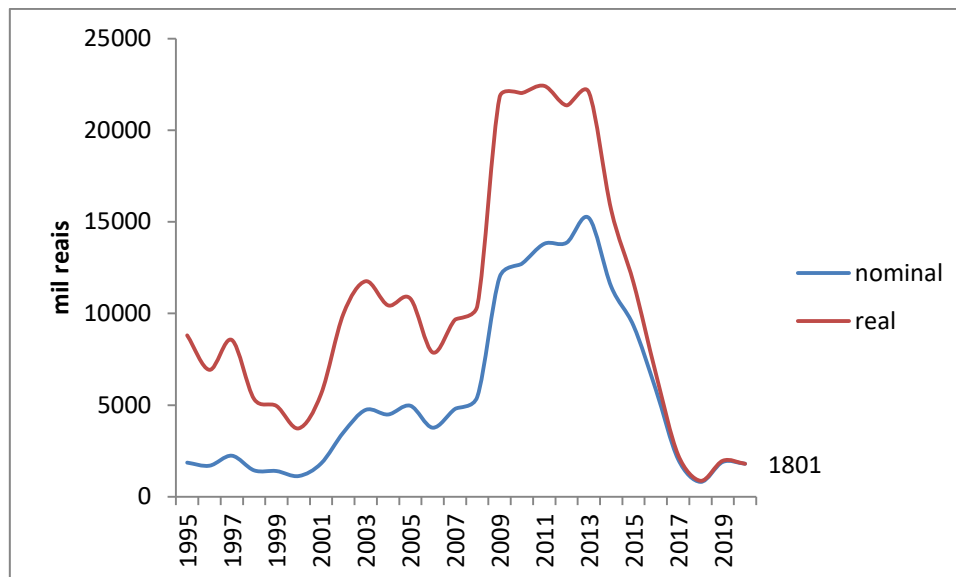
Fonte: PAM (2020), IBGE.

Em 2020, o rendimento do mamão foi de 22.000 kg/hectare, ante 24.013 em 2019, indicando pequena queda de 8,4%. Com média de 28.498 kg/hectare no século, percebe-se que não há grandes alterações.

d) Valor da produção.

Como não poderia deixar de ser, em termos de valor de produção, a cultura mamoeira apresenta queda ininterrupta.

Gráfico 64- Evolução do valor de produção (nominal e real) de mamão em Sergipe (1974-2020)

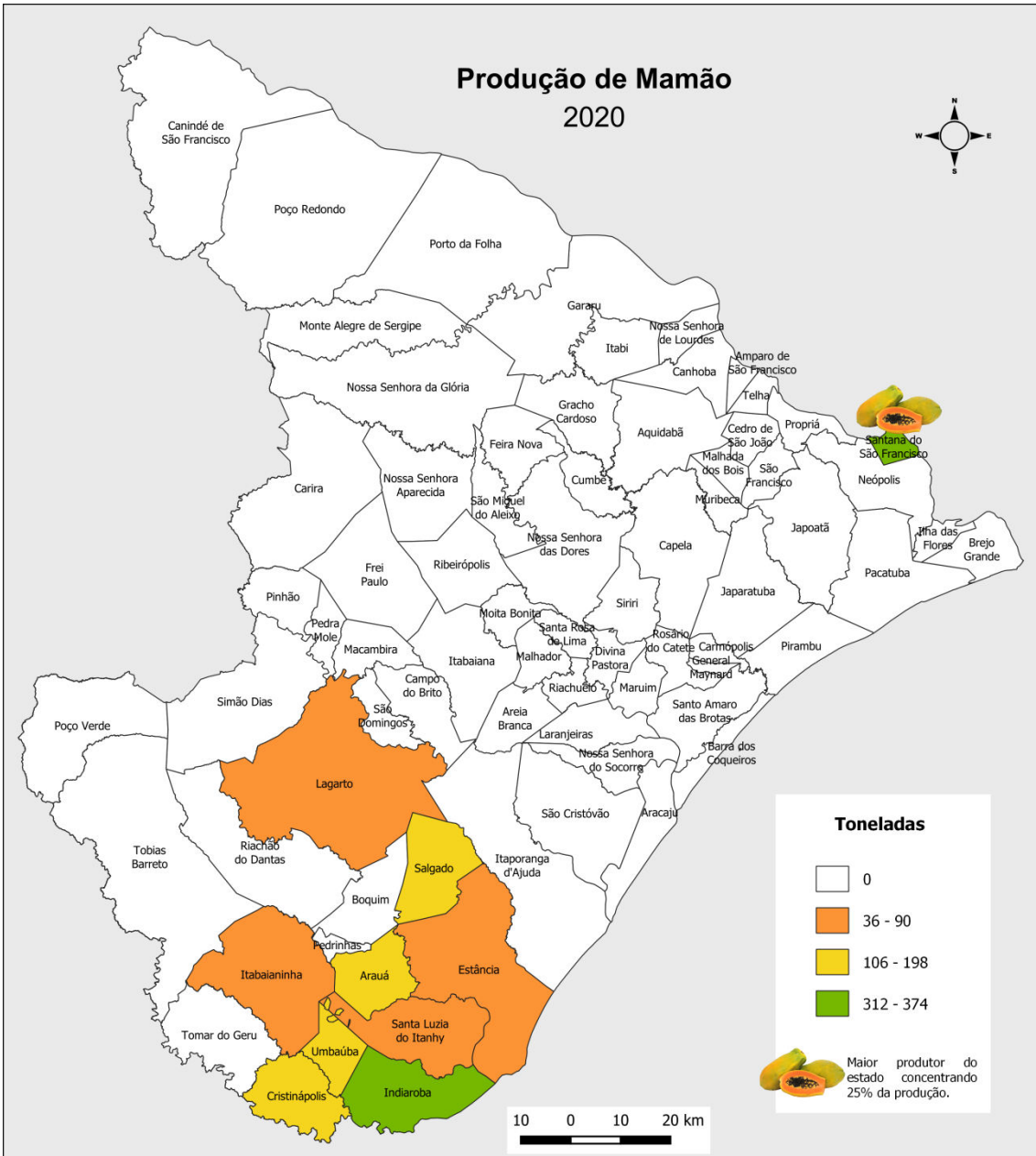


Fonte: PAM (2020), IBGE.

Em 2020, o valor total da produção de mamão, em termos nominais, foi de R\$ 1.801.000, estável em relação a 2019, e indicando leve recuperação em relação ao mais baixo que a série já esteve, o ano de 2018, quando foram produzidos R\$ 813.000.

Para efeito de comparação, ainda em termos nominais, em 2013, foram produzidos R\$ 15.209.000 (22.064.000, em valores reais), valor 88,1% maior que o obtido na última apuração.

Segue abaixo cartograma da produção estadual:



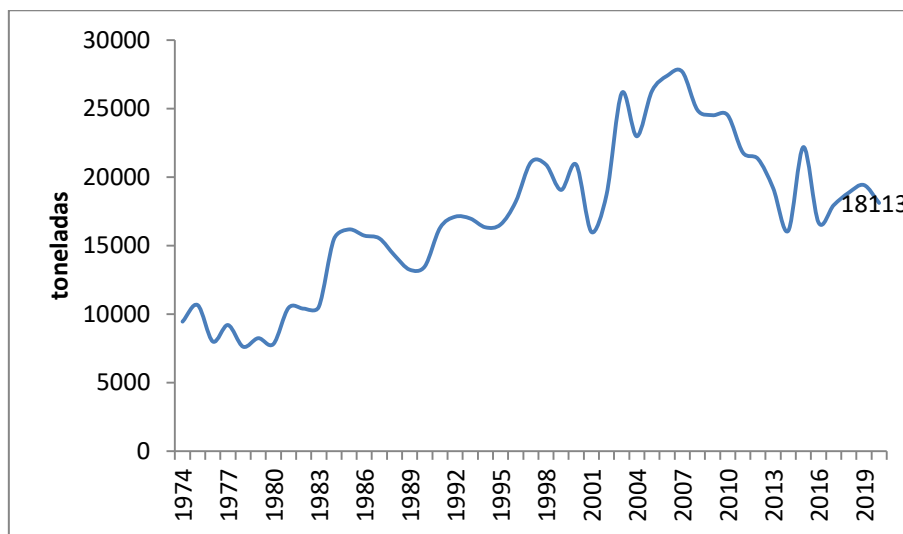
Base de dados: Pesquisa Agrícola Municipal - PAM/ IBGE, 2020.
 Base cartográfica: Malhas Municipais do IBGE, 2019.
 Elaboração: Secretaria de Estado Geral de Governo - SEGG/ SUPERPLAN/ Observatório de Sergipe, 2021.

3.7) Manga

a) Quantidade produzida.

Em 2020 foram colhidas 18.113 toneladas de manga, no estado de Sergipe. Em relação a 2019, a tendência é de estabilidade. Em longo prazo, no entanto, a cultura tenta se recuperar de queda na quantidade produzida, iniciada no ano de 2008.

Gráfico 65- Evolução da quantidade produzida de manga em Sergipe (1974-2020)



Fonte: PAM (2020), IBGE.

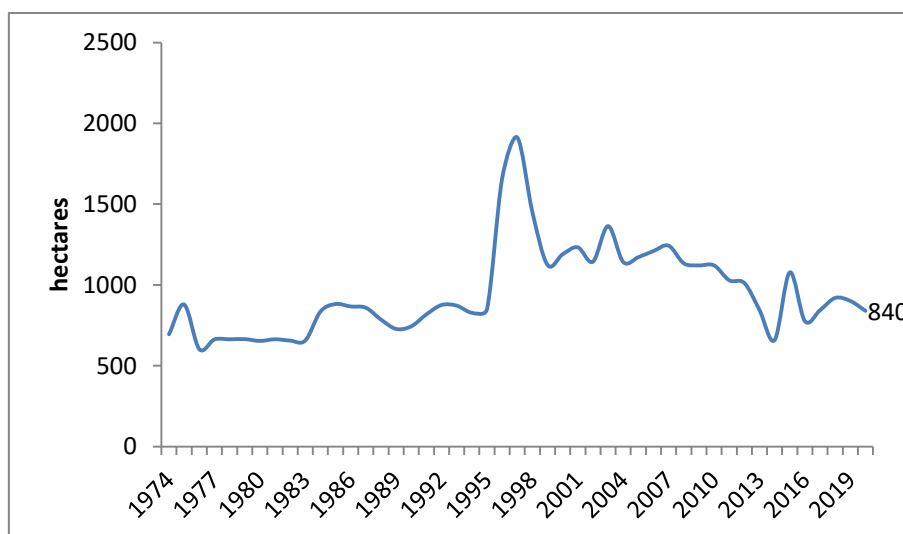
A partir do gráfico acima exposto, é possível perceber como, até 2008, apesar de algumas oscilações pontuais, a produção de manga apresentava viés de crescimento. A partir do referido ano, a produção experimentou queda e não mais voltou a produzir acima das 20.000 toneladas.

b) Área colhida.

Com relação à área colhida, foram utilizados, em 2020, 840 hectares para a produção de manga, no estado, denotando estabilidade em relação a 2019.

Em longo prazo, a tendência parece ser de redução na área colhida, com a extensão nos últimos anos se estabelecendo em patamar abaixo de 1000 hectares.

Gráfico 66- Evolução da área colhida de manga em Sergipe (1974-2020)



Fonte: PAM (2020), IBGE.

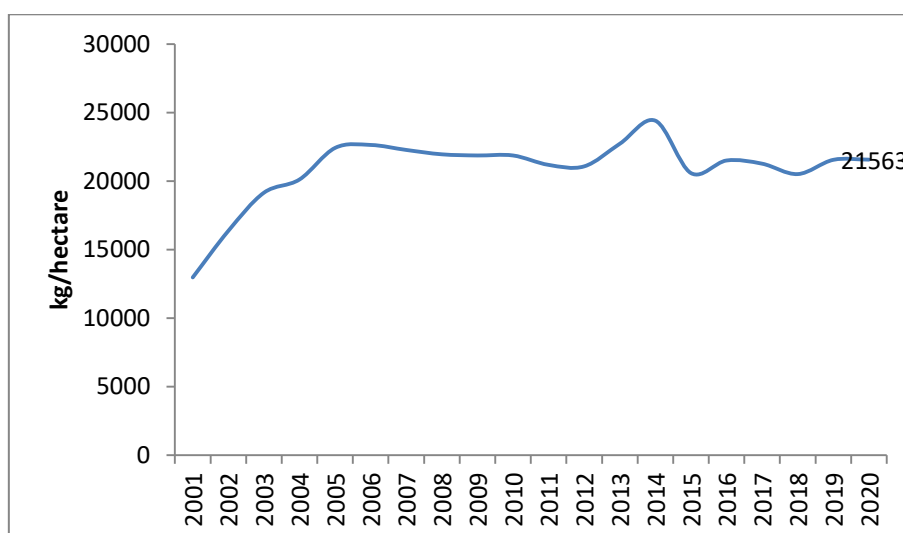
Conforme exposto acima, após auge no ano de 1997, quando foram utilizados 1.913 hectares, a cultura sofreu redução gradual, até atingir menos de 50% de sua extensão máxima.

c) Rendimento médio

O rendimento médio da manga em Sergipe, por sua vez, não apresentou grandes alterações em relação à média observada pela pesquisa.

Em 2020, o rendimento médio foi de 21.563 kg/hectare, estável em relação a 2019, e em relação à década, de um modo geral.

Gráfico 67- Evolução do rendimento médio de mamão em Sergipe (2001-2020)

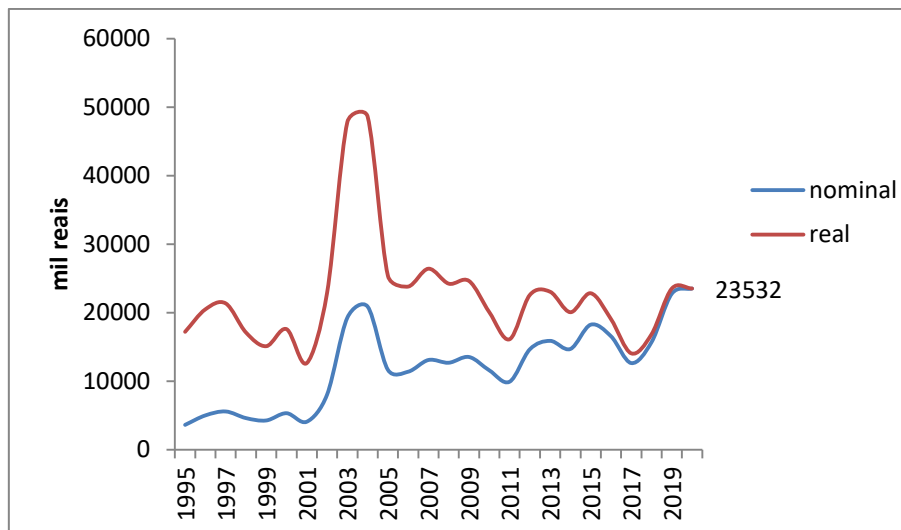


Fonte: PAM (2020), IBGE.

d) Valor de produção

Em relação ao valor de produção, após longo período de estabilidade, é possível perceber tendência de alta.

Gráfico 68- Evolução do valor de produção (nominal e real) de manga em Sergipe (1974-2020)

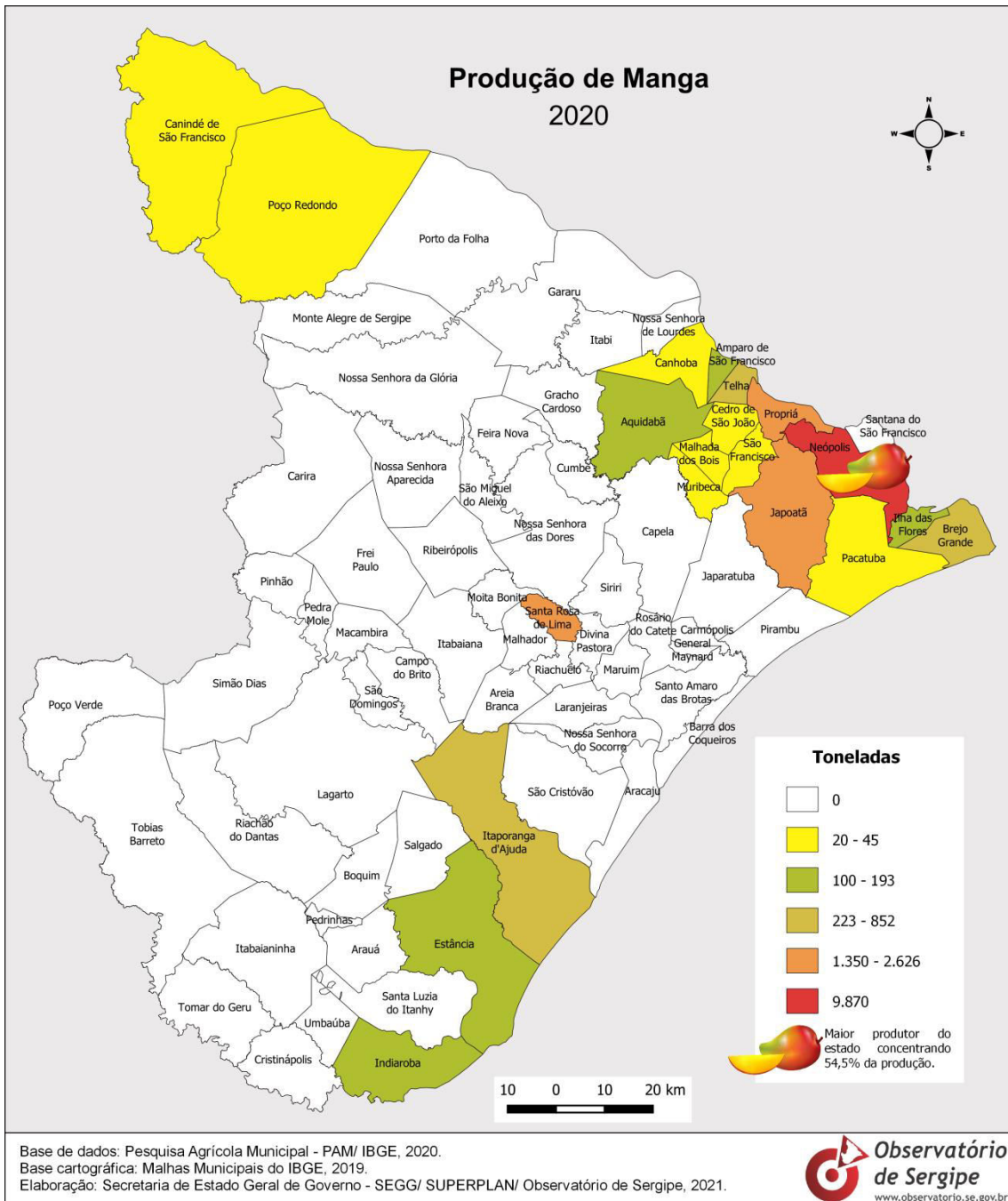


Fonte: PAM (2020), IBGE.

Em 2020 foram produzidos R\$ 23.532.000 em manga, no estado de Sergipe, melhor resultado da série desde o início do Plano Real, em termos nominais. Em termos nominais, há estabilidade em relação a 2019; entretanto, quando a comparação se estende aos anos precedentes, percebe-se que, em relação a 2017, o crescimento é de 86%, em termos nominais.

Segue abaixo cartograma da produção estadual:

Figura 14- Cartograma da produção de manga em Sergipe em 2020



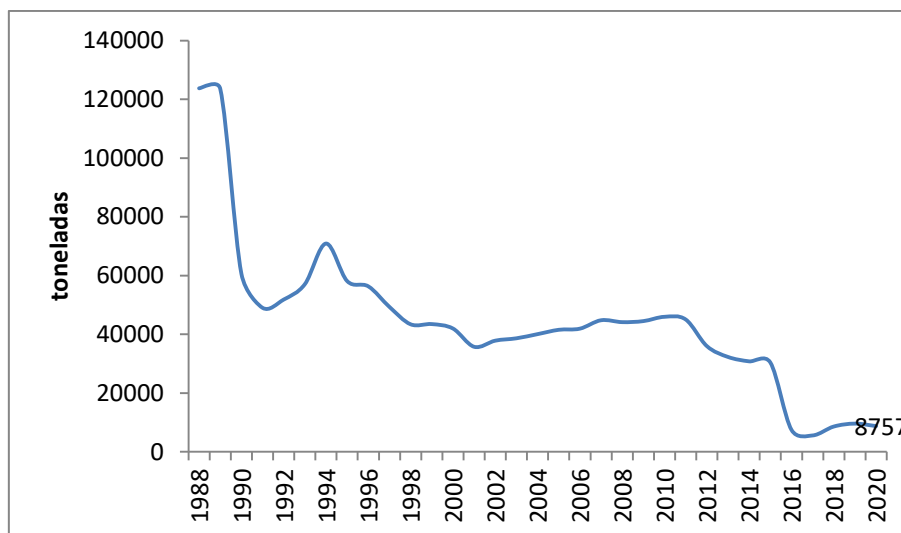
3.8) Maracujá

a) Quantidade produzida.

Em relação à produção de maracujá, a tendência é de queda constante. Em 2020 foram colhidas 8.757 toneladas do fruto, estável em relação a 2019.

Quando o olhar se volta para a análise de longo prazo, a queda se evidencia de forma pronunciada:

Gráfico 69- Evolução da quantidade produzida de maracujá em Sergipe (1974-2020)



Fonte: PAM (2020), IBGE.

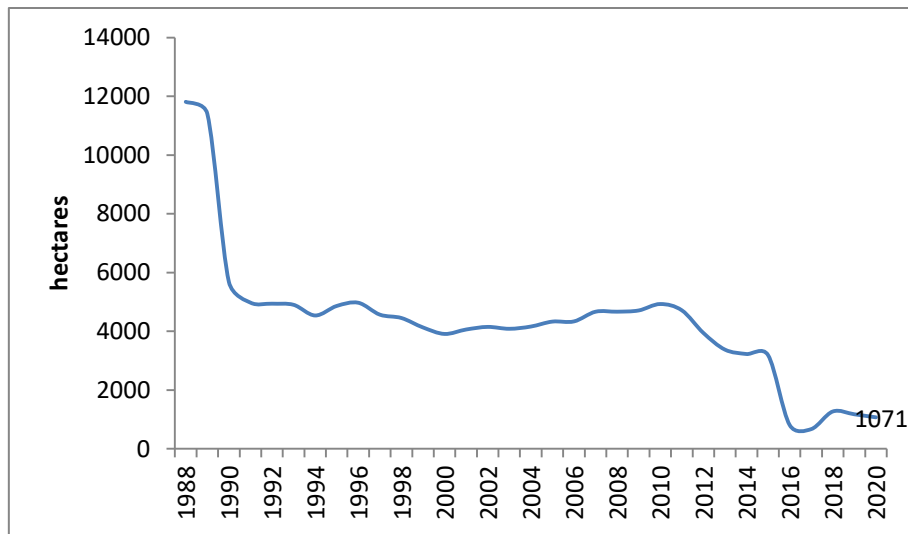
A produção, que em 1988 estava em 123.472 toneladas, durante a década de 1990 chegou ao patamar das 40.000 toneladas, e, em 2017, atingiu a marca de 5.571.

Trata-se, sem dúvida, da maior queda na produção agrícola do estado.

b) Área colhida.

Como não poderia deixar de ser, a extensão da produção de maracujá também sofreu redução constante ao longo das últimas duas décadas.

Gráfico 70- Evolução da área colhida de maracujá em Sergipe (1974-2020)



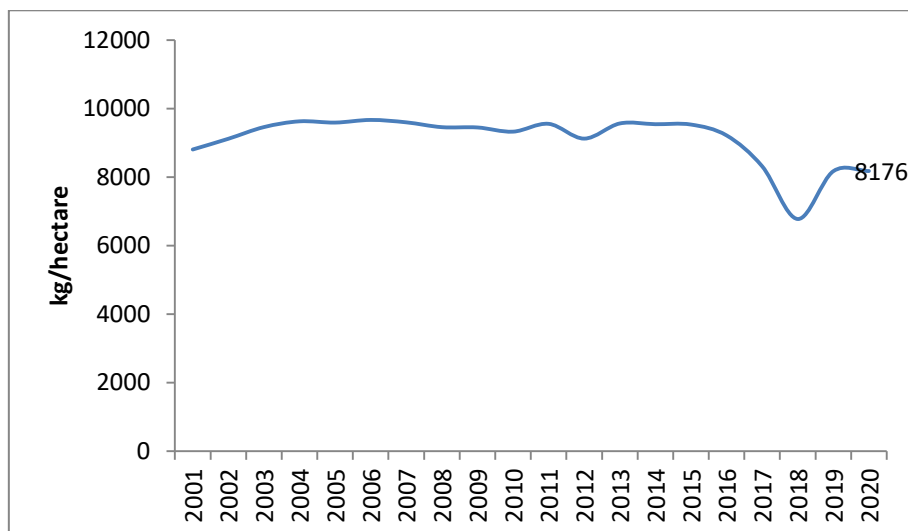
Fonte: PAM (2020), IBGE.

Em 2020 foram colhidos 1071 hectares, indicando estabilidade em relação a 2019. Em longo prazo, como se vê, a queda é de aproximadamente dez vezes, uma vez que no início da série, 1988, a lavoura de maracujá ocupava 11.811 hectares, em Sergipe.

c) Rendimento médio

Em função das perdas na mesma proporção, de área colhida e quantidade produzida, o indicador de rendimento médio, em evolução histórica, apresenta estabilidade:

Gráfico 71- Evolução do rendimento médio de maracujá em Sergipe (2001-2020)



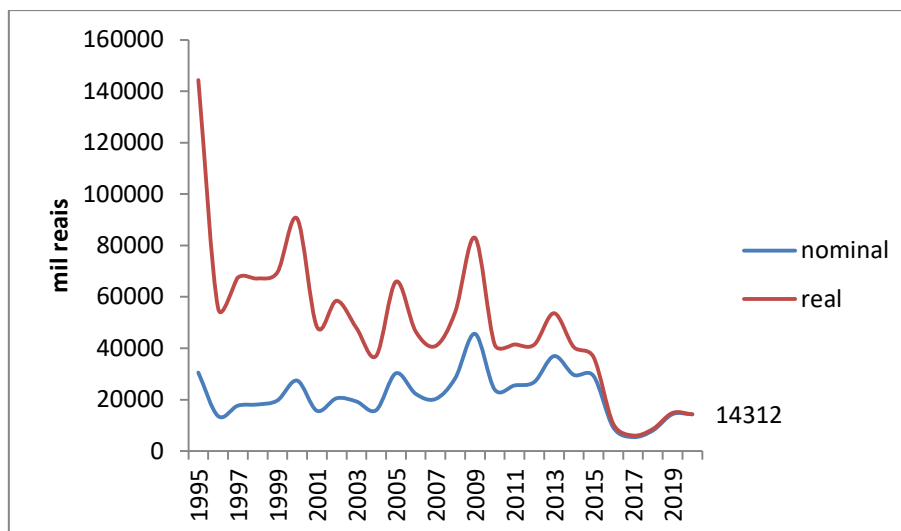
Fonte: PAM (2020), IBGE.

Assim, em 2020 o indicador apontou 8.176 kg/hectare para a produção do Maracujá, estável em relação a 2019.

d) Valor da produção

Em relação ao valor da produção, a trajetória não foi a mesma observada nos indicadores de quantidade e área, uma vez que, mesmo em menor quantidade, os preços recebidos pelos produtores compensaram as perdas em volume.

Gráfico 72- Evolução do valor de produção (nominal e real) de mamão em Sergipe (1974-2020)

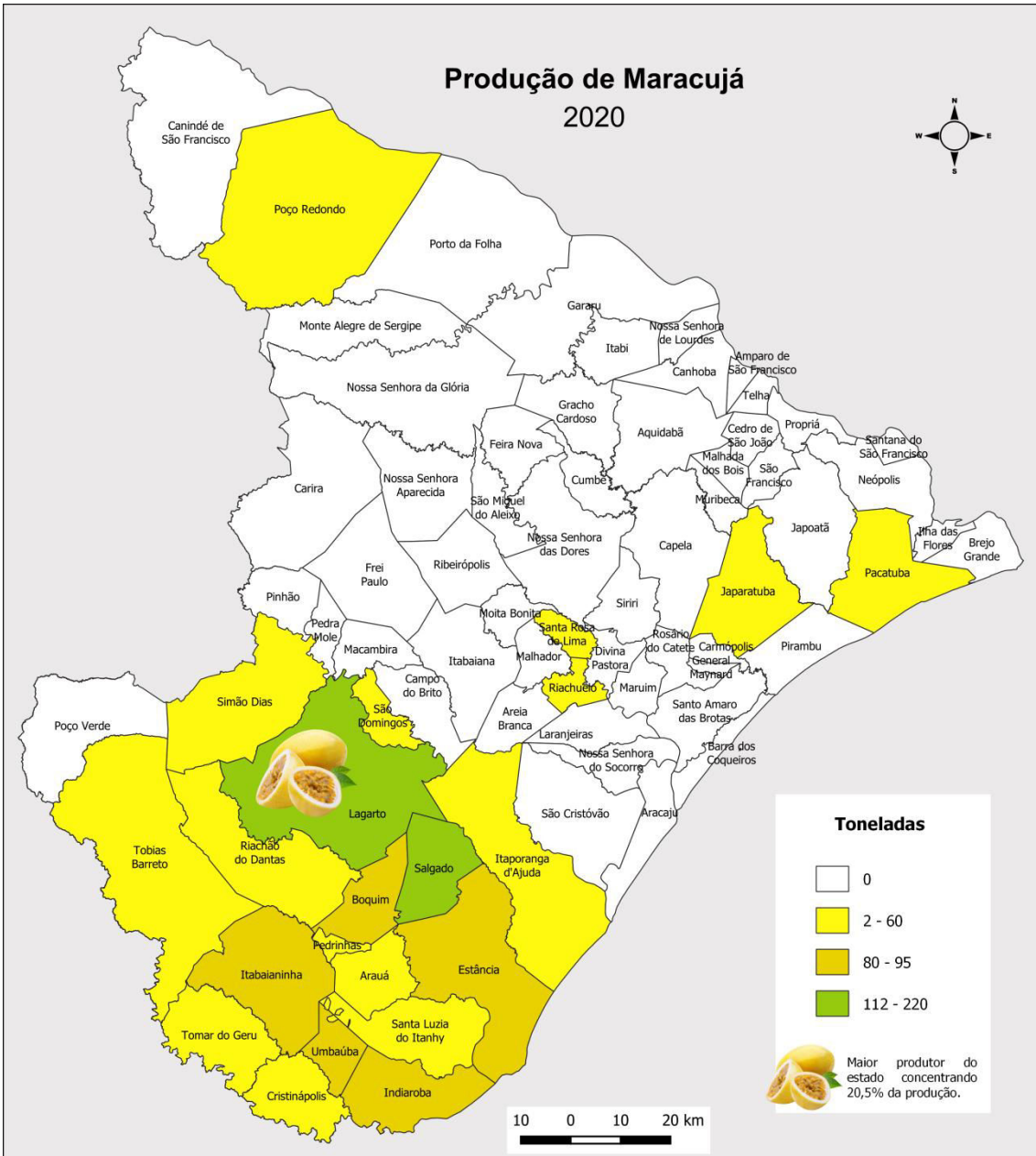


Fonte: PAM (2020), IBGE.

Como se nota, os dois últimos anos foram de recuperação para a lavoura do maracujá, após queda em 2016, quando o valor da produção caiu 68,6%, em relação a 2015, para valores nominais.

Em 2020, foram R\$ 14.312.000, estável em relação a 2019, porém com aumento de 78,8% em relação a 2018, em termos nominais.

Segue abaixo cartograma da produção estadual



Base de dados: Pesquisa Agrícola Municipal - PAM/ IBGE, 2020.
 Base cartográfica: Malhas Municipais do IBGE, 2019.
 Elaboração: Secretaria de Estado Geral de Governo - SEGG/ SUPERPLAN/ Observatório de Sergipe, 2021.

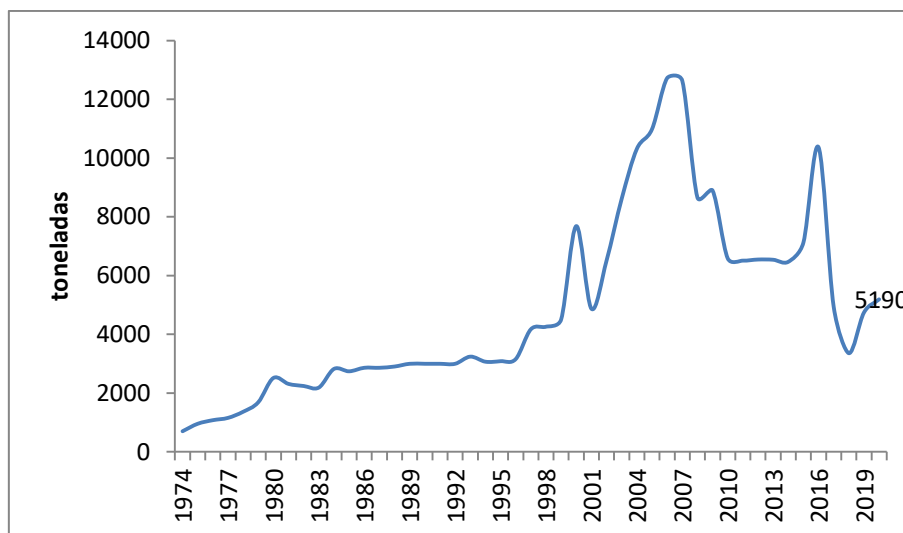
3.9) Tangerina

a) Quantidade produzida.

Entre os anos de 1974 e 2007, a lavoura de tangerina experimentou processo de franca expansão, com a quantidade passando de 700 toneladas em 1974, para 12.632 em 2007.

A partir de então, a trajetória é de descenso, e, em 2020, foram colhidas 5.190 toneladas da fruta, estável em relação a 2019.

Gráfico 73- Evolução da quantidade de tangerina produzida em Sergipe (1974-2020)

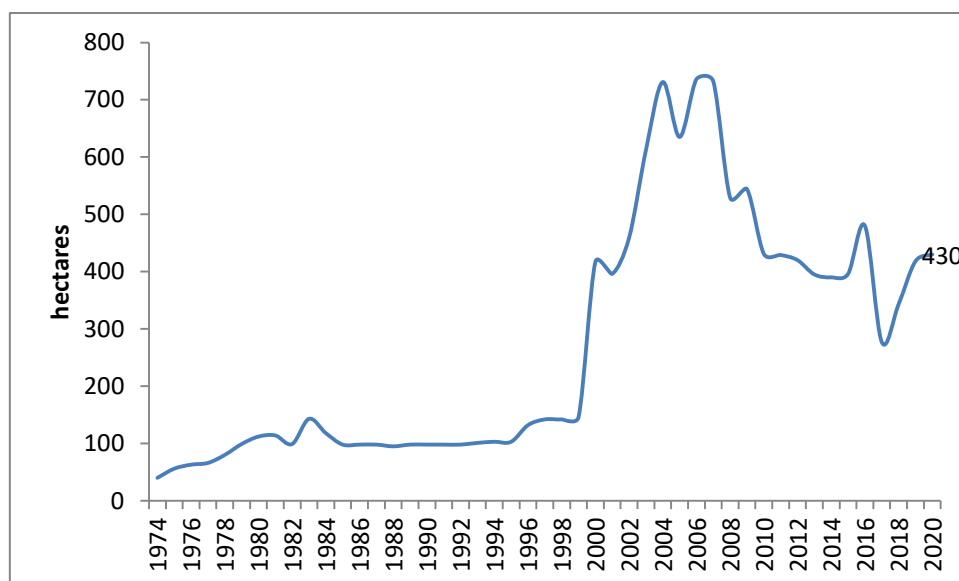


Fonte: PAM (2020), IBGE.

b) Área colhida

A área de colheita de tangerina acompanha o mesmo cenário desenvolvido no indicador de quantidade, como não poderia deixar de ser.

Gráfico 74- Evolução da área colhida de tangerina em Sergipe (1974-2020)



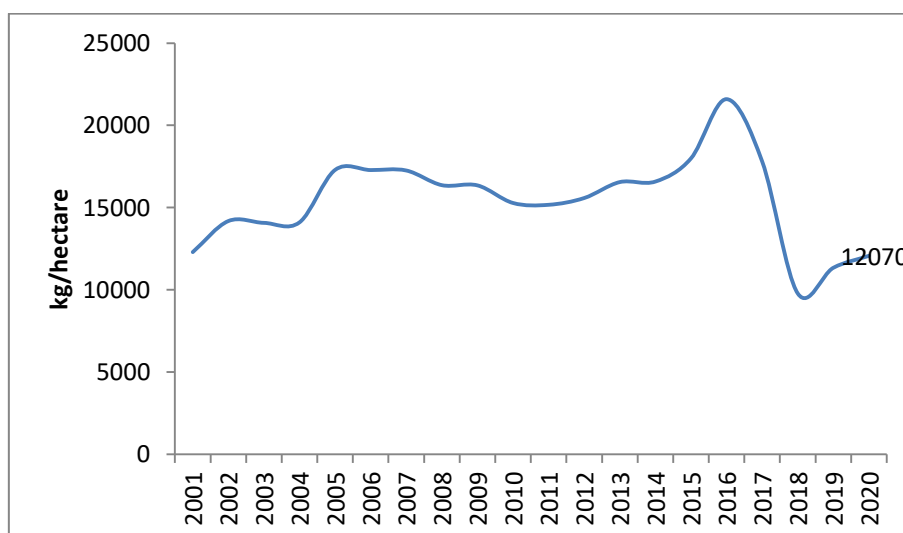
Fonte: PAM (2020), IBGE.

Em 2020, foram colhidos 430 hectares de terra para tangerina no estado, ante 418 em 2019, revelando estabilidade. Em seu auge, a produção chegou a ocupar 736 hectares, no ano de 2006.

c) Rendimento médio.

Em relação ao rendimento médio, os últimos cinco anos foram de queda, após o ápice da série histórica ter sido atingida em 2016, com a marca de 21.592 kg/hectare. Em 2020, foram 12.070 kg/hectare, indicando estabilidade ante 2019, quando a marca foi de 11.342 kg/hectare.

Gráfico 75- Evolução do rendimento médio de tangerina em Sergipe (1974-2020)

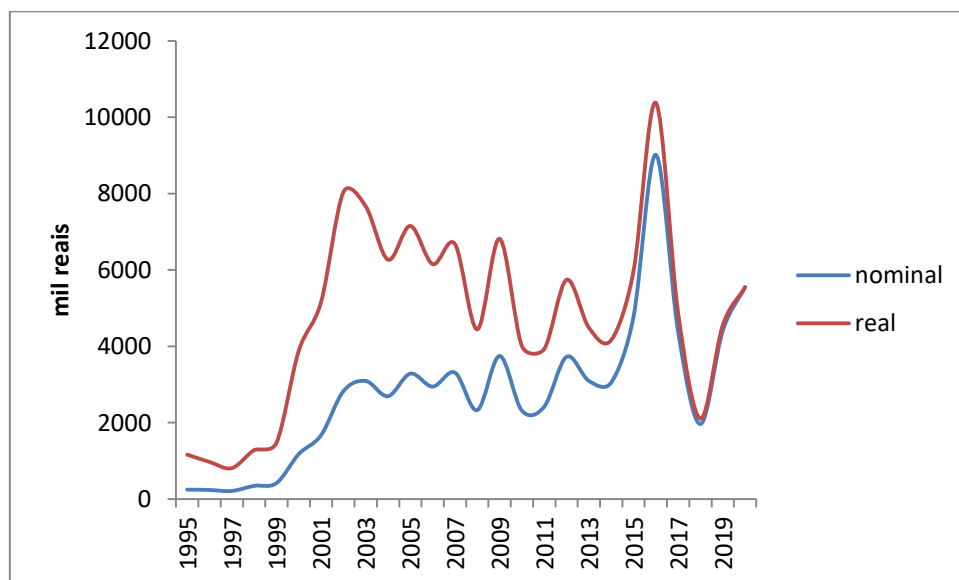


Fonte: PAM (2020), IBGE.

d) Valor de produção.

Em 2020, a produção foi estimada em R\$ 5.549.000, indicando estabilidade em relação a 2019. A partir de análise mais ampla, percebe-se que afora o ano de 2016, onde há ponto fora da curva, os valores, em termos nominais, se mantêm em um mesmo patamar médio de R\$ 3.000.000.

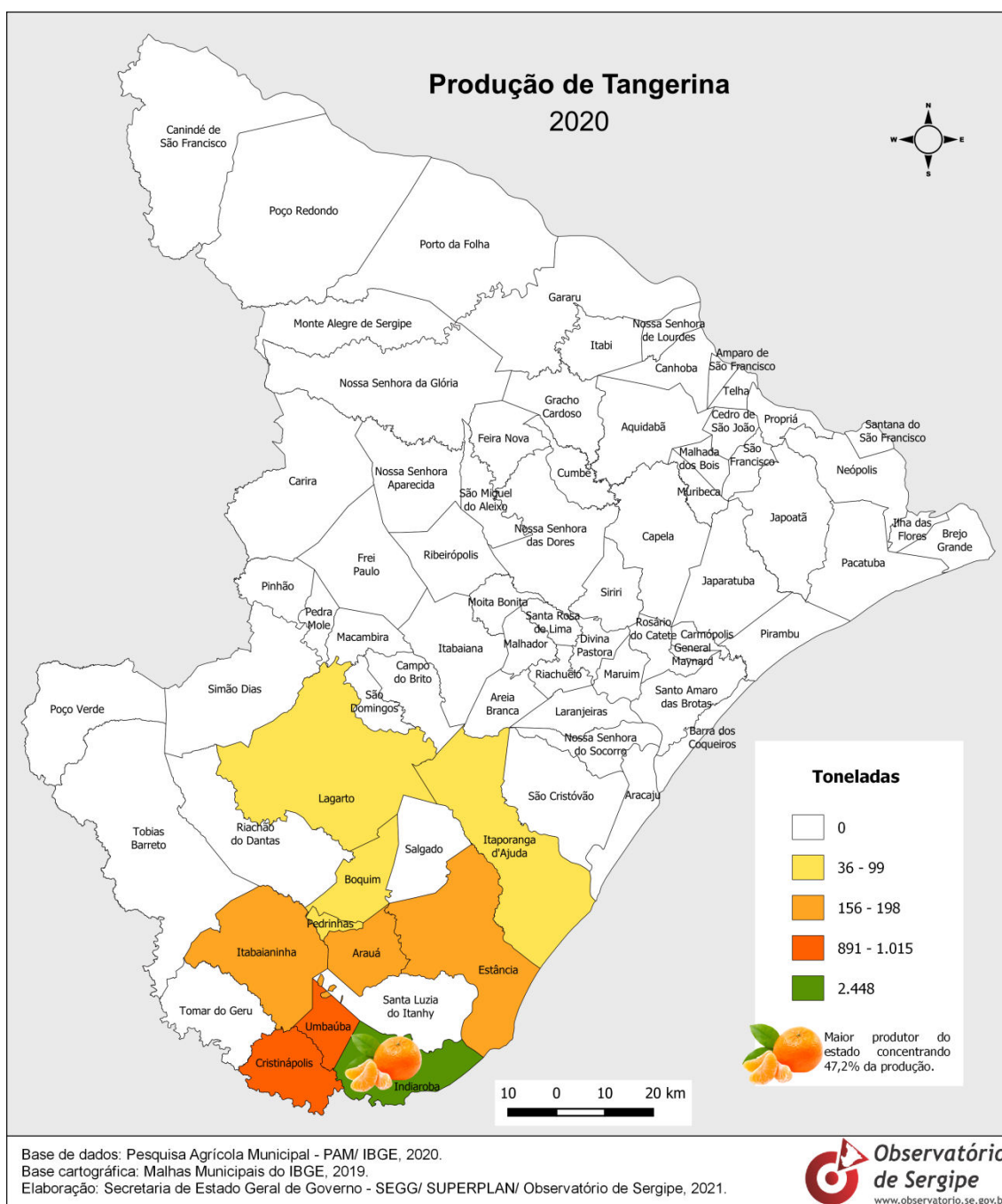
Gráfico 76- Evolução do valor de produção (nominal e real) de tangerina em Sergipe (1974-2020)



Fonte: PAM (2020), IBGE.

Segue abaixo da cartograma da produção estadual:

Figura 16- Cartograma da produção de tangerina em Sergipe em 2020.



4. Análise territorial da produção agrícola em Sergipe- 2020

4.1) Valor da produção por município.

Em 2020, Sergipe produziu R\$ 1.786.495.000, conforme já exposto em tópico anterior. A seguir, passa-se a uma análise da distribuição desse valor por município, e, posteriormente, por Território de Planejamento.

Em Sergipe, no ano de 2020, os primeiros dez municípios, em termos de valor de produção, representaram 48,8% do total.

Tabela – Municípios que mais produziram em termos de valor, e sua participação, em Sergipe em 2020.

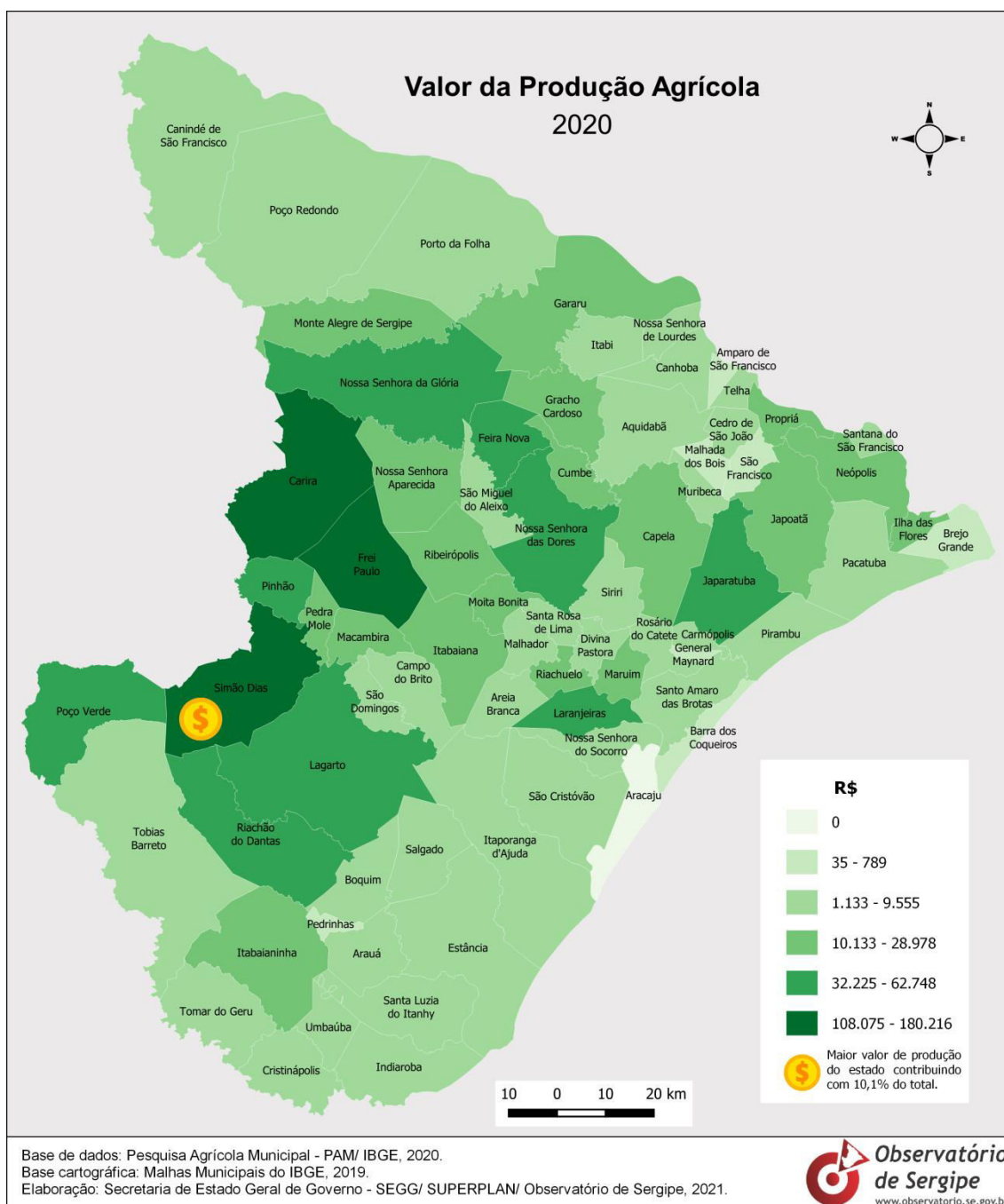
Município	Valor (mil R\$)	Participação na produção total
Simão Dias	180.638	10,1%
Carira	176.366	9,9%
Frei Paulo	108.075	6,0%
Neópolis	72.608	4,1%
Lagarto	64.513	3,6%
Poço Verde	62.748	3,5%
Riachão do Dantas	55.693	3,1%
Nossa Senhora da Glória	52.368	2,9%
Itabaianinha	49.818	2,8%
Japoatã	48.311	2,7%
Sergipe	1.786.495	100%

Fonte: PAM (2020), IBGE.

Os municípios de Simão Dias e Carira lideram o ranking com contribuições muito semelhantes, basicamente em função da monocultura do milho, assim como ocorre com o município de Frei Paulo. Assim, os três primeiros colocados estão inseridos na dinâmica do novo agronegócio do milho no estado, demonstrando a relevância socioeconômica do setor.

Segue abaixo cartograma do valor de produção estadual em 2020.

Figura 17: Cartograma do valor de produção estadual em Sergipe em 2020



A seguir estão listadas as maiores variações no valor de produção na passagem 2019-2020.

Tabela –Municípios com maior variação em seus valores de produção 2019-2020

Município	2019 (mil R\$)	2020 (mil R\$)	variação
Porto da Folha	1.283	6.015	369%
Rosário do Catete	1.558	7.129	358%
Poço Verde	14.512	62.748	332%
Tobias Barreto	3.038	8.894	193%
Itabi	2.316	5.200	125%
Nossa Senhora da Glória	23.492	52.368	123%

Fonte: PAM (2020), IBGE.

À exceção do município de Rosário do Catete, onde há presença de cana-de-açúcar, todos os outros municípios cujas variações se destacaram positivamente são produtores de milho, alguns consolidados, outros observando o processo se consolidando.

As variações nos valores recebidos se explicam, basicamente, pelas variações observadas na quantidade de milho produzida.

Tabela – Variação na quantidade produzida de milho dos municípios que observaram maiores variações nos valores de produção em Sergipe em 2020

Município	Quantidade de milho- 2019 (toneladas)	Quantidade de milho- 2020 (toneladas)	variação
Porto da Folha	1.196	5.250	339%
Poço Verde	18.360	57.720	214%
Tobias Barreto	3.400	7.425	118%
Itabi	2.670	4.785	79%
Nossa Senhora da Glória	27.086	48.150	78%
Frei Paulo	72.000	104.940	46%

Fonte: PAM (2020), IBGE.

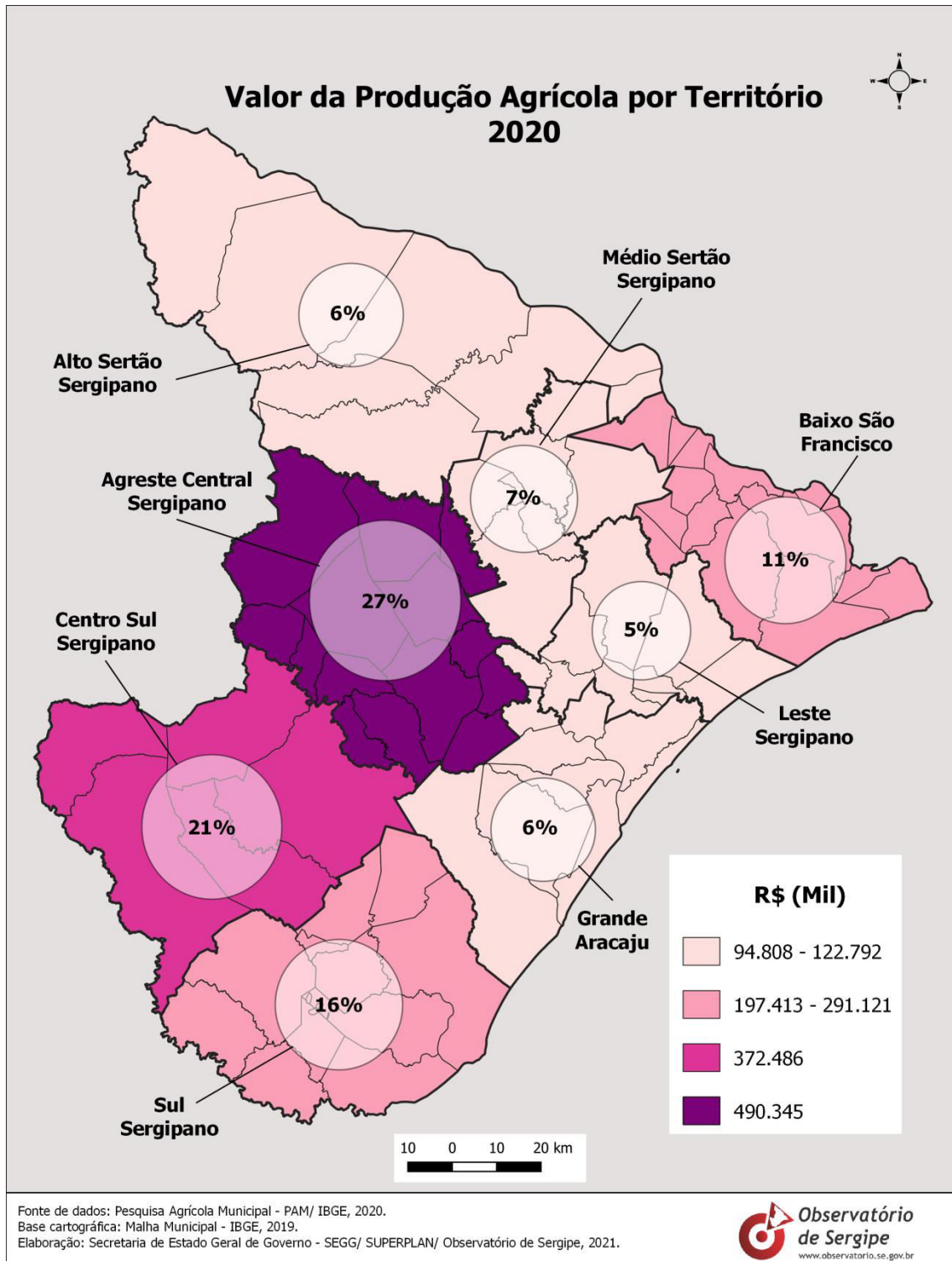
Frei Paulo, Itabi e Nossa Senhora da Glória possuem mais de 99% de seu produto agrícola ligado ao milho e utilizam a totalidade de suas lavouras para a monocultura do grão. Poço Verde (96,2%), Porto da Folha (94,5%) e Tobias Barreto (87,3%) completam a lista, mostrando, novamente, o peso da cultura para o estado.

4.2) Territórios de Planejamento e produção agrícola.

Os Territórios de Planejamento de Sergipe, instituídos pelo Decreto n.º 24.338, de 20 de abril de 2007, constituem essencial ferramenta para consecução das políticas públicas, garantindo a minoração das desigualdades socioterritoriais presentes no estado.

Assim, trata-se de essencial ferramenta não apenas para a intervenção, mas também para análises que subsidiem tais intervenções. Com isso, a seguir, demonstra-se, através de cartograma, a contribuição de cada um deles para o produto agrícola total.

Figura 18: Produção agrícola por Território de Planejamento.



Fonte: PAM (2020), IBGE.

As regiões do Agreste Central e do Centro Sul são responsáveis por, aproximadamente, a metade do valor total de produção agrícola do estado. São regiões que, além de concentrarem a produção de milho, também produzem mandioca e batata-doce.

Também são territórios onde o milho predomina: os territórios do Alto e Médio Sertão, ainda que com diferenças relativas ao tipo de produção do grão.

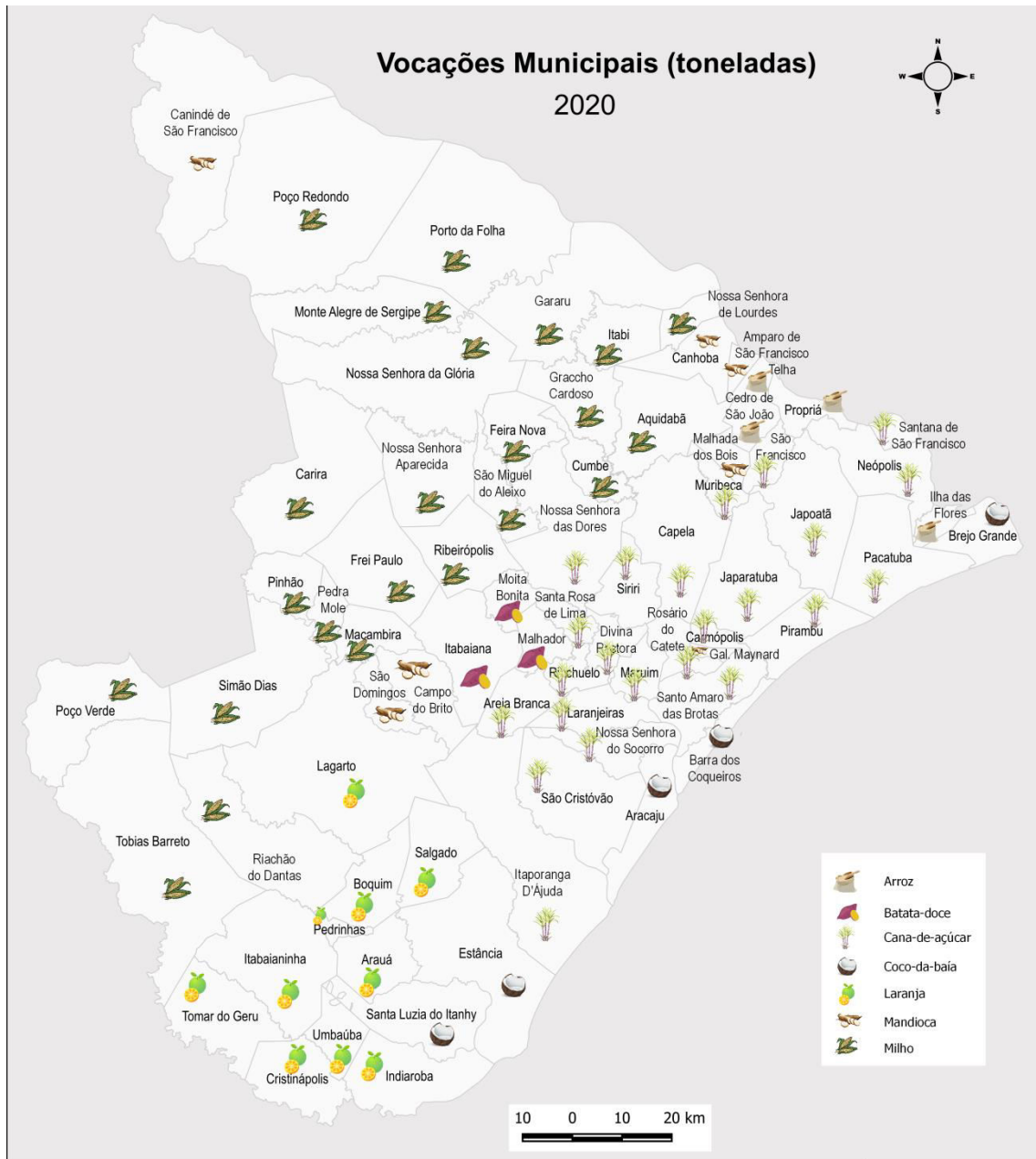
No território do Baixo São Francisco, em que pese o predomínio da cana-de-açúcar, é de se destacar a produção de arroz, principal produto de três municípios da região: Cedro de São João, Ilha das Flores e Propriá.

No caso do território do Sul Sergipano, a predominância é da produção de frutas, em especial a citricultura e o coco-da-baía.

Por fim, a cana-de-açúcar predomina nos territórios da Grande Aracaju e do Leste Sergipano, onde está localizada a faixa territorial conhecida por Zona da Mata nordestina.

Segue abaixo cartograma da produção agrícola estadual destacando o principal produto de cada município.

Figura 17- Cartograma das vocações municipais em Sergipe em 2020.



Base de dados: Pesquisa Agrícola Municipal - PAM/ IBGE, 2020.
 Base cartográfica: Malhas Municipais do IBGE, 2019.
 Elaboração: Secretaria de Estado Geral de Governo - SEGG/ SUPERPLAN/ Observatório de Sergipe, 2021.



Fonte: PAM (2020), IBGE.

5. Considerações finais.

De acordo com os dados da Pesquisa Agrícola Municipal, Sergipe produziu um total de dezessete culturas em uma área de 275.690 hectares.

Em termos de valor nominal, foram produzidos R\$1.786.495 a partir do campo sergipano, no ano de 2020, um valor recorde na série histórica iniciada em 1974.

Os cinco primeiros municípios em termos de valor de produção- Simão Dias, Carira, Frei Paulo, Neópolis e Lagarto- contribuíram com 33,6% do total.

O principal produto da lavoura sergipana foi, mais uma vez, o milho. Em processo de expansão pelos territórios agrestino e sertanejo, o grão já está presente em dezesseis municípios e ocupa mais de 90% das áreas de lavoura em todos eles. Foi produzido um total de R\$940.512.000 através desta lavoura, o que equivale a 52% do produto agrícola do estado.

Destaca-se, ainda, a batata-doce, que, apesar de apresentar números bem inferiores em relação ao milho, continua sendo o principal produto de alguns importantes municípios do agreste sergipano, como Moita Bonita e Itabaiana, dois dos principais produtores do tubérculo no país. Em 2020, o produto apresentou alta de 54% em seu cultivo, em relação a 2019.

Observa-se o desaparecimento gradual das culturas do feijão e da mandioca, como consequência direta do avanço do milho sob a lógica do agronegócio.

As lavouras permanentes, por sua vez, apresentam tendência de queda a longo prazo, com destaques para a citricultura e o coco-da-baía. A laranja, um dos principais produtos sergipanos, inclusive para a pauta de exportação, vem em queda desde 2014.